

Marie Morin

Eternidade

Emily Hendricks realizou um sonho - acaba de comprar um pequeno castelo escocês, fechado, com tudo dentro. Infelizmente, ele também veio com um caixão e um vampiro que adormeceu por 200 anos e está trabalhando sob a crença equivocada de que o castelo é dele.

Disp em Esp: Fernanda e circemaia

Envio do arquivo e trad: Gisa

Revisão: Audrey Suria

Revisão Final: Tessy

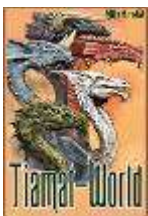
Formatação: Gisa

Tiamat - World

Nota da Revisora Audrey Suria: esse livro é uma graça, muito fofo ri muito com ele e é hot....

Nota da Revisora Tessy: Adorei!!! Meninas o livro é muito bom.... É leve, engraçado e tem cenas quentíssimas... Se quiser dar boas gargalhadas esse é o livro!! Muito bom.....





Este é um trabalho de ficção. Todos os personagens, eventos, e lugares são imaginação do autor, e não devem ser confundidos com fatos reais. Qualquer semelhança com pessoas reais ou eventos é mera coincidência.

Dedicado:

Este é para mim fã, Shirley S, com desculpas adiantadas por qualquer e todos os enganos que possa encontrar aqui. Nunca fui à Inglaterra exceto pelos livros e minha imaginação, mas eu fiz o meu melhor para ser tão precisa quanto foi possível em retratar a terra de meus antepassados com o carinho e afinidade que sinto por ela.

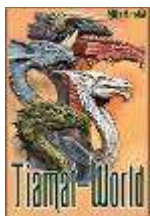
Capítulo Um

A alegria encheu o coração de Emily Hendrick até transbordar. Ela tinha realizado seu sonho. Levou cada centavo de sua herança e de suas economias. Vendeu tudo o que possuía de valor e estava endividada até os olhos, mas agora era a orgulhosa, nova proprietária de um castelo Escocês de verdade.

Sua alegria a sustentou em seu aterrador voo da Geórgia a Nova York e daí a Inglaterra. Não é que alguma parte de sua viagem fosse particularmente memorável, mas foi suficiente, na opinião de Emily para manter seu traseiro a um foguete e confiar que o “aparelho” a sustentaria o suficiente para chegar onde se dirigia, isso sem contar com os loucos vagando pelo mundo, sem nada mais que morte e destruição em suas mentes.

Sua alegria não a manteve só no controle alfandegário, e com a dor de cabeça para alugar um carro, quando seu inglês não era exatamente inglês, e quando empilhou seus poucos pertences no carro, seu entusiasmo cresceu enquanto conduziu fora do aeroporto de Heathrow e se se dirigiu ao norte.

Foi desorientador encontrar-se no lado “errado” da estrada cada vez que conseguia tirar sua mente, e seu olhar, das imagens ao lado de seu assento, mas logo ela se recordava, antes que causasse um acidente múltiplo automobilístico, que se supunha deveria estar no lado equivocado



da estrada.

— Esquerda, esquerda, esquerda! — Ela murmurou, tratando de acalmar o palpitar selvagem de seu coração.

Sua empolgação diminuiu apenas ligeiramente, quando ela por fim chegou à vila mais próxima de seu castelo e descobriu que seu agente imobiliário, já tinha ido para casa à noite. Acalmando sua impaciência com um esforço, Emily encontrou hospedagem para a noite e se instalou para esperar uma noite mais antes que pudesse ver seu formoso bebê.

Ela estava andando na calçada em frente ao escritório de Gregory MacGregor quando ele chegou à manhã seguinte. Ele era um homem mais velho, cabelo grisalho sua barba e o cabelo cresciam como se fosse um monge.

—Sr. MacGregor?

Ele virou-se de sua porta e olhou novamente.

—Sim.

Emily sorriu aliviada, com interesse crescente.

—Sou Emily Hendricks.

Ele franziu a testa, como se tratasse de lembrar por que esse nome soava tão familiar, depois finalmente sorriu.

—A ianque?

—OH, não sou uma ianque. —Emily o corrigiu— Sou da Geórgia.

Ele ficou desconcertado.

—Da Rússia?

Emily ficou boquiaberta sem compreender.

—Não. Dos Estados Unidos. Sou a que comprou o castelo MacKissack?

Sorriu a ele e esperou.

—OH claro St^a. Hendricks. Estava a esperando ontem. — Ele abriu sua porta e a empurrou— O sotaque me desconcertou um pouco. Então não é uma ianque?

Decidindo que realmente não queria se explicar, Emily ignorou a pergunta, seguindo-o ao escritório.

—De fato, cheguei ontem, mas você havia ido. Tive que passar a noite na...uh... pousada. — O olhou enquanto ele se movia pelo pequeno escritório— Estou muito ansiosa de ir ao castelo.

—Sim, esperava fazer a papelada antes de ir.

—OH. Claro. Pensei que já estava feito?

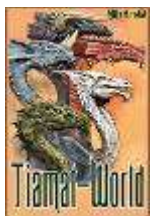
Ele foi até um arquivo, folheou algumas pastas e finalmente tirou uma voltou a seu escritório.

—Somente algumas mais.

Emily olhou os papeis rapidamente e assinou seu nome ao final de cada um.

—Bom agora, temos tudo em ordem, isso acredito. — Ele disse soando um pouco aliviado — Só me deixe fechar e faremos um tour.

Emily franziu a testa, mas finalmente deu de ombros e foi ao carro para esperar. As fotos



que tinham enviado do castelo estavam, uma vez mais, no assento do lado e as recolheu, estudando-as amorosamente enquanto esperava.

O som alheio da buzina de um carro a tirou de sua absorção e virou, para ver que o Sr. MacGregor tinha posto seu carro ao lado do de ela. Ele disse algo, mas ela não entendeu. Sorrindo e assentindo de todos os modos, acelerou o carro e virou para segui-lo.

Os sotaques estavam dando-lhe mais problemas dos que tinha previsto.

Em algumas coisas era parecido aos EUA, concentrado. A cada poucas milhas encontrava grandes ou pequenas diferenças nos sotaques. Nos EUA, os sotaques normalmente não variavam muito até que a pessoa cruzasse outro estado. O pior foi o fato de que eles não a entendiam muito bem e vice-versa. Ouviu falar que os sotaques britânicos, eram muito parecidos com o seu, mas não parecia ser o caso nesta área. Ela se sacudiu. Iria se acostumar depois de um tempo, e oxalá eles também se acostuariam ao dela.

Estava tão ocupada admirando a paisagem, que quase perdeu o carro do Sr. MacGregor quando ele desviou e fez um giro abrupto, entre duas portas em ruínas. Olhou as portas curiosamente, mas ainda estava nervosa porque quase se perdeu assim não as viu muito.

Assim que passaram o portão, a estreita estrada começou a subir e curvar. O cabelo dele fazia impossível ver outra parte da estrada e Emily manteve um olho cauteloso no para-choque do Sr. MacGregor. Quando ele desviou da estrada abruptamente e estacionou o carro, Emily pensou que ele saiu da estrada. Entretanto ele saiu de seu automóvel um momento depois, fazendo gestos, então ela também, estacionou, olhando a ruína projetada pela sombra sobre o pasto onde estavam.

Supôs que queria mostrar a ela algumas das construções com o passar do caminho, mas não estava interessada em visitas turísticas no momento.

Suspirando desceu do carro. Sorriu a ela, abrindo seus braços ao longo.

—E, aqui estamos.

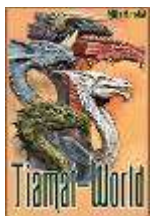
—Onde?

—O castelo MacKissack, moça.

Emily virou-se, olhando sobre os campos e finalmente encarou à construção de pedra em ruínas. Parecia vagamente familiar e um estranho nó se formou na boca de seu estômago. Estreitando seus olhos contra a luz do sol que estava espalhando-se ao redor do montão de pedras e, em alguns lugares, ela estudou o largo fosso na parte da frente.

Um conjunto oxidado de suporte de colchão estava fora e outro dentro da sujeira ao fundo do fosso. Havia um aparelho abandonado, também, que parecia ser uma estufa, ou possivelmente uma máquina de lavar roupa. Rodas, aros e vários objetos não identificáveis. Uma estreita, uma muito estreita, ponte estendia-se sobre a vala. Parecia grande o suficiente para que passasse um carro, mas se via apenas maior que um corredor.

Sentindo uma onda de náusea sobre ela, Emily abriu a porta do carro, inclinou-se e pegou as fotos do assento. Quando saiu outra vez, tirou as fotos e olhou-as sob a fachada oeste e a “entrada principal”. Eles tinham uma estranha semelhança com as ruínas que ela estava olhando,



exceto pelo fato de que nas fotos havia água no poço (fosso), em vez de um par de resíduos.

—Ahh, mas é um espetáculo, certo? — Sr. MacGregor disse, radiante para ela.

Emily apenas o olhou.

—Isto não... Isto não... Você não está dizendo...— Parecia que não podia tirar as palavras de sua boca.

Ele assentiu feliz.

—Ficou sem palavras, não é? É uma grande vista! Claro que isto só é uma pequena propriedade do clã MacKissack. Ele não viu muita ação, mas é um bom exemplo do período medieval, e ainda esta aqui.

—Então... Onde está o meu castelo? Está perto daqui?

Ele deu a volta e a olhou como se ela fosse louca.

—Sim, esta parada sobre ele, moça.

Emily sacudiu sua cabeça.

—Não. — Assinalou com um dedo nas imagens que sustentava em sua mão tremulas — Este é meu castelo.

Franzindo a testa. Pegou a foto e a olhou.

—Sim, estas são as fotos que te mandei.

Emily suspirou, sentindo uma pontada de indignação que começou a passar por ela através de seu choque e consternação.

—Mas... Mas... Quando essas fotos foram tiradas?

Ele franziu a testa, coçando a cabeça pensativo.

—Bom... Não poderia te dizer. Penso que provavelmente antes da primeira guerra mundial, para ser exato.

—Que guerra? A conquista normanda?

Ele riu com seu sarcasmo.

—Não. Não estava aqui então. Meu avô trouxe um homem de Londres para tirar as fotos.

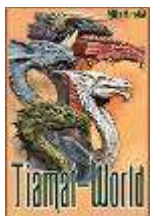
—Seu avô! — Emily ofegou da incredulidade.

—Sim. Não são tão recentes quanto eu gostaria, mas não tinha muito sentido em trazer um fotógrafo que viesse de tão longe, quando as encontrei.

Emily parecia que não podia fazer nada mais que ficar boquiaberta, sua boca começou a trabalhar como um peixe, que de repente se encontrou fora da corrente.

—Venha. Vou mostrar os arredores. Sei que está ansiosa por vê-lo.

O tour não ajudou muito a Emily. Segundo no folheto que havia chegado, o castelo tinha sido “modernizado”. A ideia escocesa de modernidade não era a mesma que a dela. No centro de cada um dos dez cavernosos quartos do pequeno castelo, havia um cabo que foi jogado do teto. Um buraco nu e uma lâmpada pendurada ao final. Teoricamente, estas foram colocadas para fora com uma corrente pendurada no soquete, mas estava podre e quebrada quando o Sr. MacGregor puxou-as. Encolhendo seus ombros, ele tirou uma lanterna de seu bolso, a iluminou e mostrou o quarto.



—O gerador não está ligado de todos os modos.

—Gerador? — Perguntou em um murmúrio.

—Sim. A empresa de energia elétrica tem linhas aqui, mas uma tempestade as levou alguns anos atrás, e não voltaram a colocar.

—Faz quantos anos?

Ele coçou a cabeça, franzindo a testa.

—Isso deve ter sido por volta 75, acredito.

—Mil novecentos e setenta e cinco? Ou mil setecentos e setenta e cinco?

Ele riu.

—Não foi faz tanto tempo. Estou seguro de que não haverá problema em trazê-los e que os coloquem de novo, agora que reparará o lugar. — Vendo sua expressão sombria, levou-a por um corredor e empurrou uma porta na metade do caminho para baixo— Tem o encanamento dentro. Emily não entrou. Ele caiu sobre o antigo banheiro do corredor.

— É Claro que não estará funcionando, sem o gerador para puxar a água. —Ele acrescentou momentos depois.

O resto do tour passou como um pesadelo. Emily sentia como se estivesse lutando para correr por uma espessa névoa cinza, sendo perseguida por algo não identificável. Quando eles deixaram o castelo e se dirigiram aos carros, o Sr. Macgregor a estudou curiosamente por vários minutos.

—Eu acho que não há telefone. — Emily conseguiu dizer através do nó de miséria em sua garganta.

—Não, foi com as linhas de luz. — Disse quase alegremente.

Ela o olhou, lutando com a urgência de envolver seus dedos ao redor de sua garganta e apertar até que seus olhos saíssem de suas orbitas.

—Penso que um telefone celular poderia funcionar, mas quem sabe talvez não.

—Não importa, porque não tenho um. — Emily disse apertando seus dentes.

Ele assentiu, coçando a cabeça.

—Bom, vou então.

Emily apenas o olhou, pensando que era algo muito bom que ela não tivesse uma arma. De outra forma se via tentada a disparar e jogar seu corpo na sarjeta ou fosso com o resto do lixo empilhado.

—Suponho que não conhece alguém que pode arrumar o gerador?

Ele sorriu.

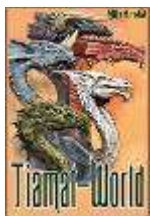
—Meu sobrinho, Angus é muito bom com as máquinas.

Emily virou-se para ver seu elefante branco.

—E talvez possa chamar à companhia de telefone e luz e fazer um pedido por mim?

—Claro. Estaria feliz em fazê-lo. Se quiser, posso perguntar por aí por um homem que te ajude.

—Isso seria de muita ajuda. — Disse Emily, apertando seus dentes em uma imitação de



sorriso.

Suas sobrancelhas se levantaram, mas finalmente concordou, assentindo com seu chapéu e subiu de retorno ao carro.

Ficou olhando até que seu carro desapareceu, desejando que houvesse um precipício entre o castelo MacKissack e a vila, onde pudesse cair.

A tristeza se apoderou dela quando ele desapareceu. Resistindo à urgência de só cair no chão e chorar, Emily retornou a seu carro e começou a estudar o folheto e as fotos.

Aí estava, o pequeno impresso, mas legível: “Fotos tirada em torno de 1940.”

Supunha-se que já tinha visto o título, mas não conseguia se lembrar, talvez porque ela assumiu que o castelo estava sendo cuidado, mantido como havia estado nas fotos? Ou talvez, por que ela tinha vivido em um mundo de sonho desde a primeira vez que se fixou no anúncio? Suspirando, viu seu castelo por um momento.

Finalmente, dando-se conta de que tinha que ficar na coisa, ao menos até que pudesse averiguar se havia alguma forma em que pudesse escapar negócio e recuperar seu dinheiro, entrou em seu carro e começou a descer seus pertences.

Estava andando pelos corredores ressoantes, tentando fazer um inventário mental de tudo o que precisava fazer, quando Angus MacGregor apareceu. Aliviada, enviou ele para que olhasse o gerador, e que desse uma estimativa de quando poderia deixá-lo funcionando.

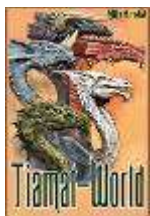
Ela estava na parte de cima do castelo, vendo a distância, quando ele a encontrou de novo. Sua sugestão foi de jogar no lixo e que comprasse um novo, mas finalmente concordou vê-lo e ver se podia manobrá-lo e fazê-lo funcionar. Ela teria preferido simplesmente abandonar o lugar e ficar em uma pousada, mas não poderia pagar. Endireitando suas costas, tomou com cuidado o estreito caminho para baixo, pegando as escadas que davam à torre e ao “quarto principal”.

Tinha comprado o lugar fechado, com pertences e barris. Os móveis que tinham eram de 1700, o qual adorou quando leu. Atualmente, as peças estavam em um estado terrível, mas assumiu que podiam ser limpas e restauradas. Isso se fosse criar um alojamento de café da manhã para os turistas, assim poderia manter o lugar.

Ignorando seus pensamentos morbosos, foi para as janelas. Tinham-nas pintado estando fechada, mas felizmente a pintura estava rachada e descascando. Conseguiu fazer que uma janela abrisse cerca de dois centímetros e outra quase na metade antes que emperrasse. O fato de ter vidro nas janelas era pura sorte. O cristal parecia ser de 1700 também. Os painéis deixavam entrar luz, mas eram muito imprecisas, tornando impossível conseguir muito de uma vista.

O que mais precisava, decidiu finalmente, era material de limpeza. O lugar estava coberto de poeira e teias de aranha. Os tecidos ao redor do quarto estavam quase podres, mas trouxe algumas coisas de sua antiga casa. Se o colchão não estava podre, também, poderia dormir um pouco.

O colchão que descobriu quando desfez a cama, era quase moderno. Não podia ter mais de cinquenta ou sessenta anos. Havia uns poucos buracos, e supôs que os ratos os fizeram, mas depois de provar a cama decidiu que podia suportar seu peso sem entrar em colapso.



A lâmpada acima de sua cabeça piscou algumas vezes para finalmente brilhar.

Emily viu, sentindo seu primeiro aparecimento de esperança desde que chegou. Se foi outra vez. Suspirando, voltou a limpar. Uma voz ressoou no salão, como o lamento de alguém morto faz tempo e Emily deu um pulo.

—Senhorita Hendricks?

Aliviada quando se deu conta de que era Angus MacGregor, Emily pôs sua mão em seu coração palpitante.

—Já vou!

Ela o encontrou no corredor perto da escada principal. Ele estava sorrindo triunfalmente.

—Fiz ele funcionar.

—Fez? Mas a luz se foi outra vez.

Ele franziu a testa, seguindo-a quando ela o dirigia de retorno à sala. Depois de olhá-lo por um momento, viu seu redor e finalmente arrastou uma cadeira sobre o piso. Sobre ela, ele analisou o foco, dando a volta para o outro lado. Quase caiu da cadeira quando acendeu.

—Só estava solto. Parece que é tão velho como meu tio pensou, assim estará na esperança de que arrume algo mais. — Ele desceu de novo— Se me seguir ao calabouço, mostrarei a você como ligar e desligar o gerador .

—Calabouço? — Emily disse em murmúrio.

—Sim, suponho que agora o chamariam de adega, mas para isso foi construído, para manter prisioneiros nos velhos tempos. Não fazendo caso disso, Emily se concentrou no problema.

—Não posso só deixar o gerador funcionando?

—Só suporta o suficiente combustível para algumas horas. Queria te avisar para conseguir um extra para que suporte por um tempo.

—Posso imaginar isso. — Emily murmurou, seguindo-o para baixo e à “cozinha moderna.”

Tomando uma lanterna, ele abriu uma porta do lado mais longínquo.

—Não há luzes lá embaixo?

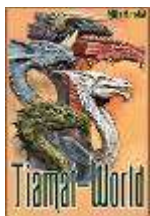
Deu de ombros.

—Não que tenha visto.

—Isto só fica melhor e melhor. — Emily murmurou, seguindo-o para baixo nas escadas íngremes. Sentiu como se entrasse em uma cova. Mais à frente do estreito brilho, não havia nada, só escuridão tão profunda que quase parecia sólida. Para seu alívio, descobriu que o gerador estava ao pé da escada. Agachado ao lado do gerador, MacGregor apontou um par de válvulas e interruptores. Depois de realizar o processo algumas vezes e ver q ela entendeu levantou-se outra vez iluminando novamente ao redor.

—Alguém poderia pensar que teriaAhh. Há uma luz, lá. Me deixe ver se ainda funciona.

Antes que ela pudesse estar de acordo ou protestar, ele a deixou ao lado do gerador e desapareceu na penumbra, aparentemente procurando algo ao que subir. Emily estremeceu, congelada no lugar, seu olhar pego ao brilho de luz. Finalmente, escutou a batida da madeira na pedra.



Depois de alguns momentos, escutou o barulho de uma corrente contra o vidro e depois uma fraca luz se derramou, perseguindo um pouco de escuridão a uns poucos metros. Piscando para ajustar seus olhos, Emily olhou ao redor nervosamente e congelou.

— Isso não é... Não é isso... Isso é um caixão? — Emily ofegou com horror. MacGregor soltou um grito e caiu da cadeira instável de onde estava.

Capítulo Dois

Nigel MacKissack foi voltando lentamente a consciência, perguntando-se o que havia perturbado seu descanso. Parecia ver uma grande quantidade de atividade para fora de seu caixão, coisas batendo e maldições a seu redor e ele franziu a testa, sentindo penetrar lentamente a ira em seu atordoamento.

O'Neal teve um melhor critério para se preocupar. Que diabos havia a seu redor?

O som finalmente cessou, considerou inundar-se de novo, mas uma pontada de fome o pegou. Suspirando, percebeu que não seria capaz de dormir a menos que fizesse algo a respeito. Sentindo o fecho, empurrou a tampa, descobrindo no processo que era tudo o que podia levantar.

Estava sem fôlego, para quando conseguiu abri-la. Descansando por uns momentos, tratou de lutar com o alarme que cresceu dentro dele, ao descobrir que estava muito fraco. Nigel finalmente conseguiu sair. Teve que agarrar-se uma vez que o fez.

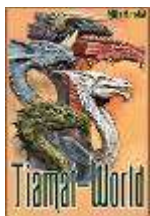
A primeira coisa que pegou seu olhar quando olhou com curiosidade, foi uma cadeira quebrada. Ficou vendo por um tempo e depois se fixou na luz que a iluminava. Uma vela pendurava de uma corda, presa ao teto. Ficou olhando a estranha imagem sem compreender, e depois se deu conta de que não era uma vela. Enquanto se movia ao redor do caixão para ver melhor, seu kilt (saia escocesa) caiu, olhou à descolorida e empoeirada, bola de tecido, surpreso, até para pensar no por que tinha caído. Finalmente se inclinou e a recolheu, estudando-a curiosamente. Era tão velha que se desintegrou em suas mãos.

— Maldito inferno! — Soltando o trapo, examinou a camisa. Também se desfez ao momento em que tocou, e se encontrou parado no frio calabouço sem nenhuma roupa.

Seu estomago protestou de novo, o recordando que estava fraco pela fome. Quanto tempo tinha estado dormindo?

Supunha que O'Neal, ia desperta-lo antes de 1800, antes que sua saúde começasse a falhar. E, no caso de que O'Neal não pudesse vir, seu filho viria. Mas a roupa que tinha tido posta, malditamente era mais velha que cinquenta anos. Adivinhando, ele pensou ter mais de cem anos.

Escutando sons que vinham de cima, olhou para cima e se distraiu uma vez mais com a luz estranha. Movendo-se para ela, parou quando esteve debaixo, vendo a bola de cristal. Não era uma vela. Não era uma chama até onde pôde ver. Gás? Mas embora fosse uma chama precisaria de ar para que queimasse. Esta coisa estava completamente presa em um cristal até onde pôde



ver não estava queimando-se, apenas brilhava e era muito mais brilhante que qualquer vela que ele tivesse visto.

—Alguns artefatos novos. — Murmurou, pensando em que mais tinha mudado desde que decidiu dormir por um tempo.

Perdendo o interesse na luz, fechou seus olhos, comandando a seus sentidos, mas descobriu que estava muito fraco para detectar algo. Ainda era de dia. Era tudo o que sabia. Estava tão faminto que se viu tentado a sair de todos os modos, mas em seu estado de debilidade, o sol provavelmente drenaria sua pouca energia que ainda restava. Além disso, pensou que não era o suficientemente forte para apanhar algo à luz do dia e ele não só necessitava comida. Necessitava a energia que só podia encontrar em uma coisa viva.

Suspirando com uma mistura de cansaço e desgosto, sentou fracamente nas escadas esperando pelo anoitecer, escutando a atividade que havia acima e pensando em quem demônios estava em sua casa.

Emily não podia esquecer-se do caixão. Angus tinha ido como um gato que dispararam em suas costas, assim que ficou em pé, renunciando a qualquer conhecimento disso.

Não poderia estar ocupado, ao final se decidiu. Estaria enterrado, ou em um mausoléu ou algo, não no porão... Calabouço corrigiu-se. Fez seu melhor esforço em limpar o quarto que tinha escolhido, mas justo quando notou que as sombras do quarto cresciam, ocorreu a ela pensar que necessitava de gasolina para o gerador, se é que não queria sentar-se no castelo na escuridão. Necessitava muitas coisas, de fato.

Estava suja pelo trabalho, mas não teve tempo de tomar banho e ir a vila e retornando antes que escurecesse. Provavelmente não teria tempo de voltar antes do anoitecer se fosse imediatamente, pensou com ironia.

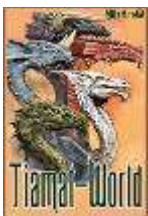
Finalmente apenas se tirou o pó de sua roupa, foi ao banheiro para lavar o rosto e mãos e, depois de pegar sua bolsa, dirigiu-se ao carro, fazendo uma lista mental das coisas que absoluta e verdadeiramente, ela teria que ter imediatamente.

O traseiro de Nigel estava frio e insensível por sentar-se no degrau de pedra, para o tempo em que ele julgou que o sol já se foi. Sua cabeça latejava com uma combinação de fome e o som da coisa que estava ao pé da escada que tinha estado gemendo e tossindo sem parar desde que despertou.

Os cômodos na parte de cima da escada, que uma vez foram os quartos do pessoal da cozinha haviam se transformados em uma cozinha. Por sua condição, estava certo que não tinha sido feito recentemente, e uma vez mais se perguntou; quanto tempo tinha estado dormindo.

Estava um pouco curioso, não alarmado. Tinha assuntos mais urgentes que atender de momento. Estava bastante surpreso de descobrir que seu quarto tinha mudado, também, e sentiu raiva pela primeira vez.

—Que diabos! — Rugiu— Onde demônios estão minhas coisas?



Caminhando zangado pelo quarto, revisou o armário, chiou seus dentes com uma fúria impotente, quando encontrou tudo vazio sem nada mais que pó. O mesmo foi quando revisou o baú ao pé da cama. Finalmente se deixou cair na beira da cama, muito fraco a pesar da irritação, para fazer algo mais que um brilho de fúria mais do que qualquer coisa em particular, enquanto tratava de imaginar o que fazer com sua situação.

A cama rangeu constantemente quando depositou seu corpo nela e conteve seu fôlego, perguntando-se ela quebraria de tão velha. Quando não aconteceu deixou a irritação absorve-lo novamente. Ele não era dos que sentia vergonha de andar por aí sem roupa, mas seria difícil andar nu pelo campo sem chamar a atenção.

Depois de um tempo, aborreceu-se pensando que ia fazer com O'Neal, uma vez que o tivesse em suas mãos e se deu conta que tinha estado olhando por algum tempo um monte de coisas que pareciam ser de viagem. Não tinha se dado conta em princípio porque estava muito furioso para pensar bem, e também porque as coisas não se pareciam com nenhuma mala que ele tivesse visto. Entretanto, finalmente decidiu que isso era o que era.

Alguém ia a alguma parte.

Bom, se O'Neal estava pensando que se livraria tão fácil, ele tinha outra ideia em mente!

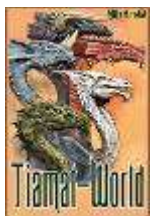
Caminhando para as bolsas, levantou a mais pesada. Era surpreendentemente muito pesada para seu tamanho e se perguntou se tinha alguma roupa, mas decidiu dar uma olhada. Colocando-a na parte de cima do pé da cama, examinou-a e viu que tinha um pequeno fecho. O fecho parecia estar quebrado. Apenas se deixou cair ao redor, quando ele o moveu com seu dedo, mas decidiu que tentaria fazê-lo funcionar de qualquer forma. Segurando-o entre o polegar e o indicador o apertou. Para sua surpresa, fez um estranho som e deslizou para o lado. Ao tempo que isto passava o conteúdo, sob o que parecia ser uma pressão considerável começou a expandir-se, empurrando-o mais e a estranha coisa se ampliou.

Eram várias coisas curiosas, mas viu, que de fato havia roupa dentro, e Nigel decidiu que veria a roupa estranha depois. No momento não podia pensar muito, além da fome. A roupa era tão rara como o estranho objeto e o ferrolho do mesmo. Nenhum dos tecidos eram feitos de algo que considerasse familiar e a roupa era vagamente reconhecível. Tomou as peças uma por uma e as examinou.

Claramente, era roupa de homem, mas o tipo devia ser um miúdo. Sustentou um par de calças, examinando-os logo franziu a testa e finalmente os sustentou à altura de sua cintura. Ou eram uma medida rara ou o dono só tinha uma parte certa. As calças ficaram em suas pernas a metade do caminho entre seus tornozelos e seus joelhos... muito compridos para serem uns calções e muito curtos para ser roupa casual.

Deixando a roupa a um lado, procurou com a esperança de encontrar um kilt. Não encontrou nenhum, mas ao final do objeto, encontrou o que poderia ser um objeto de vestir das que vão por baixo. Eram de um aspecto sedoso e simples, estava seguro, para ser usado como vestimenta para sair.

—Que demônios se pode cobrir com tão delicado pedaço de tecido? Eu gostaria de saber.



— Murmurou, segurando uma peça brilhante vermelha sustentada por umas cordas e a examinou.

Deixando o artigo, tomo uma peça similar vermelha que parecia uma espécie de cinto (arreios), mais que nada.

—Bom, é seguro que não é para o traseiro de um homem.

Vestimenta de homem para sair e roupa interior de mulher? Suspirando com desgosto, começou a provar as roupas, descartando uma por uma quando descobria que caberia em seu braço, ou em suas pernas. Finalmente, encontrou uma camisa que não tinha botões. Não tinha nem um cordão de pescoço e se perguntou por onde passaria sua cabeça. Para sua surpresa, a coisa parecia que se fazia maior cada vez que a puxava, e logo se fez pequena outra vez. Estirou o tecido, perguntando-se que classe de material faria que mudasse de forma tão rápido.

Apesar das propriedades do tecido, ficou como uma segunda pele e não era muito cômodo. Encolhendo-se de ombros, buscou entre a roupa e desenterrou a peça que ele recordava, que parecia da mesma cor rosa e do mesmo tecido. Não importava muito a cor. Não importava muito a forma em que ficava, mas ao menos seu traseiro estava coberto.

Não pôde encontrar nenhum sapato que servisse. Provavelmente haveria uma dúzia na segunda mala que abriu, mas sabia que seu grande pé não caberia neles.

Descartando-o finalmente, foi em busca de comida. Não podia esperar mais. Tinha que ter algo. Uma vez que ele se alimentasse, uma vez que ganhasse um pouco de força, retornaria e trataria com O'Neal e saberia onde demônios tinha posto seus pertences.

Capítulo três

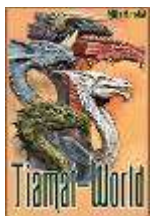
Já estava completamente escuro quando Emily se aproximou do castelo e estacionou. Para seu alívio, viu que as luzes ainda estavam acesas, o que significava que o gerador ainda seguia funcionando. Infelizmente, o castelo não tinha nenhuma luz exterior. Deixando os faróis do carro ligados, ela tirou uma lata de combustível do porta malas e foi para dentro.

Antes que fizesse outra coisa, tentou assegurar-se de que o gerador não parece de funcionar por falta de combustível. Realmente dava medo descer ao calabouço, sabendo que havia um caixão ali. Entretanto, seria mais horripilante estar sentada no castelo em ruínas.

Ela tratou de não olhar o caixão, mas seu olhar seguia dirigindo-se para ele, enquanto enchia o gerador. Quando terminou, pôs a lata em baixo e correu de retorno à escada, calafrios passaram por suas costas.

Para quando terminou de descarregar o carro, deu-se conta de que absolutamente não ia poder dormir no castelo, sabendo que havia um caixão no calabouço, a menos que se assegurasse de que não estivesse ocupado. Tomando coragem, pegou uma lanterna e se dirigiu escada abaixo. Seu coração quase cai quando viu a coisa.

—Está vazio. Se alguém estivesse dentro, estaria embaixo da terra. Não seria deixado aqui,



assim sem mais. — Não se sentiu muito reconfortada.

Finalmente, caminhou lentamente para frente, como se algo de repente saísse correndo. A tampa era surpreendentemente pesada. Teve que abaixar a lanterna e usar as duas mãos para levantá-la. O pelo atrás do seu pescoço se arrepiou, quando finalmente conseguiu levantar a tampa, e saltou para trás. A tampa bateu prontamente, e o som quase a fez desmaiar.

Segurando o fôlego, com a respiração suspensa, lutou e finalmente conseguiu abri-lo de novo, empurrando até que se balançou em suas dobradiças.

Respirando forte, agarrou a lanterna e iluminou o interior. Para seu alívio, viu que estava vazia, à exceção de algumas peças podres de tecido. Estava a ponto de baixar a lanterna e fechar de novo quando um feixe de luz captou o brilho de algo no canto. Curiosa, dirigiu a luz ao lugar. Seu coração pareceu ficar quieto em seu peito.

Era uma moeda de ouro!

—OH meu Deus! — Sussurro Emily, apanhada entre a esperança e a incredulidade, perguntando se era um jogo de sua mente. Movendo-se ao final da caixa, alcançou e pegou, o objeto de ouro, estudando-o de perto.

Era uma moeda de ouro!

Inventada no início de 1700. Emocionada enfiou a moeda em seu bolso da calça e examinou o caixão mais cuidadosamente para ver se havia alguma outra moeda. Não viu nenhuma, mas não ia se dar por vencida até revisá-lo a fundo. Colocou a lanterna para baixo no material irregular que cobria o fundo do caixão e puxou o material que tinha sido pregado nos lados. Estava podre. Os pregos se sustentaram, mas seu dedo segurou uma tira de tecido que se desintegrou. Uma vez que o tecido se rasgava, as moedas caíam no fundo do caixão.

Emily viu as moedas, muito surpreendida até para pensar por alguns momentos. Finalmente, um som que foi meio soluço, meia risada; rompeu em seu caminho pela garganta.

—Estou salva! — Ofegou fracamente — Estou salva!

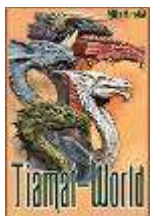
Lentamente, ocorreu a sua mente que as moedas eram de ouro, e antigas. Elas poderiam valer muito dinheiro.

—Sou rica! — Riu vertiginosamente, logo cobriu a boca — É meu?

— Eu pensei, mas não podia recordar nenhum “se, e, ou porem”. Os papéis diziam, o edifício e tudo fora ou dentro dele era dela. Começou a dançar ao redor do caixão, rindo e chorando. Era dela, dela, dela! Não ia morrer de fome. Não ia perder tudo o que tinha investido. Devia ter suficiente dinheiro para fazer o lugar habitável, talvez mais que isso. Talvez fosse suficiente para pagar o empréstimo, e não ia ter que fazer um alojamento com cama e café da manhã depois de tudo.

Já tinha dado vários círculos ao redor do caixão, quando ocorreu a ela pensar quando e como tinha chegado o dinheiro ali. Parada, franzindo a testa, não parecia ser provável que fosse algo recente, como tráfico de drogas. Tinha sido uma bolsa secreta no forro do caixão e os materiais estavam podres pelo tempo.

Não pensou que fosse provável que, quem fosse que colocou as moedas originalmente,



estivesse ainda vivo, ou retornaria por elas. Embora Angus tivesse visto o caixão. Estava obrigado a falar disso. Não podia contar em que as pessoas não fossem curiosas. Ele poderia ter filhos indo lá enquanto ela estivesse fora, só para dar uma olhada.

Tinha que mover o ouro a um lugar seguro. Não poderia só deixar no caixão, a plena vista. Voltou a examinar o caixão e descobriu que as moedas estavam costuradas em sacos em todas as partes. Eram muitas para tratar das carregar nos bolsos da calça. Depois de estudar o tecido no caixão por vários momentos, deu-se conta de que estava muito podre para usá-la. Finalmente, levantou sua blusa e formou uma bolsa. Para quando carregou a metade das moedas aproximadamente, a gola de sua blusa se esticou até seus mamilos.

— Isto não vai funcionar — Murmurou.

Entretanto, não podia atrever-se a deixar as moedas nem por poucos minutos. Tirando a blusa, fez um bom nó no final e começou a deixar as moedas no pescoço. Quando teve todas as moedas dentro, mal podia levantar a coisa. Grunhindo e gemendo, conseguiu levá-la fora do caixão e começou a lutar para a escada, perguntando-se onde ia esconder seu tesouro.

Estava suando muito para quando chegou às escadas da cozinha. Teve que deixar sua bolsa improvisada e descansar. Quando recuperou o fôlego, começou a procurar por um lugar provável aonde esconder as moedas. Entretanto, nada do que encontrou a fez sentir segura. Finalmente, decidiu seguir procurando. Não ia se permitir descansar, até que encontrasse um lugar seguro aonde guarda as moedas, onde pudesse estar certa de que não desapareceriam tão abruptamente como tinham aparecido.

Depois de carregar as moedas de sala em sala, finalmente decidiu que se encontrasse um lugar na planta baixa, não seria possível dormir, por preocupar-se de que alguém entrasse a noite e as encontrasse. Olhou às escadas por vários minutos, pensando se poderia subir com a bolsa cheia de moedas. Finalmente, decidiu que a coisa mais segura por fazer seria “subir como um menino”.

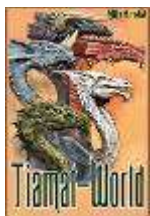
Pondo seu traseiro em ângulo reto no degrau, empurrou a bolsa um degrau debaixo dela e logo se moveu outro degrau. Era muito lento, mas ao menos não havia muito risco de que as moedas se balanceariam e a mandassem dando tombos até em baixo.

Quando chegou ao topo, decidiu ver se poderia esconder as moedas no colchão, ao menos temporalmente. Já tinha buracos. Ela só jogaria as moedas nos buracos, depois de que as contasse para que assim soubesse quantas ia precisar recuperar quando encontrasse um lugar melhor.

Estava arrastando a bolsa quando alcançou os quartos, não podia levantar o pesado fardo. Grunhindo com esforço, empurrou a porta aberta, apoiando-se ao redor de quarto até chegar à cama.

No momento em que se endireitou, com uma mão em suas costas pela dor, viu a impressão de um traseiro em seu colchão. Ficou olhando sem compreender por vários segundos e finalmente olhou ao redor de seu quarto. Duas de suas bolsas estavam abertas, o conteúdo estava esparramado por toda parte.

— OH meu Deus, fui roubada!



Pôs uma mão sobre sua boca, perguntando-se se o ladrão seguiria no castelo. Ele a teria escutado subir as escadas pensou. Ela havia feito muito ruído.

Era um “o”. Não havia dúvida sobre isso, e um malditamente grande “era ele” pelo tamanho de seu pé, que não era nada que se podia passar por cima. Tinha deixado impressões de pés no pó do chão. Ficou olhando, adivinhando se tratava de algum tipo de pintura rara, ou talvez algo que os ladrões locais faziam como um tipo de assinatura.

Movendo às malas, esteve a ponto de revisar quando ocorreu a ela que provavelmente não deveria tocar as coisas ou as mover. Deveria deixar assim tudo para que a polícia revisasse. Num relance, não podia ver se algo estava faltando nada importante em qualquer caso.

La ter que conduzir até a vila para contatar a polícia. Não tinha um telefone e não tinha visto uma casa entre o castelo e a vila. Realmente não queria retornar lá, não essa mesma noite.

E estava totalmente segura de que não ia deixar seu ouro por aí.

Sentou-se na borda da cama para pensar, vendo a marca do traseiro. Finalmente, decidiu só esconder seu ouro, revisar o castelo e assegurar-se de que ninguém estivesse dentro com ela e fechar tudo. Poderia reportar o roubo na manhã... Depois de que encontrasse um bom lugar para esconder seu ouro.

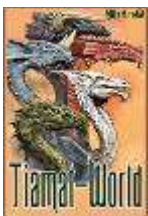
Seu saco improvisado pesava, contando as moedas e estava a ponto de as deixar nos buracos do colchão quando ocorreu a ela pensar no poste da cama. O bordo do pé da cama estava só a metade da cabeceira. Segurando o ornamento final que tocava um poste, torceu-o para frente e atrás um par de vezes e finalmente conseguiu tirá-lo. Depois lhe veio uma onda de emoção, similar a que veio com o caixão. Em vez de ser feita de uma só peça de madeira, era feita de vários pedaços pregados ou cravados uns aos outros e um oco no centro.

Teria que destroçar a cama para tirar as moedas outra vez, mas certamente isso era melhor a ter do que alguém escutar as moedas no colchão. Isso não teria dúvida. Pegou as moedas e as deixou ali, substituindo a tampa ornamental com cuidado e usando um sapato como martelo para pô-lo com dureza.

Quando acabou, agarrou uma blusa de sua mala e foi abaixo para buscar o resto de seus utensílios de limpeza. Era melhor, que tivesse decidido não retornar a vila, pensou com ironia, porque tinha sido tal sua emoção que esqueceu que deixou as luzes do carro acesas.

Subindo no carro, girou a chave, para seu alívio, ligou. Deixando-o funcionando um tempo, para que a bateria recarregasse, e carregou seus utensílios de limpeza para dentro. Tomando a vassoura, que era a única coisa que se parecia com uma arma, que tinha nesse momento, e uma lanterna, fez uma busca em cada cômodo. Finalmente, assegurou-se de que estava sozinha no castelo, trancou a porta principal e foi acima para terminar de limpar o quarto enquanto esperava a que o carro recarregasse o suficiente para desligá-lo.

Nigel se sentia muito melhor depois de que se alimentou. Ainda não se sentia muito bem, mas certamente estava melhor do que antes. Ficou muito incomodado ao descobrir que estava muito fraco e ferido para transformar-se. Não tinha tido esse problema desde que tinha sido um



moço.

Não se tinha percebido quão afetado estava, até que pensou em transformar-se para fazer a viagem de volta ao castelo, e logo notou que não estava tão ansioso para tentá-lo.

Não estava tão longe caminhando de todas as formas.

A porta estava fechada quando chego a casa.

Esteve a ponto de bater a porta fortemente quando ocorreu a ele que O'Neal sem dúvida tinha descoberto que ele já despertou e era tão arrogante para pensar que podia manter Nigel fora com só uma porta. Levou duas tentativas desmaterializar e voar debaixo da porta como fumaça.

Assombrou-lhe.

Ele também estava com raiva, não pelo fato de descobrir que não podia fazer a transição com sua roupa. Manobrando a porta até abri-la, recuperou-as e lutou com elas uma vez mais.

Quando esteve vestido, procurou ao redor das ruínas do corredor principal por sua vítima.

Já tinha aberto sua boca para gritar com O'Neal, quando um grito definitivamente feminino chegou do segundo piso. Havia tal horror no som, que seu coração pareceu ficar quieto em seu peito. O sangue correu por ele frio.

Abalado completamente em resposta, correu às escadas e subiu, seguindo a série de gritos desde seu próprio quarto. Quando abriu a porta, uma moça virou para vê-lo com os olhos injetados de terror. Antes que pudesse perguntar que perigo a espreitava, o golpeou na cabeça com a vassoura que segurava como uma espada.

Ele estava muito atordoado, e muito surpreso para pensar em desmaterializar. No momento que ela se virou para ele, porem, desta vez ele se moveu.

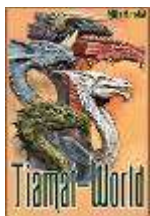
A Emily nunca gostou das aranhas. De fato, uma aranha era a única coisa do mundo, além das serpentes, que quase instantaneamente a convertiam de um ser racional a uma maníaca com uma só coisa em sua mente: matar.

Ela pensava que as teias de aranha eram apenas isso, abandonadas, inabitadas... Lixo.

Quando o monstro de oito patas caiu da teia que havia arrastado, ela gritou enlouquecida pelo terror, balançando sua vassoura à coisa, freneticamente, lançando a vassoura em uma direção e depois em outra. Perseguiu-a um momento. Depois ela a perseguiu, mas havia uma coisa da que Emily estava totalmente segura, ia matar à coisa embora tivesse que destruir o quarto.

Quando conseguiu vencê-la e convertê-la em uma mancha, a porta de seu quarto abriu-se. Virando-se à nova ameaça Emily não parou para pensar nem por um segundo, em considerar com sabedoria antes de atacar um pé gigantesco parado dentro de seu quarto sem nada mais que uma vassoura. A adrenalina seguia correndo grosseiramente por ela. Emitindo um grito selvagem, foi em direção a ele, balançando-se por tudo o que valia.

Teria errado, mas pelo fato de que ele se deteve abruptamente na soleira. Conseguiu acertar duas vezes antes que voltasse e falhasse. No impulso de voltar a ele fez uma grande volta e viu que enquanto ela girava que ele tinha conseguido saltar trás dela. Gritando, balbuciando, isso não



tinha nenhum sentido para ela, e foi atrás dele outra vez.

Outra vez, ele conseguiu desviar-se dela. Vendo seu ponto cego, ele a agarrou por trás, tomando suas mãos.

—Agora o que vai fazer, harpia!

Emily deixou ir um grunhido de pura fúria, levantou uma perna e pisoteou o peito do pé dele. Ao mesmo tempo, ele tinha agarrado suas mãos, para impedi-la de balançar a isso, ela virou e o acertou no centro da sua testa com o cabo da vassoura. Ele gritou e a soltou, pulando em um pé e esfregando sua testa. Emily virou-se para ele e segurou seu “Calcanhar de Aquiles”. Ficou rígido ao momento, seus olhos se abriam amplamente.

—Faz um movimento, maldito pervertido, e romperei suas bolas como nozes.

Olhou-a com os olhos muito abertos, sem mover-se, apenas respirando.

—Amavelmente tire suas mãos de minhas bolas.

Emily deu um apertão experimental e ele estremeceu.

—Que demônios faz vestindo minha roupa, pervertido!

—Sua? — Gritou horrorizado — Veste trajes de homem, então?

—Os homens não usam normalmente trajes rosa para correr. — Emily disse secamente. Seu surto de adrenalina estava indo rapidamente, e a preocupação tomava o lugar, de uma vez que se dava conta de que tinha “o touro pelos chifres” e não sabia o que fazer com ele agora.

Seus olhos se estreitaram.

—Rosa ou não, as coisas mudaram mais do eu imaginei, se as mulheres correm por aí com bermudas de homem.

Emily o olhou.

—Onde esteve? Marte? Meu Deus, as mulheres usaram calças desde...— Franziu a testa, tentando pensar quanto tempo seria e se deu conta de que não sabia muito sobre a história da roupa— Anos e anos. E não são calças de homem, maldição. São minhas calças... Quer dizer minhas calças de correr. Que tipo de atrasado entre na casa de uma mulher só para roubar calças de correr rosas?

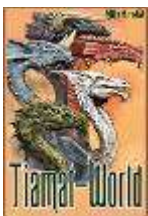
—Sua casa? Essa é boa. Esta é minha casa, para que saiba, e foi por várias centenas de anos pelo menos.

Obviamente ele estava zangado, mas não parecia perigoso e, francamente, Emily não estava terrivelmente de acordo em segurar suas bolas. Soltando-as cuidadosamente, deu um passo atrás e o viu.

Muito bem era seu traje de correr. Entretanto ele era tão grande, que não só ficava como uma segunda pele, mas sim as mangas compridas terminavam entre seus cotovelos e os pulsos, e as calças pareciam pescadores.

Depois houve o do meio.

Ele não tinha nenhum bem e exibiu uma barriga bem definida. Havia um estreito caminho de cabelo escuro desde seu umbigo até em baixo. A surpreendeu o pensamento. Ou ele era gay, ou era desses homens que “gostava de” vestir roupa de mulher. De qualquer forma, não importava



que tão bem se visse, porque o interesse não ia ser mútuo.

Entretanto, ele se via endemoniadamente bem por toda parte. Seu cabelo estava mais próximo ao negro, e comprido, passava de seus ombros. Seus olhos eram formosos, de um azul brilhante e seus traços puramente masculinos, as características fizeram saltar a sua barriga.

Ela franziu a testa.

—Várias centenas..... Esta tentando me convencer de que você é um fantasma?

Olhou desconcertado.

—Esta surda, moça? Pareço com um maldito fantasma?

Emily deu a ele um olhar estreito.

— Não, não parece. Parece um pervertido.

Seus olhos se estreitaram.

—Já me chamou assim três vezes, e eu gostaria de saber que quer dizer com isso.

Ela pôs suas mãos em seus quadris.

—Bom, você é o que esta com minha roupa. Você resolve.

Ele a estudou por um momento.

—Em meus dias uma mulher que vestisse bermudas, seria a pervertida. E agora que o penso, que espécie de dama é para estar agarrando minhas bolas? Porque estou pensando que não é uma dama, para nada. — Rosnou a ela. O comentário quase a surpreende com uma risada. Disfarçou tossindo.

—O que sou eu, sou a dona desta propriedade. E você é um intruso! Saia! —Ordenou, apontando para a porta. Inclinou-se para ela ameaçadoramente.

—Eu sou o dono, e sabe o que mais, sou muito maior que você, moça. Poderia sacudir seu traseiro sem nenhum problema.

—Bom, está equivocado aí, amigo. — Emily disse, caminhando para ele, até que ficaram virtualmente nariz com nariz e golpeou seu peito com seus dedos.

— Porque acontece que sei um pouco de kick boxing, e se não puder te chutar o traseiro, posso bem te fazer ver que estive em uma briga. E, se conseguisse me tirar para fora, irei diretamente aos policiais e os trarei para que prendam seu patético traseiro antes que te dê conta!

—Talvez, só te coma em vez disso. — Rosnou. O comentário arrancou dela uma gargalhada. —Obrigado pela oferta, mas estou bem. Meu namorado me deu uma cabeça antes que eu viesse. Agora mesmo estou mais interessada em você ficar fora, que “dentro de mim”.

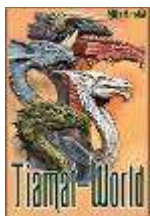
Endireitou-se, estudando-a com surpresa.

—É surda, moça. Fala estranho e não tenho a menor ideia do que diz a metade do tempo.

Emily deu de ombros.

—Não é meu problema. Quero minha roupa antes que vá, também.

—O que fez com minhas próprias coisas então, eu gostaria de saber? Você espera que eu saia caminhando e dançando na brisa? Com minhas roupas podres pelo chão e todo o restante desaparecido. E agora que estou nisso, Onde está O’Neal? Ele te vendeu o lugar? É isso o que me



está dizendo?

—Compre-o por meio um agente imobiliário, MacGregor tudo como deve ser, tudo pago. Acredito que a estava vendendo pelos impostos, mas não sei muito de leis escocesas e não foi muito claro em porque estava à venda, exceto ninguém parecia ser o dono.

Franziu a testa.

—Mas eu tenho todos os documentos legais feito. Essa é a verdade, moça? Meu castelo foi posto em venda?

Emily sentiu uma pontada de depressão no fundo de seu estomago, uma vez que ocorria pensar que o homem estava dizendo a verdade, e de alguma forma tinha sido despojado de seu lugar. Ele parecia sincero, avoado, e mais e um pouco atordoado com o rumo dos acontecimentos.

—Olhe, lamento muito. Mas se comprei o lugar e pelo que meu advogado pôde ver tudo estava em ordem. Quando fez esta papelada legal do que diz? Talvez, de alguma forma, as coisas se perderam e não foram registrados corretamente.

Franziu o cenho.

—Abril, acredito.

—Este ano? O ano passado?

—Mil setecentos e cinquenta e três.

Emily ficou boquiaberta. Ficou gelada, fazendo que os pelos de seu pescoço fizessem cócegas.

—OH. Bom, isso foi há muito tempo. — Disse ligeiramente, dando-se conta de que o homem devia ter fugido de um centro psiquiátrico.

—Vou te dizer... Deixe-me descer as escadas para encontrar meus papéis, e deixarei você dar uma olhada. Tudo bem?

Seus olhos se entrecerraram suspeitosamente uma vez que ela começava a caminhar lentamente para a porta.

—Quanto tempo?

Emily deu um olhar vazio.

—Quanto tempo, o que?

—Diz que foi há muito tempo. Quanto tempo?

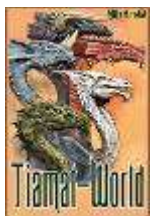
Emily tinha conseguido chegar à porta. O olhou do canto de seus olhos e relaxou ao ver que ele se estava ficando para trás.

—Eu sou.... Na verdade, eu sou muito ruim nas contas, eu estou muito segura.

Seus lábios apertados.

—Me diga o ano, eu farei a conta.

—Dois mil e quatro. — Emily virou-se, saltando a porta e indo à escada tão rápido como pôde.



Capítulo Quatro

Não podia escutar se ele estava atrás dela, mas seu coração estava bombeando em seus ouvidos como a seção de tambores em uma banda. Quase tropeçou e caiu ao fundo, mas conseguiu segurar-se bem a tempo. Pulou os últimos três degraus, saltando do quarto e aterrissando no corredor para correr.

Tinha deixado o carro ligado para que recarregasse. Não era mais que um milagre que a maldita coisa não ficou sem gasolina. Quebrou três unhas tentando abrir a porta e deslizou para dentro. Queria pegar a mudança e ir-se, mas todas as portas estavam abertas e não havia forma de que ela fosse dirigindo, na noite, com um maníaco solto, com as portas abertas. E se ele corresse para a outra?

Estava deslizando através do banco da frente para fechar a porta traseira, quando viu o homem aparecer na porta. Recostou-se em seu acento, trocou de marcha e saiu acelerando deixando marcas na terra e levantando pedriscos no ar, logo uma queimadura de aros quando toco o pavimento. O carro se desviou violentamente. Com um esforço conseguiu endireitar o carro na estrada. Quando olhou pelo espelho retrovisor, não viu sinal dele, mas não podia convencer-se, de que não ia aterrissar de um nada no teto do carro, tipo como os maníacos assassinos sempre fazem nos filmes.

—OH Deus! Estava falando com ele! — Murmurou, sentindo um arrepio que desceu por suas costas.

— Parada lá como uma idiota só conversando com um lunático. Talvez não fosse um perigoso, psicopata maníaco?

No entanto, a teoria da fuga tinha sentido do porque ele não tinha roupa. Provavelmente porque tirou a roupa do hospital psiquiátrico.

Olhou para a agulha do combustível e se abalou pelo nível.

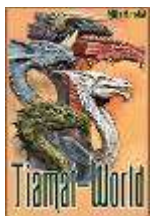
—Não entre em pânico! Há mais gasolina na parte de atrás. — disse a si mesma quando recordou que só tinha tirado uma lata de combustível.

Alguma coisa passou perto de sua janela e Emily ficou boquiaberta, olhando varias vezes antes de perceber que era... Ou parecia... Um pequeno pássaro voando ao lado de seu carro. Correu pela margem da estrada.

Quando conseguiu endireitar o carro, perdeu ele de vista. Percebeu quase ao mesmo tempo em que esteve no lado contrário da estrada... Outra vez. Agitando os pneus, virou bruscamente para o lado certo da estrada. Quase ao mesmo tempo, a pequena ave que havia estado voando por sua janela bateu no para-brisa, tão forte que provocou fissuras no vidro. Gritando, Emily apertou os freios instintivamente. Sentou-se ofegando quando o carro parou, lutando com a urgência de romper a chorar. Perdeu a batalha.

—Coitadinha. — Soluçou.

Olhando ao redor, mediu a distância que tinha posto entre ela e o castelo e decidiu que era



seguro sair e revisar a ave que tinha matado com seu carro. Encontrou-o caído na estrada vários metros a frente. Ele deve ter sido jogado, decidiu, quando apertou os freios.

Não era uma ave.

Era um morcego.

Um arrepio a percorreu, mas, realmente era algo lindo e tão indefeso, o pobre coitado. Uma vez que se agachava para vê-lo melhor, viu que seu pequeno e magro peito ainda se movia.

Talvez só o tivesse atordoadado?

Mas que devia fazer? Se o deixasse onde estava, alguém certamente o atropelaria. Depois de uns instantes, correu atrás do carro, abriu o porta-luvas e depois o porta-malas, em seguida pegou um papel de hambúrguer que estava no chão do carro. Não o queria tocar. Estava sangrando e não havia forma de saber que espécie de enfermidades a coisa poderia estar levando.

Ainda estava onde o tinha deixado, apenas respirando. Tocou-o levemente com a ponta do pé, só para assegurar-se de que não estava o suficiente consciente para mordê-la. Estava morno. Sentiu uma onda de náusea e repulsão uma vez que corria ao redor do porta-malas e cuidadosamente o colocava dentro. Fechou o porta-malas rapidamente logo que tinha passado, correu ao redor do carro e pulou dentro do banco do condutor, fechando a porta e assegurando-a. Ainda estava chorando por ter atropelado ao pequeno e pobre morcego quando finalmente chegou na delegacia.

Por vários instantes, Nigel ficou em branco vendo o lugar onde a mulher tinha estado antes, apenas ocorreu a ele que provavelmente ela iria por ajuda. A única coisa que definitivamente não necessitava no momento, agora que estava tão débil e desorientado, eram problemas com as autoridades locais.

Entretanto estava tão surpreso pela afirmação de que era 2004, que tinha dormindo por dois séculos e meio, que não podia pensar, além disso, e as implicações também.

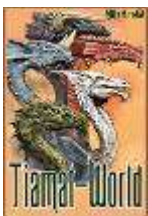
Finalmente, se moveu e se foi atrás dela.

Tinha perdido um tempo valioso, e para quando chegou à porta, ela tinha entrado em uma estranha carruagem, onde a viu na frente. Só Deus saberia o porquê. Não havia nenhum cavalo preso à coisa. Como demônios pensava ela escapar dele assim?

O pensamento logo que tinha registrado sua mente, quando a carruagem se foi como uma bala levantando rochas e terra que o crivou como uma bala de canhão.

Não pôde fazer nada mais que ficar boquiaberto à retirada da carruagem, atordoadado pela surpresa por um tempo. Finalmente, ganhou suficiente presença em sua mente para concentrar-se em transformar. Infelizmente, rapidamente descobriu que seus poderes não eram os mesmos possuía antes que hibernasse. Transformou-se, mas sua roupa não o fez. Até o momento em que conseguiu livrar-se das coisas que tinha estado usando, a cauda da carruagem já estava desaparecendo de suas vistas.

Chiando os dentes, lançou-se para ao ar. O que fosse essa estranha carruagem sabia que podia voar mais rápido do que se fosse pelo chão, e tinha a vantagem de ganhar por ser levado



pelo ar quando ela se viu forçada a seguir o caminho.

Era surpreendentemente rápido. Não somente tinha saído como uma bala, mas sim continuava ganhando velocidade. Tão rápido como cobriu a distância, era uma luta ganhar da carruagem.

Uma sensação de triunfo o encheu quando ficou na mesma velocidade usando mais energia, ganhando lenta mais seguramente, estando ao mesmo tempo com ela. Ela olhou pelo vidro, e ele soube que ela se dava conta de que estava acabado por agora.

A última coisa que recordou foi a expressão de horror em sua cara quando sua carruagem o alcançou e ele bateu no vidro.

Emily olhou com mau humor aos policiais que olhavam ao redor de seu quarto, escrevendo em suas notas e trocando olhares falantes.

Concordando, ela chegou estranha na delegacia de polícia. Primeiro tinha medo de ser julgada doida, assustada por um lunático, e em seguida atropelou um pobre e, indefeso animal. Os dois incidentes em tão pouco tempo a deixaram com os nervos destroçados, particularmente quando se adicionava o desastre do castelo.

Asseguraram a ela que não havia provas litográficas de nenhum lunático perdido de uma instituição mental. De fato, não havia um hospital mental dentro de centenas de milhas. Soube, antes que finalmente aceitassem ir revisar as coisas por ela, que eles já se estavam com a ideia de que era louca.

Não ajudou em nada quando eles acharam a roupa de correr rosa estendida na soleira da porta: o traje rosa de correr que ela havia dito a eles que o lunático tinha posto.

O primeiro policial chegou à porta e ficou agachado examinando e perguntando se era o objeto que “supostamente” tinha sido roubado.

Tudo tinha ido por água abaixo. Depois de trinta minutos esplêndidos, como muito, haviam completado sua investigação “preliminar” e se foram. Ela sabia que retornariam. Sabia que todo mundo na pequena vila falaria da Americana que se mudou às ruínas do castelo MacKissack.

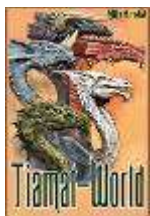
Não foi até que se foram que pensou no morcego outra vez. Castigando a si mesma por acrescentar a desconsideração na sua falta de previsão, correu para o carro e entrou. Abrindo o porta-malas, afastou-se ao redor no assento para vê-lo voar, certamente já estaria recuperado de sua inconsciência.

Não viu nada e depois de uns momentos saiu do carro, moveu-se cautelosamente e olhou dentro do porta-malas.

O lunático estava deitado no porta-malas, totalmente nu!

—Como demônios conseguiu entra no porta-malas! — Exigiu Emily.

Sustentando sua cabeça, ele olhou ao redor confuso e finalmente começou a lutar para sair. Emily pensou em bater o porta-malas, então notou que parecia ferido. Sua simpatia durou até que viu o papel do hambúrguer preso em suas costas.



—OH Deus! Esmagou-o!

—O que?

—O morcego! O que eu bati com o carro! Estava tentando salvar a pobre coisinha e você o esmagou, seu grande imbecil!

Não podia atrever-se a olhar. A pobre criatura estava muito mal depois de que bateu com o para-brisa.

—Esta morto?

Ele a olhou curiosamente.

—Que coisa esta morta?

—O morcego, maldição!

—Nem tanto — Murmurou, cambaleando-se um pouco bêbado para sua porta frontal.

Esqueceu-se do morcego quando viu que se dirigia para sua porta. Correndo ao redor dele, plantou-se na soleira e segurou cada lado do marco, restringindo a entrada. Olhou-a por vários segundos quando a alcançou finalmente, a pegou pelo quadril, levantando-a do piso. Girando, a colocou justo fora, depois da soleira, e fechou a porta em sua cara. Antes que agarrasse o trinco, escutou a fechadura da casa fechar-se.

Emily ofegou pela vibração da porta por uns cinco segundos, antes que a raiva se apoderasse dela. Começou a golpear a porta com seu pulso, chutando-a quando seu pulso começou a doer.

—Me deixe entrar seu imbecil!

— Nem pensar — Rosnou do outro lado da porta.

—Idiota! — Sacudiu a porta uma vez mais, mas sabia que não tinha nenhuma possibilidade de abrir.

Virando, estudou o carro especulativamente por vários minutos, mas finalmente descartou o pensamento. Não queria um buraco do tamanho de seu carro na porta principal e, além disso, o maldito castelo provavelmente se desintegraria e tudo o que teria seria uma grande pilha de pedras.

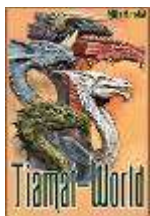
Estava tentada a ir às janelas, mas estava muito escuro e particularmente não gostava de tropeçar na escuridão. Finalmente, dando-se conta de que não havia esperança, fechou a tampa do porta-malas e subiu à parte traseira do carro, fechando as portas e encontrando qualquer conforto que pudesse na parte traseira do banco.

Estava começando a cochilar quando escutou um rugido do castelo, que fez arrepiar seus cabelos. Sentando-se, escutou com atenção. Uns instantes, mas tarde, o lunático, vestindo suas calças de correr, abriu de repente a porta frontal e caminhou para ela. Inclinando-se, olhou-a pela janela.

—Onde está meu maldito ouro, mulher?

Emily não soube por que estava surpreendida de que o tipo também reclamasse seu ouro, mas talvez, estava assim porque parecia estranho que ele soubesse sobre isso se ele não o tinha posto aí? Não?

Tentou dar um olhar de total incompreensão, mas sentiu que a culpa subia a sua expressão.



Depois de olhá-lo por vários minutos, decidiu que a retirada seria a única coisa de valor a fazer e foi até a parte da frente do carro. Isso foi quando descobriu que as chaves não estavam no contato. Estavam em sua bolsa, dentro do castelo.

Sentindo um arrepio de ansiedade descendo por suas costas, aproximou-se à parte central do banco da frente olhando ao homem fixamente, perguntando-se se ia arrebentar o vidro e vir por ela. Para sua surpresa, o olhar de irritação lentamente mudou a um de especulação e depois de concentração. Sua imagem começou a evaporar-se. Fechou seus olhos, esfregando-os. Quando abriu seus olhos de novo, parecia como se ele desaparecesse do nada... Bom, não nada, fumaça.

Esfregou os olhos outra vez e se aproximou da janela para verificar o chão. Suas calças de correr rosa estavam caídas no chão. Mechas de fumaça formaram redemoinhos ao redor delas, movendo-se sinuosamente, quase de propósito, passando ao redor do carro, verificando as portas e janelas. Depois de uns instantes, desapareceu debaixo do carro.

Sentou-se, inclinando-se para o chão, onde a fumaça em forma de serpente tinha desaparecido. Não reapareceu e depois de um momento, voltou-se para passar ao outro lado do carro para ver se era visível dali. Não teria que mover-se tão longe, de fato. Enquanto virava percebeu que a fumaça se infiltrava pelos ventiladores. Ao mesmo tempo em que via, instalou-se no assento ao lado dela, denso, cada vez mais e mais real. Sua mandíbula caiu mais e mais e seus olhos se ampliaram muito mais.

Sólido uma vez mais, a agarrou pelos braços e a arrastou pelo banco até que ficaram nariz com nariz. Emily conseguiu engolir o ar. Lambeu seus lábios ressecados.

—É um fantasma. — Disse fracamente.

Ele franziu a testa.

—Não sou um fantasma, mas te darei uma grande pista, moça. — Disse asperamente, curvando seus lábios em uma imitação de sorriso, e mostrando um par de muito brancos dentes que mostravam duas grandes, e muito afiadas presas.

Capítulo cinco

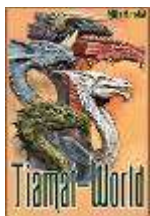
Emily sentiu enjoo e tontura, uma vez que olhava o par de peroladas presas brancas e seu cérebro lentamente tratou de somar, presas, mais caixão, mais dormindo por dois séculos e meio, mais trocando em fumaça e flutuar pela ventilação do carro.

—Homem lobo? — Aventurou-se fracamente.

Seus olhos se estreitaram.

—Vampiro. — Rosnou.

Era a saída de um covarde e sabia, mas dava as boas vindas aos enjoos e a crescente tontura e a escuridão crescendo, tentando concentrar-se em convocá-la. Em vez disso, parecia quanto mais tentasse e desejasse a inconsciência, mais longe se afastava dela. Não pôde desmaiar, mas



estava tão fraca com o terror que tampouco podia se mover.

Aparentemente satisfeito com sua reação, ele saiu do carro, arrastou-a para fora e rebocou-a em seus braços, dirigindo-se para o interior do castelo. Emily se apoiou nele fracamente, tratando de formular um plano. Suas chaves estavam em sua bolsa, sobre a cama. Ele a levava para lá, tinha a oportunidade de conseguir, mas, para aonde ir? Os policiais já pensavam que era uma maluca. Se aparecesse de novo na estação de polícia, esta vez proclamando que o homem era um vampiro, provavelmente a prenderiam.

Considerou, enquanto ele subia as escadas com ela, perguntando-se se estaria mais segura se eles a prendessem. Não parecia provável já que poderia se transformar em uma bola de fumaça e passar através das pequenas fendas da cela, além disso estaria presa.

Quais eram as regras sobre os vampiros? Francamente se perguntou.

Não estava por dentro desse assunto, mas assistiu alguns filmes sobre vampiros. Devia recordar algo útil.

“Igreja”, surgiu em sua cabeça abruptamente. Os vampiros eram criaturas endemoniadas, impiedosos e não podiam estar dentro de uma igreja. Também recordou que não podiam entrar em uma casa a menos de que fossem convidados, mas como poderia convidar a uma casa que tinha reivindicado como dela? Até agora o fato de que a casa agora pertencia a ela, não o tinha detido. Então, embora conseguisse, de alguma forma tirá-lo, provavelmente não seria nada bom tratando de fechar a porta para mantê-lo fora.

Quando chegaram ao quarto, dirigiu-se à cama e a colocou com muito cuidado na superfície grumosa, depois foi para trás e a estudou cuidadosamente. Emily o olhou, com os olhos estreitos, tentando ter uma ideia de onde poderia estar sua bolsa, sem mover sua cabeça. Não podia vê-la e se concentrou tratando de lembrar onde a tinha deixado.

Finalmente se lembrou que a moveu da cama e a colocou no chão depois de que os policiais tinham pedido a ela uma identificação. Estava no pé da cama, perto da perna onde tinha vertido todo seu ouro. A cama afundou de uma vez quando ele se sentou.

Passou a mão ao redor de sua cabeça e ela se deu conta que ele não estava convencido de que a tivesse sob seu poder. Considerou-o francamente, mas simplesmente não recordava que as mulheres nos filmes houvessem feito algo em particular. Elas só se deitavam perfeitamente quietas, como se não pudessem mover-se e não tinham parecido muito assustadas.

Ele se inclinou sobre ela, até que sua boca esteve perto de sua orelha.

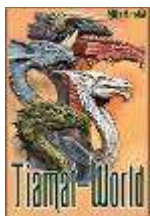
—Estou pensando que esta fingindo, moça.

Emily ficou tensa mais conseguiu manter a respiração baixa e uniforme.

Sentou, a estudou por um tempo e finalmente fixou uma mão sobre seu seio, apertando-o. Ela saiu da cama como se tivesse estado carregada, atingindo-o diretamente no rosto.

—Perverso.

Para sua surpresa, ele riu. Antes que ela pudesse virar ao outro lado da cama, ele se lançou sobre ela. Capturando seus agitadores braços, depois de uma patética luta pelo domínio, arrastou-a de retorno ao centro da cama, algemando seus braços no colchão em cada lado, com suas mãos



e usando o peso de seu corpo para cravar ela na cama.

Dando-se conta de que lutar com ele era uma perda de tempo no momento, Emily cessou abruptamente, olhando-o. Ele parecia divertido.

—Vendo como você esta na minha cama com meu pau escondido entre suas coxas, estou pensando que deveríamos introduzi-lo.

Os olhos de Emily se abriram e se deu conta que não estava brincando.

Havia uma crista dura colocada apertadamente contra seu osso púbico. Suas escuras sobrancelhas se levantaram quando ela apenas o olhou sem fala.

—Sou Nigel do clã MacKisscak, uma vez latifundiário do clã, e agora não mais que o ultimo de meu clã.

Emily engoliu com esforço, lutando com o sentimento de simpatia que veio com suas palavras.

—Como sabe que é o ultimo?

—Se não o fosse, você não estaria reclamando ser a proprietária de meu castelo.

O olhou, mas era muito para assimilar. Sua mente estava dizendo que aceitasse o que tinha visto como real, mas também estava dizendo que não era possível, que de alguma forma, ele a tinha hipnotizado ou algo para a fazer acreditar que ela tinha visto algo que em realidade não tinha visto.

—Não me deu seu nome, moça. — Disse.

—Emily... Hendricks.

Franziu a testa.

—E de onde provém, Emily Hendricks?

—Geórgia.

Suas escuras sobrancelhas se elevaram.

—A colônia na América?

Emily ficou boquiaberta.

—Não foi uma colônia desde mil e setecentos...

Um olhar de surpresa cruzou por seu rosto. Depois de um momento, liberou seus braços e se deslizou fora dela, deixando só sua perna sobre seus quadris para sustentá-la. Mantendo a cabeça de um lado, a estudou.

—Já não está sobre domínio Inglês?

Ela sacudiu sua cabeça lentamente.

—Ganhamos nossa independência. Agora é parte dos Estados Unidos da América.

—É um fato? E como conseguiram se o Império Britânico é o mais poderoso no mundo?

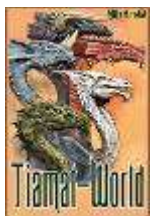
Emily se mordeu um lábio.

—De fato, acredito que só se cansaram de brigar conosco.

Ele sorriu.

—Se todos forem como você, não tenho nenhum problema em acreditá-lo.

Emily sentiu o rubor subir por suas bochechas, mas não acreditava que fosse um elogio. Seu



olhar se moveu de seu rosto e viajou por seu corpo em um exame detalhado.

—Estou pensando que o mundo mudou mais do que apenas um pouco desde que estive... Dormindo.

Emily umedeceu seus lábios.

—Você é... Você não é realmente um vampiro, não é? Quero dizer, você só usou um truque para me fazer acreditar que desapareceu e reapareceu dentro do carro... Como hipnose? Você não... Bebe sangue de pessoas?

Seus olhos foram para o seu rosto, seu rosto endurecido com raiva.

—Não sou um maldito selvagem. Por que pensaria que sou um... Maldito canibal?

—Mas... Os vampiros bebem sangue das pessoas, não?

—Conheceu a muitos vampiros então, verdade?

—Uh... Não. Mas escutei...

—Você ouviu errado, ou há alguns que não são selvagens. Ouvi sobre eles, mas imaginava que fossem apenas contos. Mas não estou muito convencido.

—Então não vai morder meu pescoço e me chupar tudo o sangue?

Um cruzou seus lábios torcidos.

—Não te farei nenhuma promessa quanto a isso, Emily Hendricks. De fato, eu não gostaria de nada mais neste momento que chupar cada polegada de você.

Capítulo Seis

O calor atravessava por Emily por seus olhos assim como suas palavras, sugando o ar de seus pulmões e forçando a seu coração a trabalhar mais forte.

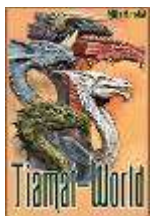
—Estaria mais que um pouco tentado de usar meus poderes para te cativar, exceto pelo pequeno problema de que não posso lembrar a metade das coisas que uma vez soube, sem ter que pensá-lo sequer. — Murmurou — Bem, isso poderia ser interessante.

—O que?

Ele riu, colocando a mão levemente em seu abdômen e deslizando-a lentamente para cima até que esteve sustentando um seio na palma de sua grande mão. Emily o olhou bruscamente. Ele aproximou-se mais até tocar os lábios dela.

—Isto... — Murmurou, moldando seus lábios aos dela por uma fração de segundo antes que derrubasse a frágil barreira de seus lábios, varrendo dentro, explorando o frescor suave do interior com sua língua.

Emily ofegou bruscamente diante da intromissão, sugando seu sabor e essência. Enrolou em seu ventre como um potente licor, correndo por suas veias da cabeça e criando uma onda de fraqueza e tontura. Levantou sua mão, pondo-a em seu duro ombro. Dentro dela, uma guerra se liberava, entre o desejo de puxá-lo mais perto para desfrutar das sensações que estava criando só



uns instantes mais, e um impulso racional de empurrá-lo longe, como um vaivém, cada pensamento lutando por dominar.

Finalmente, empurrou seu o ombro ligeiramente. Para sua decepção, soltou-a de primeira e retrocedeu.

—Temos um pouco de confusão aqui, Emily Hendricks.

—Temos?

—Sim temos. Você diz que comprou meu castelo e que tudo é legal. Eu digo que eu construí o castelo e tenho mais direito a reclamá-lo. Você escondeu meu ouro de mim e eu não sei como poderia fazer para tirar meu dinheiro do banco, ou se o banco ainda segue aí depois de dois séculos e meio. Pode ficar por agora, moça, mas deveria pensá-lo melhor, porque não estive com uma mulher em muito tempo e você é de meu gosto. Penso que não será fácil recordar como ser um cavalheiro. Se você ficar aqui o suficiente, encontrara-se de costas e com suas pernas abertas.

Suas palavras a banharam como um afrodisíaco, fortalecendo o desejo que ele tinha alimentado em seu interior. A primeira reação quando ele saiu da cama e se retirou, foi de decepção. A segunda, foi de aumentar de sua ira, com os dois, com ela e com ele.

Saiu da cama, foi para a porta e a bateu de repente, fechando-a decisivamente. Ela escutou sua rajada de risada da escada e apertou seus dentes.

A diversão de Nigel desapareceu enquanto segurava a camisa de Emily e a examinou. Não tinha gostado antes que soubesse que era de mulher. Gostou menos ainda quando Emily o tinha visto como se pensasse que ele fosse um modista. Suspirando de desgosto, a pegou e a pôs.

Não podia ser ajudado. Duzentos e cinquenta anos, e só Deus sabia desde quando O'Neal se foi e seus filhos também. Deveria haver um guarda-roupa esperando por ele. Não o havia e a moça chateada que estava dormindo em sua cama, tirou seu esconderijo de emergência, também.

Não podia ir desfilando por aí totalmente nu, mas necessitava algumas respostas. Abrindo a porta, dirigiu-se fora e tomou as calças que tinha ficado ao lado do carro quando se transformou. Realmente tinha que recordar como as arrumou antes para levar consigo a roupa também. Perdê-la cada vez que se transformasse estava resultando tedioso.

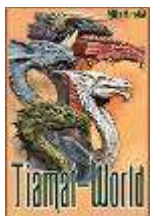
Isso era desconfortável. Foi apenas um lapso de memória por ter dormido tanto? Ou era algo mais?

Não gostava de considerar a possibilidade de que não poderia recuperar todos seus poderes... Ou talvez levaria anos para reaprender tudo.

Quando colocou a calça, estudou a carruagem de Emily, caminhando ao redor dela. Era uma carruagem que se via muito estranha, para estar seguros, e ainda mais estranha porque a coisa não necessitava de cavalos para puxá-la, especialmente tão rápido.

Entretanto, tinham se passado dois séculos e meio desde que tinha conhecido a um homem mortal. Talvez tivessem aprendido algumas das técnicas de vampiros? Entretanto, Emily tinha estado verdadeiramente assustada, quando ele se transformou e se meteu dentro da carruagem.

Olhou para a janela com o pensamento, franzindo a testa. Tinha estado incomodo. Ele queria assustá-la, mas não ficou particularmente muito satisfeito quando o fez. Gostou mais



quando seus adoráveis olhos cintilavam com humor, diversão, inclusive astúcia.

Perguntou se ela era tão única como parecia, ou se as mulheres haviam mudado tanto. Talvez ele tivesse estado tentado a pensar que era viril, com suas roupas absurdas e seu cabelo tão curto como o dela, exceto pelo pequeno detalhe de que não havia nada viril, ou de criança, em seu corpo. Tudo era de mulher, e sua reação para ele, era mais que teste suficiente de que ela não era uma “estranha”.

Irritado consigo mesmo por estar pensando nela, quando tinha coisas mais importantes pelas quais preocupar-se, a retirou de sua mente e se dirigiu para a vila. Era chato ter que andar, mas não acreditava que pudesse conseguir dirigir a carruagem de Emily e não podia dar o luxo de chamar a atenção chegando nu.

O lado positivo conseguiu cativar uma lebre no caminho e se sentiu muito mais forte depois de que comeu de novo. Parou na primeira casinha com que cruzou e olhou ao redor por água para lavar-se. Não havia uma fonte, mas encontrou uma jarra na mesa do jardim que continha água.

Era tarde de uma vez que se dirigia rua abaixo, olhando a sua direita e esquerda, procurando pelo nome de MacGregor. Havia algumas pessoas, mas o olhavam curiosamente. Incomodo com a atenção que parecia estar atraindo, moveu-se às sombras, junto a lateral dos edifícios.

Estava perto do centro da cidade quando olhou para cima e viu um par de homens jovens vindo para ele. Pararam quando estiveram perto, bloqueando seu caminho. Vestidos com pele negra de cabeça a pés, com comprido e fibroso cabelo e anéis sobressaindo do nariz, lábios, sobrancelhas e orelhas, a primeira coisa que pensou é que devia ser um disfarce, talvez retornando de um baile.

O mais alto dos dois riu, dando uma cotovelada no jovem ao lado dele.

—É bonito, né?

O outro homem sorriu.

—Qual é seu nome, então, moço?

Os olhos de Nigel se estreitaram. Antes que pensasse melhor nisso, agarrou um pela frente de sua camisa e ao outro pela garganta, levantando-o limpamente do pavimento. Jogando ao que estava segurando pela garganta contra a parede do edifício ambos ficaram juntos, deu um olhar perigoso ao mais jovem.

—Estou procurando o MacGregor, o agente imobiliário.

O tipo que ele tinha pego pela garganta apenas resmungou com voz rouca e amordaçada, com os olhos esbugalhados.

Nigel virou para o outro e o atraiu mais perto.

—MacGregor?

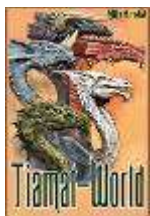
A boca do moço falou. Sem palavras, aponto abaixo do caminho.

—Que casa?

—A branca na esquina do Hobbs e Kensington.

Permitiu ao moço que estava segurando pelo pescoço deslizar-se ao chão.

—Para vocês poderia ser bom terem aulas de boas maneiras. — Resmungou.



Olhou-os várias vezes mais finalmente decidiu não fazê-lo.

Soltando-os, passou junto a eles e seguiu seu caminho.

A casa do MacGregor estava às escuras. Nigel a estudou por vários minutos e finalmente caminhou para o portão e foi à porta dos fundos. Depois de olhar ao redor e assegurar-se de que não havia testemunhas, se desmaterializou e se passou por debaixo da porta.

Amaldiçoou-se quando se materializou outra vez e viu que tinha deixado sua roupa fora, mas o desprezou, olhando ao redor do lugar onde se encontrava. Fechando seus olhos, afiou seus sentidos, sentindo seu caminho pela casa até que localizou os mortais.

O homem tinha uma esposa. Isso era lamentável.

Quando chegou à soleira de sua habitação, entrou, fechando os olhos, concentrando-se. Para seu alívio, juntou os fios de sua consciência e vontade para ele. Não havia dúvida, pensou com ironia, tinha sido fácil porque ambos estavam dormindo, mas não ia procurar um presente na boca. Movendo-se dentro, parou ao lado da cama, olhando ao homem dormindo. Finalmente, convocou a consciência do MacGregor.

MacGregor sentou, olhando-o fixamente. Lentamente o medo encheu seus olhos.

—Sou Nigel MacKissack, do clã MacKissack. Você vendeu meu castelo e eu gostaria de saber como conseguiu fazer isso.

MacGregor resistiu, mas pareceu ser por medo mais que outra coisa. De fato não parecia ter muito conhecimento dos eventos que conduziram à venda do imóvel. Parecia que tinha sido preso em um limbo legal por várias décadas enquanto que um solicitante atrás de outro dizia proclamá-la. Isso deixou um par de centenas de anos sem paradeiro e Nigel assumiu que a confiança que ele criou protegendo-a era a melhor, considerando no momento.

A pergunta de porque não tinha despertado quando se supunha não era algo que MacGregor pudesse dizer. Entretanto, Nigel suspeitou que ao menos uma parte disso, devia-se ao fato de que os mortais se retiraram dele, tanto que não tinha tido a força vital para que suportasse e se afundou mais e mais na hibernação. A única falha que ele encontrou em sua teoria era que a presença de Emily não deveria havê-lo despertado, se esse fosse o caso.

Afastando como a parte menos importante do mistério, Nigel extraiu toda a informação que pôde de MacGregor antes de empurrá-lo para um profundo sono. Procurou ao redor por um abajur ou uma vela, mas não encontrou nada familiar. Havia algo nas mesas em cada lado da cama que pensou eram abajures, mas ambas tinham a estranha bola de cristal sobressaindo da parte superior. Não podia ver nenhuma forma das acender.

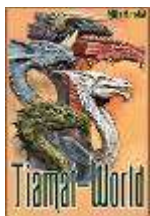
Fico paralisado por vários minutos. Finalmente, espreitou a cama do MacGregor.

—Levante-se homem, e me mostre como acender os malditos abajures.

MacGregor se incorporou, tateou o abajur por um momento e virou-o e acendeu a luz iluminando o quarto.

—Não tenho mais necessidade de você — Murmurou Nigel, pondo sua palma na testa de MacGregor e empurrando-o abaixo uma vez mais.

Estudando o abajur, moveu o cabo que MacGregor tinha usado, acendendo o abajur,



apagando-a, acendendo-a, apagando-a. Ainda não podia entender como a coisa estava produzindo luz, mas finalmente decidiu que não era tão importante enquanto soubesse como fazê-la funcionar e mudou sua atenção em selecionar um guarda-roupa para ele.

MacGregor era um pouco maior que ele, não tão alto, mas imaginou que MacGregor era um pouco mais próximo a seu tamanho que a roupa de Emily e a roupa deveria ajustar-se bem até que pudesse encontrar um alfaiate. Encontrou um kilt no armário. Não era a insígnia de seu clã, é obvio, mas era um kilt escocês. O pegou de todos os modos já que os mendigos não podem ser exigentes e um par de calças e camisas.

As meias requeriam outra grande busca, mas encontrou umas e depois se dispôs a procurar sapatos. Apertavam como o diabo, mas estava cansado de ter que caminhar descalço. Decidiu que se arrumaria com eles antes que pudesse encontrar um sapateiro.

Ocorreu depois de que tinha passado o pior de sua raiva, que ele tinha estado tão furioso que não havia pensando em ver se Emily tinha descoberto o outro esconderijo de emergência que no calabouço. Tinha posto a maioria no caixão com ele, é obvio, imaginando-se que era o lugar mais seguro já que certamente despertaria se alguém tentasse levar enquanto ele estivesse lá. Não considerou a possibilidade de que alguém as encontraria enquanto ele estivesse fora se alimentando.

Não importava. Cedo ou tarde averiguaria onde ela as tinha posto e enquanto isso, assumindo que ela não encontrou, ele teria que usar para atender suas necessidades. Descobriu quando retornou ao castelo que ela tinha trancado deixando-o fora.

Mulher irritante!

Uma vez que esteve dentro, abriu a porta, recuperando sua roupa e fechando-a de novo. Ela o tinha deixado para fora de seu quarto, também... E tinha enfiado coisas sob a porta.

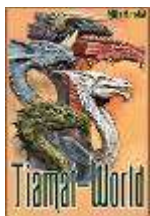
Sentindo-se entre divertido e irritado, Nigel se transformou uma vez mais, entrando no quarto pelo buraco da fechadura. Ela estava dormindo, olhou, no ponto morto da cama, um travesseiro quase tão largo como ela estava junto a ela, suas nádegas em forma de coração estavam sedutoramente em sua direção em sua direção.

Sua boca se secou. Ambos, sua diversão e irritação desapareceram. Vagamente, recordou pronunciar algo estúpido a respeito de ser um cavalheiro. Olhou para baixo a seu membro, o qual se levantou com interesse.

—Você não precisa olhar tão esperançoso, Laird (título de nobreza) MacKissack, ela não estaria feliz em vê-lo.

Depois de um momento, moveu-se ao seu lado da cama e subiu. Ela tinha toda a coberta, também, notou. Ela murmurou algo dormindo quando ele puxou a coberta e se cobriu com ela, mas o ar estava um pouco gelado, e não tinha em mente congelar o traseiro só pelo bem de ser um cavalheiro.

O Laird finalmente se acalmou com decepção e Nigel mal se arrumou para dormir quando ela virou e jogou um braço e uma perna ao redor dele. Respirou profundamente, segurou por um tempo e lentamente o deixou ir, mas não havia suficientes coisas que um homem pudesse aguentar



e ainda manter sua prudência.

Capítulo sete

Havia um homem em sua cama. Emily sentiu uma pontada de alarme e em seguida lembrou que era a cama dele. Ela estava em sua cama. Era raro, este sentimento de que pertencia a ele, e em sua cama, quando não recordou ter tido outro.

Talvez tenha sido apenas uma noite? Não era algo que ela tinha tentado, mas...

Quando passou sua mão, sua ligeiramente dura palma sobre sua nudez ela se deu conta que era Nigel... O vampiro Nigel. Algo sobre isso a perturbou, mas não estava segura do que era. Em poucos segundos, tampouco se importou, porque sua boca e suas mãos estavam absolutamente maravilhosas enquanto ele acariciava sua pele sensível. Empurrou a larga e solta camisa de dormir com a que ela dormia até que chegou à parte superior acolchoada de seus seios. Seus mamilos se enrugaram e se ergueram uma vez que o fresco ar da habitação os acariciava.

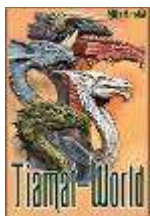
Sua boca vagou pelo vale entre seus seios e em seguida enrolava mais a cima à sua ponta. Ele a importunou por um momento com sua língua, fazendo-a ofegar e movendo-se sem descanso debaixo dele. Finalmente, quando pensava que só a ia incomodar, tomou seu mamilo e o meteu em sua boca. O calor a torturou por dentro ao momento em que ele se aproximou à ponta sensível. Ela gemia de prazer encorajando-o, agarrando seus ombros e em seguida tomando seus braços e costas. Com cada sacudida de sua boca, uma nova sensação a atravessava, criando uma tensão em seus músculos debaixo de seu ventre e reunindo umidade em seu sexo até que se encontrou ofegando em um esforço por encher seus pulmões, tão tonta que se sentia bêbada de desejo.

A fome cresceu dentro dela ao mesmo tempo das sensações, florescendo, fazendo crescer seu corpo tenso, e logo a tensão seguiu até que se sentiu perto do máximo.

Por um momento, a decepção foi completa quando soltou seu mamilo e começou a passear pelo monte abaixo em direção ao vale, mas seu ventre ficou tenso pela espera, seu mamilo implorando por atenção.

Ele se entregou com ardor, fazendo seu corpo arquear para cima, retorcendo-se e descansava depois começou a subir mais alto. Desconfortável com sua necessidade crescente, passou por debaixo dele. Seu grande membro estava escavando na pele suave de seu ventre e ela o necessitava mais abaixo. A satisfação a encheu quando se colocou entre suas coxas, empurrando sua fenda cada vez que arqueava seus lábios e evocando ondas de prazer.

Gemendo, ele quebrou sua atenção de seu mamilo e sentou-se sobre os joelhos, puxando sua calcinha para baixo e fora de suas pernas impacientemente e logo se colocou entre suas coxas



uma vez mais, guiando a cabeça de seu membro ao longo de sua fenda até que colocou a cabeça redonda na boca de seu sexo. Ela gemeu levantando-se para receber seu impulso. Seu membro escorregou entre sua umidade, abrindo caminho e foi preso na apertada garganta de seu sexo uma vez que pressionava convulsivamente ao redor dele.

Apertando seus dentes, retirou-se um pouco e empurrou de novo, ganhando um pouco mais de terreno antes que os músculos de seu punho ficassem a seu redor e deteve sua marcha uma vez mais.

A pesar do ar frio ao redor, a umidade banhava seu corpo enquanto ele tentou se agarrar em seu controle, de uma vez que lutava para romper os músculos de seu vício e finalmente se enterrou completamente dentro dela.

Emily pôs seus braços ao redor dele quando parou para recuperar seu fôlego, sustentou-o durante um momento e depois começou a acariciar suas costas, girando seus quadris quando ele parecia lento em responder suas necessidades. Emitindo um som entre gemido e rosnado, colocou sua boca sobre a dela e começou a empurrar dentro de seu corpo com seu pênis e sua língua, acariciando a sua boca e a outra boca com o mesmo ritmo erótico. O corpo de Emily pulou de excitação e agitação, escalando os limites da agradável resistência. Gritando ela fechou sua boca ao redor dele, chupando-o enquanto seu corpo convulsionava ao redor de seu pênis em ondas deliciosas.

Estremeceu, agitou-se quando a liberação provocava uma dura resposta a seu corpo, levando-a além do controle e para a crista. A liberação da tensão a sugou para baixo no esquecimento e uma vez mais Emily estava sorrindo ligeiramente enquanto se afastava para uma nuvem quente de satisfação.

Algo fazia cócegas no nariz quando ela despertou. Coçou o nariz mais a cócega persistiu, despertando à consciência de que o colchão estava mais duro e com mais nódulos do que pensava. Ele também estava se movendo para cima e para baixo.

Emily abriu os olhos a uma carne cor de rosa que se recusava a entrar em foco porque estava contra a ponta de seu nariz. Levantando sua cabeça lentamente, afastando a visão do sonho de seus olhos e tentou de novo. A cor foi descoberta assim mesmo em um amplo peito com uma capa fina de pelo masculino. Emily empurrou a si mesma e ficou olhando Nigel sem compreender, sentindo a indignação lentamente filtrar seu cérebro atordoando.

Arrebatando um travesseiro, abraçou com força. Lentamente, abriu um olho.

—Que horas são? — Murmurou roucamente.

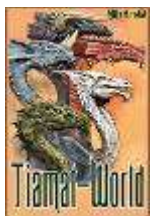
Emily o olhou.

—Como demônios vou saber? Acabo de me levantar! O que você está fazendo na minha cama?

Seu olhar passava dela, à janela e fechou os olhos de novo.

—Não pode ser mais que oito da manhã, me levante meio-dia. — Resmungou, dando a volta e enterrando sua cabeça no travesseiro.

Emily ficou olhando incrédula.



Não tinha nada posto! Estava começando a acreditar que o homem não usava nada. E o que estava fazendo em sua cama, nu, como se ela o houvesse convidado, nem sequer queria imaginar, especialmente porque começou a ter uma coleção de luz de um selvagem sonho erótico que ela teve a noite passada.

Ela havia trancado a porta da casa e a de seu quarto, e tinha mais, ela deixou coisas na fresta da porta de seu quarto, só em caso de que usasse o truque da fumaça uma vez mais. Esse pensamento lhe trouxe outro e olhou para a janela especulativamente.

Como ela tinha pensado, a luz do sol estava entrando, já que ela não tinha arrumado as cortinas ontem à noite.

Os vampiros andavam na noite. A luz do sol os matava. Seus olhos se estreitaram com suspeita no momento e o olhou de novo. De qualquer jeito não acreditava nas tolices de que ele fosse um vampiro. Ele era uma espécie de... Mago... Ou possivelmente um hipnotizador. Bateu-lhe no traseiro nu com a palma de sua mão.

—Que tipo de vampiro você é, em tudo isto? — Ela exigiu.

—Um cansado. — Murmurou no travesseiro, quase se alterando quando ela bateu em seu traseiro nu.

—O que eu gostaria de saber — Emily disse secamente — É se realmente é um vampiro, como você diz, por que a luz do sol parece não te incomodar?

—Está me incomodando, fecha as malditas cortinas.

Faria-o?

—A luz do sol mata os vampiros. — Emily disse enfaticamente.

Nigel levantou-se apoiado sobre um cotovelo e a olhou.

—Você é surda, moça? Por que a maldita luz do dia me mataria?

—Não é um vampiro, verdade?

A estudou por um longo tempo e finalmente caiu sobre o travesseiro outra vez.

—Mais dos absurdos que você ouviu falar sobre vampiros, né? Bom, é diabolicamente cedo para estar discutindo. Veem mais tarde, moça, e conversaremos quando estiver acordado.

Por um lado, ela sabia que ele tinha razão. Nem sequer tinha tido seu café, e se sentia como o inferno. Seu cérebro parecia estar funcionando na metade da velocidade... Ou talvez menos, porque recordou justo ali, que não foi para a cama nua. Ocasionalmente ela dormia nua, quando estava particularmente quente e o ar condicionado não podia com o úmido calor do sul, mas já não estava na Geórgia e não estava fazendo calor e estava malditamente segura que ela tinha tido uma camisola e uma calcinha quando foi dormir.

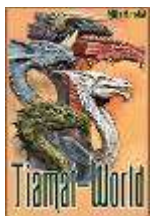
—Seu... Seu... Idiota! Onde está minha maldita roupa?

Virou sua cabeça de um lado e abriu um olho. Ela não se deixou enganar, havia definitivamente cautela nesse olho azul brilhante.

—Perdeu-as?

Seus olhos se estreitaram.

—Não sonhei isso... O que aconteceu ontem à noite, talvez eu...?



—Sou um vampiro, não um leitor de mentes. Como vou saber com o que sonhou, ou não sonhou moça?

Emily rangeu os dentes.

—Estou malditamente segura não estar sonhando e há... Sêmen em minhas coxas.

Levantou-se para estudá-la com interesse.

—Tem, deixe-me dar uma olhada. — Murmurou, agarrando suas pernas e as separando.

Emily esbofeteou suas mãos, mas a arrastou debaixo dele apesar de seus esforços, tomando suas mãos e as algemando na cama. Estava quente de tanto rir quando a segurou na cama com seu peito, isso a fazia ficar louca.

—Você... Você me hipnotizou... Ou algo assim.

—Não estou certo do que seja hipnotizar, mas estou certo de que não o fiz. Estou pensando que é uma sonâmbula, e abusou de mim em meu sonho quando estava indefeso.

Odiava admitir, mas ele não só era sexy como o inferno, com seu cabelo revoltado e sua barba por fazer, também era lindo. Mordeu o lábio, tratando de não sorrir. Não havia sentido em promover sua malícia.

—Você fez a coisa de vampiro, então, e me fez acreditar que estava adormecida.

Algo em seus olhos piscou.

—Se tivesse feito, não lembraria nada.

—Não há necessidade de lembrar! Você deixou... Provas!

Suas sobrancelhas cafés se levantaram, mas seus olhos se abriam e fechavam pela risada contida.

—Então tenho que me lembrar de colocar tudo em ordem. Certo, moça?

—Há! Então admite?

—Não, não o faço, mas estou pensando, vendo como já me levantei e agora estou acordado, talvez você tome parte.

Emily engasgou, todas as sugestões de humor foram embora.

—Acredita que eu te deixaria?

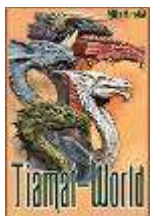
Suspirou irritado.

—Sim, acredito que o faria. — Murmurou, segurando-a com seu olhar penetrante.

Emily piscou, sentindo-se pesada do nada, fraca, tonta. Lutou contra isso. Pouco a pouco, entretanto, a letargia ganhou até que sentiu que já não desejava lutar. Sentiu-se estranhamente em paz de uma vez que o olhava, totalmente consciente, e ainda assim sem a sensação da situação.

Soltando o controle de seus pulsos, se deslocou, sustentando seu rosto em uma mão e permitindo a seu olhar percorrer o comprimento, em uma meticulosa inspeção que parecia não perder nada. Emily viu como seus olhos se obscureciam em uma nuvem de desejo, sendo um reflexo de sua própria necessidade crescendo nela.

Acariciava-a com um rigor tão lento que não lhe deixava nenhuma parte sem tocar, construindo um inferno interior que a fazia sentir-se queimada pelo calor, como febre. Separando



suas coxas, se colocou entre elas, atravessando a entrada de seu sexo e empurrando dentro dela enquanto cobria sua boca com um beijo quente.

Emily ofegou uma vez que seu corpo se ajustava à intromissão, sentindo seu corpo apertando ao redor de seu enorme pênis. A cada golpe de sua carne ao longo de sua passagem, o terremoto de prazer passava por ela, crescendo cada vez mais forte, liquidando-a fortemente até que separou seus lábios dele e emitiu um gemido rouco que já não podia conter.

Aumentou o ritmo de seu impulso, indo mais rápido dentro dela até que a estimulação era quase intolerável. Quando as sensações chegaram ao limite da resistência e explosão dela, fragmentando-se em quentes pedaços brancos de êxtase, estas arrancaram dela um grito de pura satisfação, que ele ecoou momentos mais tarde com sua própria culminação.

Tremendo pelo esforço, colocou-se fracamente sobre ela, ofegando. Alagada com a satisfação, Emily ficou sem vida debaixo dele, vagamente consciente da sensação de realização que passou além da liberação sexual e a ansiedade que quase se igualaram, porque ela não deveria sentir nada desse tipo.

Colocando um beijo com a boca aberta ao longo de seu pescoço, Nigel se moveu e rolou de barriga para cima. Levantando a mão mais perto dela, acaricio-lhe suas têmporas com seus dedos.

—Diria a você que não vai recordar nada disto, moça, mas é muito teimosa, não estou me queixando. Tenho o pressentimento de que não deveria ter acordado quando o fiz se não fosse pela força da vida que você leva, e meus assuntos em tal desastre, mas por muito que tenha que me alimentar dela, estou pensando que não é uma boa ideia te ter aqui.

Os mortais fazem pura companhia aos vampiros, e um vampiro sábio se mantém afastado dos mortais quando há perigo de que o sentimento cresça. Para o bem dos dois, deveria estar pensando em ir de novo às colônias, moça.

Capítulo Oito

Havia luz no quarto quando Emily acordou. Ficou na cama olhando o teto por um tempo, sentindo-se apática, mas estranhamente satisfeita e ainda assim desgostada, também.

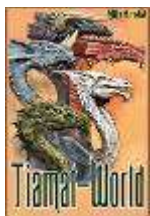
Nigel estava morto para o mundo.

Talvez, essa não fosse o melhor tipo de metáforas com referência a um vampiro. Franzindo a testa, sentou começou a levantar da cama. Ele virou quando ela se moveu, como procurando-a, mas depois de um momento, deixou-o, dormindo profundamente.

Arrastando-se pelo quarto, Emily encontrou uma muda de roupa e se moveu à porta. Ainda estava fechada, e a roupa que enfiou debaixo da porta também seguia ali. Estudo-o com perplexidade, perguntando-se como tinha entrado, e finalmente olhou para a janela.

Também estava fechada e com chave.

Nigel não parecia seguir nenhuma das “regras” que ela sabia sobre os vampiros, poderia ser



ou não um vampiro mais era certo que ele não era um tipo normal.

A porta rangeu quando saiu e olhou para a cama, seu pulso estava acelerando. Quando ele não se moveu, fechou a porta atrás dela e foi para o final do corredor, no banheiro. Não tinha sentido tratar de mentir a si mesma a respeito do que acabava de acontecer. Ela gostou verdadeiramente de fazer o amor com Nigel... Era um amante considerado e experiente. O que a fazia sentir incomoda era, que parecia que ele era capaz de tirar sua vontade a um grau que ia além de “só estimulá-la” a um ponto onde a ela simplesmente não importava nada mais.

Ela não tinha o hábito de participar de sexo por diversão, ou casual. Ela tinha necessidades, como todos os outros, e não considerava a si mesma como a Senhorita Hipócrita. Ela só não obtinha nada do sexo geralmente, a menos que houvesse um vínculo emocional.

Achou Nigel simpático; para ser um completo louco. Também o achou muito atraente, mas não se sentia confortável em ir para a cama com ele conhecendo-o tão pouco e sabia que ela não teria feito de boa vontade.

Ele havia feito alguma coisa, além de ser um homem bonito e encantador. Vagamente, ela se lembrou de dizer algo a respeito de não “sair” para se aproximar dela... E depois disso, fez.

O que ia fazer com ele?

Supondo que podia retornar à delegacia de polícia e demandar que o tirassem, ou prendessem, mas se o que dizia ele, fosse certo? E se o lugar fosse dele, e não havia concordado em vendê-lo, pensando que o tinham cuidado?

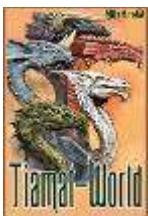
Não era problema dela. Ela o comprou. Qualquer um que soubesse destas coisas notaria que tudo estava em ordem. Legalmente, era dela. O problema com o legal era que nem sempre estava bem.

Não era infalível. Era possível que Nigel pudesse provar uma afirmação antes de entrar com os papéis para respaldá-lo e se recusariam voltar o título a ela. Então ficaria sem dinheiro e sem lugar, mas não acreditava nem por um momento, que as pessoas a quem pagou devolveriam o seu dinheiro. Provavelmente terminaria em um tribunal... E com isso o pequeno ninho de ouro que descobriu, iria também.

Poderia ir, é claro, mas nos Estados Unidos as posses eram nove décimos parte da lei e se deixasse sua posse e mudasse, poderia debilitar sua situação ainda mais. Além disso, não havia nenhum lugar aonde ir, a menos que estivesse disposta a usar sua descoberta do calabouço e a verdade é que tinha medo de usá-lo até que fosse absolutamente necessário.

Depois que tomou banho, decidiu deixar a habitação principal para Nigel e tomar outro quarto no final do corredor. Ao menos assim ele não poderia dizer que ela estava dormindo em sua cama, com o qual nove de cada dez homens tomavam como um convite aberto, e Nigel estava entre eles.

Não podia decidir o porquê não se sentia zangada sobre o fato, de que ele tinha tomado vantagem dela. Achava que devia estar e sua aceitação à situação filosoficamente não era seu estilo. Apesar disso, não pôde convocar a indignação nem a fúria... Nada de nada, além de uma pequena sensação de desconforto total que a encheu e não deixou o sentimento ir.



Não sabia o que ia fazer se ele seguisse persistindo em considerá-la como parte de sua propriedade. Entretanto decidiu que ela ia fechar a ponte quando viesse.

A coisa mais importante era ver como poderia tirar as moedas fora da cama e as colocar em um lugar seguro, agora que Nigel inconvenientemente tinha decidido reclamar a cama. Descobriu quando chegou em baixo que um par de ajudantes locais tinham chegado procurando trabalho. Desconcertou-a, mas finalmente disse que dessem uma olhada no lugar e às coisas danificadas enquanto ela ia à cozinha para procurar um pouco de comida e começar o dia.

O leite estava morno. Como o refrigerador estava ligado até o máximo, mentalmente adicionou um refrigerador a sua lista de necessidades e foi experimentar o fogão. Parecia funcionar razoavelmente bem, mas depois de queimar o pão que tinha colocado para esquentar decidiu que primeiro ia ter que descobrir como funcionava antes que realmente começasse a cozinhar nele.

Tirando as partes queimadas, passou manteiga no resto e comeu com uma xícara de café instantâneo, pensando em sua situação. Supôs que não tinha considerado adequadamente as dificuldades de renovar uma estrutura de várias centenas de anos, mas também tinha suposto que o castelo estava em melhores condições das que realmente estava. Imaginou que o edifício ia necessitar uma remodelação, provavelmente umas reparações, mas supôs que ia ser habitável. Achou que era, mas não para os padrões de todos, ao menos ganhava das pessoas que viviam na rua. A verdade incomoda, era que o castelo era uma área lindamente desastrosa. Se não fosse uma estrutura histórica provavelmente teria sido demolido.

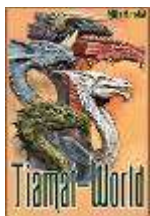
Tinha visto edifícios em melhores estados, que tinham sido demolidos. Ia tomar muito dinheiro fazer do lugar a jóia que ela tinha imaginado, e se perguntou se haveria suficiente ouro no mundo para fazê-lo. Esse pensamento a fez recordar as moedas que tinha tomado e estava irritada com o fato de que Nigel as proibia no momento. Entretanto lembrou que tinha pego a primeira moeda que encontrou e a tinha colocado no bolso da calça. Não era muito provável que trouxesse muito, mas ao menos podia aconselhar-se de quando valia cada moeda.

Tinha deixado suas calças na habitação: com Nigel.

Deixando a cozinha, foi avaliar a situação com o castelo outra vez, desta vez com um olho para a reparação. Dois homens estavam vagando pelo corredor, vendo as paredes, o teto e o piso com duvidas. Quando entrou, pararam e se viraram para ela. Pôde ver por suas expressões que eles pensavam que era melhor demolir o lugar e começar de novo, talvez isso fosse o melhor, mas essa não era uma opção.

Depois de pensar um pouco, decidiu que começaria com um pouco de limpeza básica. O lugar estava tão sujo de tantos anos acumulados de pó, fungos e teias de aranha, que era quase impossível dizer o que precisava ser reparado, descartado ou limpo. Qualquer que fosse o valor da moeda, pensou que ao menos poderia pagar a eles por um dia.

Rapidamente, negociaram o pagamento de alguns dias e os foram trabalhar na classificação e circulação dos móveis. Qualquer coisa que parecesse boa, ia ficar onde estava. O que necessitasse reparação se levaria ao corredor. E o que necessitasse além de reparação ia ser



colocado em uma pilha separada, para que assim ela pudesse avaliar se tentaria a reparação ou se dava por vencida e o considerasse uma perda total.

Não pareciam muito emocionados com o trabalho, mas foram trabalhar em seguida. Encolhendo de ombros mentalmente, Emily pensou que o trabalho em si “eliminaria” os que realmente queriam ou necessitavam de trabalho, daqueles que vieram porque pensaram que fossem tirar mais dinheiro da Americana. Do lado de fora encontrou outros três. Os colocou para trabalhar na limpeza; cortando as ervas daninhas, coletando as pedras que caíram e que precisavam ser recolocadas, e construindo uma pilha de escombros.

Satisfeita de que pelo menos algum progresso se faria, entrou no castelo e ficou de pé vendo a escada em espiral por um momento. Finalmente, dando-se ânimos, foi para cima.

Nigel estava deitado no centro da cama sobre seu ventre, um travesseiro sobre sua cabeça, mas não fez muito mais que se mexer quando ela entrou em silêncio no quarto. O travesseiro era a única coisa cobrindo seu corpo nu. A colcha se deslizou ao piso.

Emily ficou olhando por um momento, capturada pela visão de toda a pele exposta.

Tanto quanto ela teria gostado de negar o interesse nele, não pôde. Ele era um homem grande, um muito bem formado. Não tinha o “porte” e a definição de um construtor, mas seu corpo estava tenso e muscular, e como ela recordou, duro por toda parte.

Um arrepio passou por ela, e arrastou seu olhar dele, quase com relutância e procurou ao redor do quarto. Seus pertences estavam ainda espalhados e não queria permanecer muito tempo no quarto para reunir todos. Depois de um momento, viu suas calças e camisa do dia anterior e os recolheu. Para seu alívio a moeda seguia no bolso da calça.

Girando, saiu do quarto, sentindo uma sensação de triunfo. A sensação de felicidade durou até que viu o carro rendido à luz de sol. A tristeza a encheu.

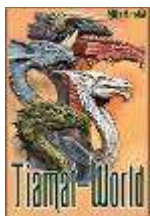
O para-brisa estava quebrado. Só o Senhor sabia quanto cobriam para repará-lo. Teria uma semana, antes de ter que enfrentar os danos, e afastou o pensamento, tirando o mapa das estradas e estudando-o. Não a machucaria procurar por uma loja de moedas na cidade, mas decidiu que preferia mais de uma opinião sobre o valor da moeda.

Disse aos trabalhadores que ia buscar fornecimentos, foi imaginando uma história em sua cabeça, que fosse acreditável e que explicasse como teria ela a moeda em sua posse.

Capítulo nove

O ruído não podia ser ignorado. Nigel fez seu melhor esforço, mas lentamente os golpes, marteladas e os murmúrios, assobiaram filtrando-se em seu casulo de comodidade, perturbando o sentido de bem-estar que teria como um escravo feliz. Os serventes tinham melhor critério, que fazer ruído, quando ele estava dormindo. Que demônios estavam fazendo?

Não se deu conta de que estava tratando de identificar os sons como indivíduos até que lhe



ocorreu que não escutava nada familiar. Lentamente, sua mente se conectou com a falta de reconhecimento e finalmente se recordou de que não estava escutando o dia cotidiano dos serventes. Fazia muito tempo e esses mortais já estavam mortos. Quem quer que esteja pisando no lugar e fazendo tanto barulho, não era alguém que ele conhecia.

Esparrramado na cama, espreguiçou e virou. Depois de um tempo, se arrumou para levantar um olhar suficiente para a janela. Era ainda cedo. Onze possivelmente onze e meia. Em seus dias ele teve a ideia de hibernar por um tempo, era seu costume vagar pela noite, cair na cama perto do amanhecer e dormir até entrada a tarde, mas podia ver que até que ele tivesse treinado um novo pessoal, não ia poder praticar esse costume mais.

Sentiu ao redor da cama procurando por sua mulher, e descobriu que não estava. Isso o despertou o suficiente para fazê-lo sentar-se e olhar ao redor do quarto. Ele franziu a testa quando olhou o quarto, só, exceto por si mesmo, e muito mais irritante que sua concubina não estivesse e sem sua permissão, que estava a ponto de ser despertado. A reclamou por duas vezes, a fundo. Ela deveria estar sobre seu feitiço. Não podia saber o que se passava com ela, e não gostava. E ele não gostava mesmo.

Ela deveria ficar á espera que ele acordasse para fazer sua vontade. Sentia-se fortalecido com a essência de vida que tinha absorvido dela até agora, mas a necessitava de novo e ela tinha fugido, deixando-o sem caminho para assegurar sua fome. Na luz do dia, encontrou que estava menos inclinado a atribuir a ela poderes de qualquer tipo... Além da teimosia mortal.

Sentia-se forte agora. Possivelmente não tinha alcançado sua força total, talvez ainda faltassem algumas habilidades por dormir tanto, mas estava seguro de poder convocar a maioria de seus poderes.

E ainda assim Emily conseguiu resistir a ele.

Finalmente, decidiu que era um enigma que resolveria com o tempo. Pelo momento, estava mais interessado em descobrir que o acontecia no castelo. Levantando-se da cama, procurou por um urinol. Não havia um. Tampouco havia uma lavagem ou uma jarra para o banho. Irritado de novo, Nigel desceu as escadas para a cozinha deserta. Lançando-se para a porta da cozinha aberta, apoiou contra o marco da porta e urinou no jardim.

Havia um estranho homem movendo-se pelo jardim, cortando as ervas com um estilingue. Quando Nigel abriu a porta, o olhou curiosamente e logo voltou a sua tarefa.

—Ei você — Nigel o chamou quando terminou— Por qual nome é conhecido?

O homem parou de novo e o olhou de cima abaixo.

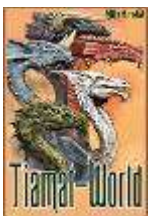
—Sean. É o marido da ianque, então?

Nigel franziu o cenho. Depois de um momento se deu conta de que o homem se referia a Emily. Estava a ponto de negá-lo quando ocorreu a ele que não queria os locais fofocando sobre sua mulher.

—Sou o senhor aqui, me traga um pouco de água para o banho.

O homem franziu o cenho.

—Então a água não está funcionando no castelo?



Nigel deu ao homem um olhar assassino. Não estava acostumado a que alguém questionasse uma ordem com uma pergunta, mas estava o suficiente curioso para deixar o comentário de lado.

—Dê uma olhada.

—Não sei muito de cobertura de chumbo, mas verei se posso fazer algo a respeito.

Nigel ficou de lado enquanto o homem chegava à porta. Depois de olhar ao redor, foi até pia ao lado da cozinha e segurou uma presilha. A água se derramou no momento em que a girou.

Intrigado, Nigel cruzou a cozinha, e olhou a água correr do bocal. Parecia vir da parede. Inclinou sua cabeça, escutava o movimento da água e tratando de determinar a direção de onde vinha se deu conta que se movia através dos tubos que corriam pelo teto e ao longo da parede.

—Tem razão, não está quente. Talvez o interruptor da água quente se rompeu. — Nigel olhou ao homem sem compreender— Sabe onde está a caixa do interruptor?

Como não sabia o que era um interruptor, ou um aquecedor de água, embora isso soasse em si muito explicativo, certamente não tinha nem ideia de onde poderia estar à caixa que continha os interruptores, o quer que isso fosse. Apenas encolheu os ombros.

Depois de olhar ao redor na cozinha, o homem finalmente deu a volta e foi abaixo para o calabouço. A coisa ao fundo da escada seguia grunhindo e tossindo, e a estranha chama de luz ainda iluminava, conforme pôde ver Nigel. Não viu nenhuma caixa de nenhum tipo além de seu sarcófago.

Sean o olhou sobre o ombro um par de vezes.

—Está um pouco frio para andar nu.

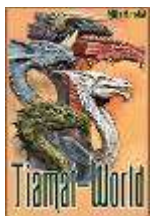
Franzindo a testa, Nigel agarrou o homem pela garganta com uma mão. Levantando o homem do degrau da escada, puxou-o para perto, olhando através de seus olhos esbugalhados para seus pensamentos.

—Sou um tipo bem paciente, se não fosse, não teria tolerado suas rabugices o tempo que tenho feito, moço. Cuide de sua língua quando me falar ou não a terá por muito tempo. Está claro?

Quando os olhos do homem vidraram, Nigel o pôs sobre seus pés de novo.

—Agora... Não conheço a caixa dos interruptores, nem a cobertura de chumbo, nem o aquecedor de água. Explica-me isso e depois encontraremos essas coisas e me mostrará como se usam.

Assentindo, Sean falou por uns dez minutos, mas ele poderia estar falando uma língua estrangeira e simplesmente não ele teria encontrado sentido. Sua biblioteca já não estava, mas parecia duvidoso que o tivesse servido se seguisse intacta. Em seus dias, manteve-se ao dia com os avanços científicos, mas dificilmente depois de duzentos anos um livro desses lhe serviria agora, embora o tivesse. Finalmente, limitou-se a cortar Sean e o urgiu a que explicasse o funcionamento das coisas que havia descrito para que ele as usasse também. Quando tivesse tempo, e dinheiro procuraria alguns livros e ficaria em dia com as coisas que tinham mudado desde que tinha caminhado pela última vez na Terra.



Localizaram a caixa dos interruptores, e Sean moveu os interruptores para cima e para baixo, deixando-os na escuridão em certo tempo. Finalmente, expressou sua opinião de que os interruptores estavam funcionando muito bem, considerando como estavam velhos e foram para a escada.

Quando chegaram ao corredor novamente, Nigel revolveu procurar a roupa que trouxe e finalmente escolheu o kilt. De lá, prosseguiram até o segundo andar e Sean o mostrou as maravilhas do banheiro. Conforme, Nigel mandou a Sean a seus assuntos. Apesar de que Sean assegurava que o aquecedor de água funcionava, a água estava apenas menos que fria, mas como os serventes pareciam ser coisa do passado, ele conseguiu.

Havia uma peça retangular esponjosa que pendurada sobre a cortina de banho. Cheirava a Emily e estava ainda úmida de seu banho com ela. Utilizou-a para secar e a jogou em um lado.

Vestido com o kilt escocês uma vez mais, dirigiu-se outra vez para baixo e para a cozinha. Não havia serventes para cozinhar nem comida para cozinhar ele mesmo. Dentro de uma caixa fria descobriu um bloco de queijo. Cortando a pele estranha do queijo, fechou a porta da caixa e procurou algo com que acompanhá-lo. Encontrou pão, mas não tanto como para uma garrafa de vinho.

Zangado, ficou sobre uma mesa e consumiu seu pão e queijo, lavando-os na coisa que Sean tinha chamado grifo. Foi uma comida decepcionante para não dizer menos. Estava acostumado a comer mais elegante, mas decidiu que podia remediar a situação logo que colocasse as mãos sobre seu dinheiro.

Escovando as migalhas de suas mãos, foi para o calabouço. Não havia tochas, nenhuma fonte de luz além da lâmpada que Sean tinha explicado que usava eletricidade e não se podia mover. Depois de escavar um pouco, quebrou uma cadeira velha e pegou uma perna e logo retirou o revestimento de seu caixão para formar uma tocha improvisada. Descobrindo que não tinha nada para acendê-la, subiu a escada uma vez mais e encurralou a Sean no jardim.

—Tenho a necessidade de acender minha tocha.

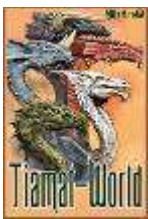
Sean coçou a cabeça, olhando o maço de tecido ao final da tocha improvisada de Nigel sem compreender. Finalmente, procurou em seu bolso e retirou um pequeno objeto retangular.

A luz que Sean produziu conformou Nigel. O guardou no bolso e agradeceu ao homem, dirigindo-se dentro uma vez mais.

Escombros, descobriu, bloqueavam o estreito corredor que conduzia a uma câmara secreta e quase perdeu a paciência. Segurando seu temperamento, encaminhou-se para as escadas, reunindo os trabalhadores do castelo, pondo-os na tarefa de limpar o caminho de escombros e colocando no corredor. Olhou eles por um tempo, mas o aborrecimento aumentou e subiu para avaliar a magnitude de sua situação.

Emily não tinha reaparecido e, tão pouco como gostava de admitir, não estava muito feliz com sua ausência. Levou-se a carruagem, viu, mas não podia decidir se isso significava que se foi ou que ia retornar.

Tinha deixado seus pertences. Ia retornar. Estava seguro disso.



Decidindo isso, talvez, ela tinha ido por comida, a retirou de sua mente e examinou o castelo de cima abaixo. Para o tempo que tinha acabado, ele sabia que o castelo necessitava mais que reparação. Talvez simplesmente devesse demolir e reconstruí-lo?

Entretanto, Emily parecia estranhamente ligada à pilha de escombros. Não que ele estivesse particularmente abalado sobre se ela estivesse em acordo ou desacordo com sua decisão, mas finalmente decidiu que ela tinha muito carinho pelo lugar e justificava o trabalho de repará-lo. Havia muitas lembranças apegadas ao lugar, alguns bons, outros não tão bons, alguns bastante ruins, mas, sobretudo estava mais inclinado por essas lembranças prazerosas e o desejo de preservar algo familiar era forte, também.

Tudo tinha mudado tão drasticamente desde que tinha hibernado. Ia requerer muito esforço acostumar-se às mudanças. Particularmente não gostava do sabor de ter que se acostumar a uma nova residência, também.

Tendo isso em mente, dirigiu-se fora. Nenhuma das estruturas externas seguia em pé. Os estábulos tinham desaparecido e sentiu um remorso incomum pelos cavalos que uma vez viveram ali. Particularmente havia se afeiçoado com Caesar, seu garanhão. Esperava despertar e encontrar os descendentes de Caesar esperando-o para o servir como uma vez havia feito Caesar.

Supôs que deveria comprar uma nova carroça como a que todos pareciam usar agora, mas sempre preferiu montar, e particularmente não se sentia á vontade para tentar controlar uma carruagem que parecia tão estranha e se movia tão rápido. Eventualmente, ele sabia que tinha que fazê-lo, mas não viu pressa alguma para apressar as coisas. Tinha todo o tempo do mundo.

Capítulo Dez

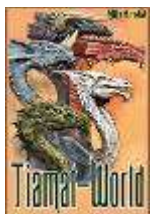
Emily se encontrou cantarolando uma vez que se dirigia ao castelo MacKissack. Tinha sido um longo e ocupado dia, mas o entusiasmo impulsionou sua energia.

Tinha levado a moeda a uma dúzia de lugares quase como tantas pessoas. Nenhuma tinha valorado a moeda ao mesmo valor, mas depois de umas voltas teve uma melhor ideia de quanto valia seu descobrimento.

Só desejava poder ver na internet antes de ter que vender a primeira moeda. Infelizmente não tinha um telefone... Ainda. Esperava ter um antes de ter que vender as moedas, mas ainda estava muito feliz com o que tinha feito, inclusive sabendo que provavelmente houvesse vendido a moeda por menos do que valia.

O carro estava a abarrotado com as coisas que tinha comprado. Carregado de fornecimentos, e materiais de utilidade... E ainda tinha dinheiro suficiente para pagar aos trabalhadores!

Seu bom humor desapareceu quando estacionou no lugar que havia escolhido e desligou o carro. O lugar parecia muito pouco diferente desde que ela saiu, horas antes. Que haviam feito os



trabalhadores todo o tempo?

Tentando acalmar sua raiva, Emily desceu do carro e se dirigiu a estreita ponte e foi para dentro. Podia ver os homens trabalhando, mas seguia trabalhando no mesmo lugar que quando ela se foi.

—Não fizeram muito progresso. — Disse quando os alcançou.

Os homens trocaram um olhar.

—Seu homem nos levou para baixo no calabouço limpando um pouco de escombros.

—Meu... — Nigel. Os lábios de Emily se apertaram. Deu a volta, dirigindo-se à entrada principal, tentando dar a Nigel um pedaço de sua mente por se “colocar” como seu homem e tendo a coragem tirar seus trabalhadores da tarefa que ela tinha dado a eles para fazer outra coisa diferente em troca.

—Ele foi com Sean faz um tempo atrás. — Um dos trabalhadores disse.

Emily se deteve em seco, voltando-se ao homem.

—Sean?

—Connors. O tipo que nos trouxe até aqui.

—OH, — Emily franziu a testa, recordando o velho carro que tinha estado estacionado ao lado do seu de manhã, quando ela se foi.

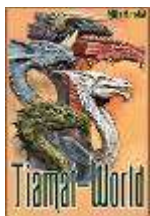
Desconcertada ao descobrir que não tinha saída para seu temperamento, ficou indecisa por um momento e finalmente, foi para o carro para descer as coisas. Quando retornou fora, os homens se reuniram ao redor do carro para descarregar. Mais calma, disse aonde pôr os fornecimentos e foi para dentro descobrir o que tinha estado fazendo Nigel.

A operação da carruagem parecia um pouco mais complicada do que Nigel tinha esperado que fosse e parecia requerer uma surpreendente quantidade de coordenação, também. Havia três pedais no piso. Sean tinha pisado no do meio quando ligou o carro. Nigel se perguntou para que era a chave, a colocação da fechadura parecia muito estranha.

No momento em que Sean girou a chave a carruagem começou a saltar e a rugir como a coisa no porão que haviam dito que era um gerador para produzir eletricidade. Quando bombeou outro pedal por um tempo, Sean tomou um pau saindo do piso da carruagem, luto um momento e levantou um pedal, pisando em outro ao mesmo tempo. A carruagem se sacudiu e, para a surpresa de Nigel, deu marcha ré. Quando Sean virou o volante em frente dele, a carruagem mudou de direção.

Foi neste ponto que Sean pisou no terceiro pedal, balançando a carruagem em um alto. Passou por todo o ritual de novo, exceto desta vez, quando levantou um pé e sob outro, a carruagem foi para em frente.

Não foi um passeio confortável. A carruagem não estava bem pendurada e fez saltar cada osso de seu corpo uma vez que se deslizavam pela estrada. Não estava muito emocionado com a velocidade tampouco. Por muito que ele tivesse gostado das corridas de cavalo e carruagens, esses nunca tinham alcançado tal velocidade e não estava muito seguro das habilidades de Sean



para dirigir a carruagem tão rápida. Entretanto, depois de um tempo, quando Sean provou que de fato podia controlar a carruagem em movimento, parte da tensão deixou Nigel e se concentrou em ver e aprender. Para a hora que chegaram à loja onde Sean havia dito que podia vender suas joias, decidiu que estava preparado para tentá-lo por si mesmo uma vez que saíssem ao campo e que não houvesse tantos obstáculos que evitar.

O comerciante estava disposto a lhe roubar. Nigel não estava de humor para regatear e simplesmente hipnotizou o homem. Uma vez que o homem o havia dito o verdadeiro preço do colar, ele estava perfeitamente de acordo em dar uma quantia que permitisse a ele ficar com algum ganho. Guardando seu dinheiro, saiu.

Descobriu que Sean, deixava muito a desejar como servente. Ficou sentado na carruagem, olhando Nigel pela janela em vez de correr para abrir a porta. Irritado, Nigel olhou ao redor. Viu que cada pessoa parecia abrir suas próprias portas e finalmente decidiu que teria que se acostumar às novas formas.

—Necessito um alfaiate e um sapateiro. — Anunciou quando subiu à carruagem de novo.

Sean franziu o cenho.

—Não posso pensar em um, nem ter escutado falar de algum. Há uma loja que conserta calçado, mas não penso que façam sapatos.

Nigel ficou olhando incrédulo, mas seus sentidos disseram que Sean seguia ainda sob seu controle, e então não podia mentir para ele.

—Você tem roupa e sapatos. E todos outros que posso ver. Como é que você tem essas coisas quando não há um alfaiate ou um sapateiro?

—As lojas vendem ambas as coisas, ficam à medida.

—Podem saber minhas medidas. Como é isso?

Outra vez, Sean franziu o cenho.

—Só encontra o tamanho mais próximo.

Nigel não estava feliz com isso, mas parecia que não teria alternativa e disse a Sean para que o levasse a uma loja. Esteve ainda menos feliz com a roupa e sapatos que pôde comprar, mas supôs que ficavam tão bem como as coisas que tinha tirado de MacGregor.

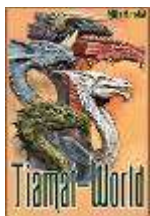
Decidindo que devia haver alfaiates e sapateiros ainda no mundo, por sua importância, que poderiam produzir roupa e calçado especificamente de sua medida, comprou só o suficiente para suas necessidades imediatas e retornou à carruagem ao qual Sean se referia como Pick-Up.

Uma vez que deixaram o congestionamento da cidade, disse a Sean que se concluísse e parasse a carruagem.

—Precisa me ensinar como se dirige a carruagem.

Encolhendo-se de ombros, Sean saiu e foi ao assento do copiloto. Nigel trocou de lugar e, uma vez que ficou no lugar, estudou o trabalho por um tempo, recordando as coisas que Sean havia feito para arrancar com a coisa. No momento em que girou a chave, a carruagem rosnou se jogou para frente e morreu.

—Tem que pisar na embreagem, até o fundo.



—Embreagem?

—O pedal do meio.

Assentindo, Nigel pressionou o pedal tão longe como pôde, e tentou de novo. Desta vez a carruagem saltou para frente por um tempo e depois morreu.

—Tem que soltar devagar a embreagem e pressionar devagar o acelerador ao mesmo tempo. Muita gasolina e o motor se afoga. Muito pouquinha e se desliga.

Nigel se sentia com mais vontade de enforcar a Sean que à carruagem. Ficou tentado em simplesmente desistir, mas tinha a necessidade de transportar-se. Apertando seus dentes, tentou uma e outra vez. Finalmente, justo quando estava considerando sair da carruagem e lhe tirar um membro, ele conseguiu fazer a carruagem andar.

—Agora, quando escutar o motor choramingar, troca para a seguinte marcha.

Fez um som horrível de uma vez que o tentava.

—A embreagem. Pressione-o, em seguida solte e pressione o acelerador.

Descobriu que era mais difícil manter a carruagem no caminho e trocar as marchas, do que parecia, quando Sean o fez. Enquanto estava concentrado em trocar o pau na posição correta, a carruagem se saiu do caminho. Endireitando-o, lutando com o pânico que parecia apanhá-lo, concentrou-se em manter a carruagem em movimento na metade do caminho.

—Você devera se manter a esquerda. De outra forma, vai bater de frente ao seguinte carro que veja.

A carruagem estava viajando a tal velocidade agora, que Nigel nem sequer se atrevia a tirar os olhos de cima do caminho para olhar a seu “mestre”. Em vez disso, agarrou-se ao volante, ficando com os nós brancos e concentrado em manter a coisa aonde se supunha que tinha ir no pavimento.

—Mude para a terceira, agora.

Encontraram-se com uma inesperada carruagem enquanto Nigel estava no caminho para encontrar a terceira marcha. O som da buzina alertou Nigel de um desastre iminente e que olhou para cima e gritou.

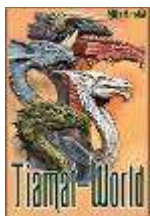
—Whoa! Whoa!

—O freio homem! Não vai ajudar gritar Whoa à maldita coisa!

Nigel pisou no freio, fazendo o valente tremer ao mesmo tempo. Perderam a carruagem inesperada, mas terminaram em uma sarjeta ao lado do caminho. Tremendo, Nigel decidiu que teve suficiente prática com a nova carruagem por um dia.

Capítulo Onze

Uma semana matadora, adormecida mentalmente e limpando, os dias passaram por Emily de uma vez só, fez seu caminho pelo andar de baixo do castelo e virou sua atenção aos quartos do



andar de cima uma vez mais.

Eles estavam tão bem, Emily pensou com ironia, que não tinha crescido com uma vida cômoda. Estava esgotada e acostumada a trabalhar duro. Se não fosse assim, ela teria renunciado a limpeza ou teria caído pelo esgotamento faz algum tempo.

Inclusive com utensílios modernos e fornecimentos, e com a ajuda de um par de mulheres da vila mais próxima, era um trabalho duro. Não podia imaginar como era limpar este lugar nos velhos dias, quando toda a água tinha que ser arrastada de um sedimento e levada ao castelo em baldes.

Além de uma limpeza superficial do quarto que tinha tomado, ela não tinha arranhado a superfície de seu “apartamento”, que incluía uma grande habitação e uma pequena sala de estar.

Tão cansada como estava, de ter trabalhado todo o dia na parte baixa do castelo, Emily decidiu, ao menos, varrer a poeira e as teias de aranhas das duas habitações antes de decidir dormir. Desta forma, poderia enfrentar a lavagem das paredes, piso e teto na primeira hora da manhã, em vez de acabar varrendo. Isso também daria à habitação mais tempo para secar-se.

Rapidamente descobriu que havia mais pó de que esperava. Dentro de poucos minutos, ela já estava tossindo nas nuvens que se levantaram. Não havia telas nas janelas, mas depois descobriu que havia um problema com os insetos, não eram mosquiteiros no absoluto.

Movendo as janelas, abriu ambas tanto como pôde e voltou a sua tarefa. Estava ouvindo um ausente bater de asas e um som de rangido por um momento, antes que ocorresse a ela que não era madeira rangente, ou dobradiças, ou de fato, nada que pudesse colocá-la em perigo. O pelo de seus braços e pescoço arrepiaram uma vez que ela parou abruptamente e olhou ao redor.

Sorriu quando olhou ao pequeno animal voando pelo teto.

—Coisa boba! Você voou pela janela. Pode ir pelo mesmo lado.

Entretanto parecia ter esquecido como entrou, voando em círculos pela parte do teto, quase se pendurando na luz do centro, baixando, depois se lançando para cima outra vez.

No tempo em que passou, descobriu que não era um pequeno pássaro como ela havia pensando. Era um morcego. Gritou quando virou para olhá-la e mostrou seus dentes, assobiando. Depois de procurar grosseiramente uma arma, pegou a vassoura e a agitou, gritando outra vez quando tomou voo e começou a voar em círculos pelo quarto outra vez.

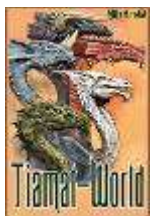
—Shooo! Fora!

Em vez de ir para a janela, foi em direção a ela.

—Nigel! — Gritou a todo pulmão, agitando a vassoura loucamente de uma vez que a coisa ziguezagueava ao redor dela—. Nigel! Há um morcego em meu quarto!

Quando se lançou para ela outra vez, ela se agachou, correndo em círculos em total pânico. Parou quando percebeu que se deslocou para a janela, em vez da porta. Antes que pudesse decidir se corria para a porta ou não, a coisa veio para ela outra vez.

Capturando a vassoura em suas mãos em posição de rebatedor, esperou até ele que passou zumbindo e bateu com tudo o que tinha. Acertou-o com o final da vassoura, esmagando-o em direção à janela. Para seu alívio, conseguiu tirá-lo por uma das janelas abertas. Jogando a



vassoura, correu para a janela e a fechou, depois correu para as outras janelas e as fechou também.

Em seguida, escutou o som alto da pesada porta de carvalho do castelo, como se tivesse sido espancada para abrir e depois para fechar. Então, escutou o bater pesado de uns pés descalços uma vez que Nigel cruzava o grande corredor e começava a subir as escadas. Tomando a vassoura, Emily foi ao seu encontro.

—Nigel! Havia um morcego em meu quarto. Acho que ele estava louco! Assoviou! — Ofegou no momento em que o viu, lutando com a urgência de romper em choro agora que o medo estava passando.

Depois de um tempo ela percebeu que ele estava claramente chateado.

Sem dizer uma palavra, pegou a vassoura e a quebrou em seu joelho, jogando as duas partes sobre seu ombro. Emily ficou boquiaberta.

—Quebrou minha vassoura!

—Sim! — Resmungou.

A raiva se apoderou dela. Pendurou as mãos em seus quadris.

—Necessito minha vassoura! Por que a quebrou? E o que acontece se essa coisa se mete na casa de novo? Digo-te, estou quase cem por cento certa de que essa coisa estava raivoso! Olhou-me diretamente, descobriu seus dentes e assoviou. E depois me atacou!

Ele a olhou de novo.

—Não estava raivoso, e estou cem por cento certo de que não será tão estúpido para meter-se voando outra vez pela sua janela, mulher! — Rosnou. Dito isso, saiu no corredor para seu quarto, batendo a porta atrás dele.

Emily olhou a reverberante porta por um tempo e finalmente olhou sua vassoura arruinada. Após alguns momentos, a pegou e caminhou de volta para seu quarto.

—Idiota. — Murmurou quando passava por sua porta — Tive que lutar com a condenada coisa por mim mesma. Pensava que ao menos você poderia ter me dado um abraço tranquilizador! Mas o que você fez? Rosna! E quebra minha maldita vassoura. Homens! Sempre são essas bestas ásperas, completamente imprestáveis em uma crise.

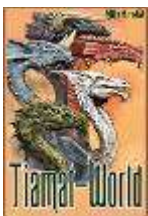
Emily olhou o cavalo e o cavaleiro pelo canto do olho quando passava pelas portas que se dirigiam ao castelo MacKissack. Pisando no freio gritou de uma vez que o cavaleiro, rindo como um louco, urgiu seu cavalo em um salto para pular o capô do carro enquanto que o cavaleiro e cavalo saltaram majestosamente, aterrissando do outro lado rapidamente.

Seu coração ainda estava batendo dolorosamente em seu peito enquanto via os dois desaparecerem, Nigel MacKissack e seu garanhão negro voavam como bandeiras ao vento.

—Lunático! — Gritou com voz tremula assustada e com raiva.

Finalmente, se recompondo, acelerou aproximando-se do castelo.

Ele já a estava esperando quando chegou, caminhando junto ao cavalo, acariciando seu pescoço com apreciação. Ainda um pouco tremula, Emily o olhava quando desceu do carro.



—Assustou-me como o inferno!

Nigel levantou suas sobrancelhas escuras.

—Não estava em perigo. Não permitiria que te fizesse mal.

Emily cerrou seus dentes.

—Não estava preocupada comigo. — Espetou, percebendo tardiamente que ela certamente teria sido ferida se tivesse pego, mas não poderia a pôr mais zangada do que já estava.

Ele deu de ombros e sorriu.

—Eu tampouco estava em perigo. Samson é um pouco fresco. Tenho a impressão que pensou lançar a seu cavaleiro quando viu o carro, mas o dirijo bastante bem. Não é Caesar, mas está bem.

Emily sacudiu sua cabeça.

—O cavalo correu contigo? — Franziu a testa. Onde você o conseguiu, afinal? E o que quer com o cavalo?

Cravou ao cavalo com seu joelho, guiando-o para ela e se agachou. Emily ficou a um lado.

—Veem. Vou te dar um passeio nele.

—Não obrigado. Eu não gosto dos cavalos. Especialmente eu não gosto das bestas selvagens como a que esta montando.

Franziu o cenho, fixando-a com um olhar duro que parecia atravessá-la.

Emily sentiu sua resolução vacilar. Tomando as rédeas ao redor do punho, abaixou-se, a agarrou-a em seus braços e a colocou, sentada diante dele.

A pesar da estranha letargia que tomou conta dela, Emily sentiu medo. Se agarrou a ele, colocando seu braço ao redor dele fortemente e enterrou seu rosto contra o peito. Ele a empurrou um pouco para frente e pegou seu queixo.

—Eu não deixarei nada acontecer com você, moça.

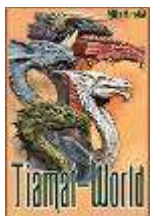
Estranhamente as palavras a tranquilizaram. Uma calma se apossou dela e recostou contra ele com mais confiança uma vez, que ele tomava as rédeas e avançavam com o cavalo.

—Sério preciso descarregar o carro — Emily protestou um pouco fraca — E pagar aos trabalhadores.

—Eu me encarrego dos trabalhadores.

Emily franziu o cenho, vagamente perturbada pelo comentário, mais evitava a razão. Em seu lugar, encontrou-se apanhada na emoção do passeio através do campo aberto na parte posterior do cavalo com o vento alvoroçando seus cabelos e cantando em seus ouvidos, o calor e a força do corpo de Nigel apertado atrás de si. Se fechasse os olhos, imaginaria a si mesma como uma dama medieval, que foi conduzida ao cavalo de seu cavaleiro em um feliz para sempre de princesa de conto de fadas.

Depois de um momento, Nigel levou o cavalo a um ritmo mais lento, depois a um trote e finalmente só caminhando. Desmontando debaixo da sombra de uma árvore, deixou o cavalo pastar. Sem dizer nenhuma palavra, deitou-se sobre ela no pasto, cobrindo seu corpo com o dele, e fazendo amor com uma profundidade lenta que construiu uma paixão dentro dela ao ponto de



febre antes de dar a ela a liberação que ansiava.

O sol estava se pondo quando foram de volta ao castelo. Parando o cavalo antes da ampla porta de entrada. Nigel pegou sua bochecha em sua mão e jogou sua cabeça para trás e deu um ardente beijo.

—Estou faminto de você, moça. Eu não consigo ter o bastante de você. — murmurou.

As palavras enviaram uma onda de calor agradável a Emily. Para sua decepção, entretanto, ele a soltou e a ajudou a descer do cavalo.

—Espera por mim em nosso quarto.

Emily o olhou uma vez que ele virava o cavalo e desaparecia na crescente escuridão, sentindo o brilho de calor ir-se lentamente e o ressentimento e raiva começar a ferver a fogo lento em seu lugar. Sentia-se quase como uma sonâmbula acordando de um lugar distante onde ela havia permanecido adormecido em sua cabeça.

Tremendo, olhou ao redor. Os trabalhadores foram para casa.

Vagamente, recordou que Nigel havia dito que ele se encarregaria dos trabalhadores. Sua irritação cresceu. Eram seus trabalhadores. Ela os havia contratado.

Como se atrevia a apropriar-se deles!

Como se atrevia a lhe dar tapinhas na cabeça e dizer que o esperasse na cama para seu prazer.

Apertando seus dentes, caminhou ao carro e começou a descarregar. A escuridão a apanhou antes que terminasse e, relutantemente, se rendeu até que visse a luz do sol.

Tinha estado tão chateada por sua maneira arbitrária de pensar, que sua irritação desaparecia enquanto levava os fornecimentos, e ocorreu a ela pensar de onde ele tinha tirado o cavalo e como o tinha pago.

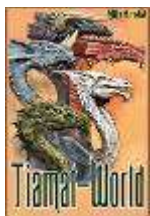
Olhando para cima, sentiu seu coração cair ao chão. Ela tinha estado contando com esse dinheiro para tirá-la do buraco financeiro em que estava. Deixando os suprimentos no corredor, correu para as escadas, chegando ao quarto principal sem fôlego. Puxando a parte superior do poste onde ela tinha guardado seu esconderijo, apareceu. Por isso podia ver, o ouro parecia completo.

Reconforto-se um pouco, mas ainda se sentia intranquila, desejando que tivesse mudado o ouro a sua residência atual, em seu quarto. Tinha tido várias oportunidades para fazê-lo, mas o castelo estava cheio com trabalhadores e não gostava da ideia de tirar o ouro de seu esconderijo e arriscar-se a que fosse roubado por alguém menos desejável.

O cavalo teve um custo, embora, agora em que pensava Nigel tinha estado usando roupa nova também. Ele tinha arrumado dinheiro de alguma parte. Ou ele tinha usado suas habilidades vampírescas para roubar os bens.

Descartando-o no momento, foi a seu quarto e agarrou uma mala. Quando retornou, a deixou no piso ao lado da cama e começou a juntar as moedas. Quando tomou todas as que pôde, fechou o zíper e a arrastou pelo corredor a seu quarto.

Nigel ainda não havia retornado, mas o tinha assegurado. Descendo as escadas, foi à cozinha



e fez um lanche rápido, depois correu à escada de novo e se refugiou em sua própria habitação, tratando de não pensar no que o vampiro Nigel MacKisscak, estava fazendo enquanto ela consumia seu próprio jantar.

Quando terminou de comer, trabalhou no estabelecimento de seu quarto, até que o cansaço começou a pesar e a urgência de procurar descanso. Não tinha escutado nada para indicar que Nigel havia retornado. Depois de um pequeno debate, finalmente se arriscou a tomar um banho já que estava segura de que não ia poder dormir sem um.

O banheiro estava escuro e horripilante, como o resto do castelo. Não havia nada para encorajá-la a ficar mais e estava preocupada de que Nigel chegasse e a agarrasse de surpresa. Sendo esse o caso, limitou-se a um banho rápido, e depois correu de retorno a seu quarto e fechou a porta com chave.

Depois de que se vestiu, passou outros quinze ou vinte minutos selando todas as fendas que ele possivelmente usaria para entrar em seu quarto, e finalmente apagou a luz e subiu à cama, cansada.

Despertou um tempo depois, quando sentiu uns braços fortes tirando-a da cama. Sonolenta, olhou para cima um pouco surpresa ao descobrir que era Nigel, quem veio procurá-la. Murmurou um protesto, a qual ele ignorou, caminhando pelo corredor com ela, colocando-a em sua cama e fazendo o amor até que esteve delirante de paixão.

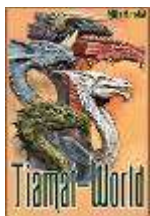
Despertou a seguinte manhã sentindo-se deliciosamente saciada, mas também firmemente decidida a fazer algo com respeito à situação em que se encontrava. Tinha que haver uma forma de manter os dedos de Nigel fora de seu corpo, e pretendia encontrá-la.

Capítulo doze

Os trabalhadores estavam parados no redor do castelo quando ela desceu as escadas à manhã seguinte. Dando a tarefa de descarregar o carro, ela foi tomar um rápido café da manhã. Terminaram para o tempo em que voltou, como não tinha tido tempo de fazer antes, foi ver que o haviam feito eles na semana anterior.

Não parecia que houvessem feito muito, como ela tinha pensado, considerando todo o tempo que tinham gasto. Quando os perguntou sobre isso, explicaram que seu “homem” os deu outras tarefas enquanto ela não estava no castelo. Não corrigiu a hipótese de que ele era seu “homem”, embora se irritasse ambas as coisas, o fato de que eles pensassem que ele era o chefe da casa e sua arbitrariedade contradizendo suas ordens.

Descartando no momento, entrevistou-os para ver se alguns tinham uma determinada especialização. Para sua surpresa e alívio, descobriu que Mr. MacGregor enviou homens com as habilidades que ela necessitava em particular. Deixando a eles a tarefa de trabalhar em uma lista do que eles precisariam para o encanamento, a fiação, o gerador e pedra para arrumar o castelo,



enquanto ela foi examinar os móveis que tinham movido.

O artesanato dos móveis, falava por si só. Apesar da idade dos mesmos, apesar do fato, de que ninguém os tinha cuidado como deveria ser a maioria das peças pareciam como se pudessem ser reparadas. Coletando os livros que comprou em uma loja de antiguidades, encontrou um lugar confortável e sentou a ler e a elaborar uma lista. Para quando os trabalhadores retornaram com sua própria lista, sentiu como se precisasse começar já, depois de comparar a lista de materiais que já tinha comprado, os colocou a trabalhar e foi receber os materiais.

Depois de que Emily ordenou quais materiais os trabalhadores necessitavam, ocorreu que possivelmente pudesse encontrar algumas respostas a suas perguntas em livros e passou por uma livraria local. Tinham uma série de romances sobre vampiros, mas só um livro de mitologia e ocultismo. Não estava muito segura de que os romances serviriam de algo ou não, mas decidiu comprar também.

Sentia-se bastante satisfeita consigo mesma quando chegou ao castelo uma vez mais, até que olhou Nigel montando um cavalo, apontando aos operários, quem estava assistindo e apontando ao mesmo tempo. Apertando seus dentes, Emily desceu do carro e foi ver o que estavam fazendo.

—Está trabalhando em um novo projeto? — Perguntou com grande delicadeza.

—Sim. O celeiro e o estábulo para os cavalos. — Nigel respondeu ausente.

—Cavalos? Tem mais de um? — Emily ficou boquiaberta, mais surpreendida que indignada pelo fato de que tinha ordenado aos homens outra vez.

—Ainda não — Disse Nigel, desmontando e dando as rédeas a um dos homens como se fosse uma mão firme — Penso comprar uma dúzia ou algo assim.

—Cavalos?

—Sim.

Emily piscou.

—Para que?

Deu a ela um olhar, como se ela fosse o lunático

—Para montar, moça. — Disse sem ajuda e enrolou seus braços em torno dela, guiando-a para o castelo — E para as carruagens.

—Carruagens? — Emily disse sem fôlego — O que você vai fazer com uma carruagem?

—Vou precisar de transporte de vez em quando.

—Uh... As pessoas nestes dias já não as usam mais.

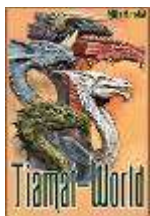
Levanto suas sobancelhas.

—E o que é isso que você se move, então?

—O carro? Não é uma carruagem. Tem uma máquina.

Ficou em silêncio por vários minutos, obviamente chateado por algo.

—Suponho que terei que aprender a dirigir um, mas não estou ansioso. Tive a Sean para que me ensinasse o outro dia, quando me levou a cidade, mas minha falta de habilidade o assustou muito, tanto como a carruagem a mim.



Emily mordeu o lábio para conter um sorriso. Estava na ponta de sua língua oferecer-se para ensiná-lo, mas pensou que dificilmente seria uma boa ideia confraternizar com ele, quando sua meta era desalojar ele de sua propriedade. Decididamente, ela mesma se desfez de suas mãos ao chegar a porta principal do castelo e pôs uma distância entre eles.

—Não quis dizer nada na frente dos trabalhadores, mas eu os contratei para reparar o castelo. Eu não gosto que os arraste para fazer outra coisa, depois de que eu digo no que eu quero que trabalhem.

Suas sobrancelhas se levantaram. Uma faísca de diversão saltou de seus olhos.

Cruzando seus braços sobre seu peito, recostou-se contra o marco da porta.

—Eu pensei que já tínhamos arrumado o assunto de quem era o chefe aqui.

Os olhos de Emily se estreitaram. Colocou suas mãos em seus quadris.

—Não arrumamos nada! Não pense nem por um minuto que ganhou apenas porque usou essa merda de vodu em mim, porque não tem! Este é meu castelo e esses são meus homens! E os contratei para reparar o castelo, não para começar a construir outra coisa!

—Então estamos de acordo.

Emily se surpreendeu.

—Estamos?

—Sim. O castelo tem necessidade de ser reparado primeiro, essa é a verdade. Eu vou dizer a eles que deixem o estábulo um momento e repare primeiro ao castelo.

—Você lhes dirá...— Emily apertou os lábios em uma fúria impotente. Girando, caminhou de volta ao carro e começou a descer quão materiais havia comprado.

Não se deu conta de que a tinha seguido até que gritou aos homens.

Chegaram trotando de uma vez, a segurou e começou a carregá-la ao interior.

Favorecendo Nigel com um olhar irritado, ela pegou seus livros e foi para dentro.

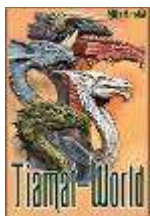
Capítulo treze

O alho emprestava totalmente. Dentro de dez minutos, Emily tinha uma dor de cabeça pelo aroma e seus olhos estavam chorosos. Entretanto o livro tinha sido muito específico. O alho afugentava os vampiros. Esta noite, tentaria dormir em sua própria cama, sem perturbações e livre da ansiedade de que Nigel viesse quando desejasse muito.

Talvez devesse ter cortado os dentes? Entretanto, não parecia, cheiravam bastante forte para afastar qualquer coisa antes de cortá-los. Além disso, não tinha recebido suficiente. Uma vez que os cortou na metade, não tinha sido capaz de só pôr um colar de alhos a seu redor, mas sim tinha suficiente para cortar e colocar em recipientes perto das janelas e porta.

Sentou para esperá-lo.

Era bem no começo da madrugada quando viu a fumaça que entrava pelo quarto e Nigel



abruptamente apareceu no pé de sua cama. Estava prendendo o nariz.

—Que diabos é esse cheiro?

Emily piscou pelas lágrimas de seus olhos e lhe deu um sorriso satisfeito.

—Alho! — Anunciou triunfante.

—Já sabia isso, mas de onde vem esse maldito fedor?

Emily elevou o laço de alhos que tinha formado para ela e o agitou maliciosamente.

—O alho afasta os vampiros.

—Eu acho que espantaria qualquer um. Que demônios faz pondo isso?

—Já te disse. Afasta os vampiros. Estou afastado um vampiro. — Emily disse com muita paciência.

A encarou por uns momentos fechando seu nariz e finalmente se aproximou das janelas as abrindo uma por uma e jogando o alho. Arrastando o ar poluído, retornou à porta onde tinha deixado mais, perto da porta e também se desfez deles.

—O alho não afeta você. — Disse Emily desanimada.

—Ao diabo, claro que não! Não tinha cheirado nada menos apetitoso em muitos dias! — Nigel rosnou, plantando seus punhos em seus quadris— Se você não estava com vontade de fazer amor, por que não disse nada?

Emily deu um olhar indignado.

—Como se tivesse escutado qualquer maldito protesto! Você só usa essa merda vodu sobre mim, para fazer tudo o que te agrada!

—Eu não faço essa merda vodu. Não sei nem o que é!

—Mumbo jumbo¹, então!

—Isso tampouco! Você não vai se sentar aí e me dizer que não o desfrutou tanto como eu o fiz!

Idiota! Tinha que me jogar isso na cara!

—Esse é justo o ponto! Eu não disse que você podia se mover comigo. Não me recordo ter oferecido ser sua amiga para foder! Eu não disse que podia foder cada vez que quisesse! Avermelhou-se.

—Tem a boca de um marinheiro em você, moça! Não, pior! Tenho em mente, te pôr sobre meus joelhos! Você é minha concubina. Reclamei-te. Não é foder. É fazer amor, e te agradeceria que tivesse uma língua civil em sua cabeça!

Emily ficou boquiaberta incrédula.

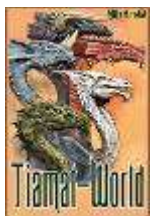
—Reclamou-me? E tão só como isso, sou sua?

Franziu o cenho.

—Esse é geralmente o modo. Sou um vampiro.

—E isso me diz o que, exatamente? — Emily fechou seu livro e o sacudi — Olhei todas as regras sobre vampiros, e não posso ver que siga alguma delas! Cravei crucifixos e coloquei alho

¹ Frase que expressa algo que não tem sentido, freqüentemente usada para expressar-se sobre falsos rituais religiosos.



por todo o lugar, e você só entrou como se eu houvesse convidado! A luz do sol não te incomoda! Não chupa sangue, Que espécie de vampiro é?!

—Um de verdade — Resmungou — Já te disse que não prestasse atenção a essas tolices! Não estou não morto, não sou antinatural. Nasci sendo um vampiro, moça. Não é diferente a ser nascido... Com cabelo vermelho ou de diferente cor de pele. Posso ser tão raro como um albino, mas sou tão parte da natureza como você o é.

Emily piscou, surpreendida.

—Mas... As pessoas não vivem por tanto tempo. Você me disse que esteve aqui por séculos. Ficou boquiaberto.

—Você esta me dizendo que teria acreditado mais facilmente se eu caminhasse sobre a terra como um não-morto, do que o fato de que eu pudesse viver mais tempo que um mortal?

Colocando dessa forma, assumiu que tinha um ponto, mas seus comentários proporcionaram uma preocupação que não havia ocorrido a ela antes.

—Volta à outra coisa. Diz que nasceu como um vampiro?

—Sim, por que?

—Como em uma gravidez? — Deu-lhe um olhar inquieto — Esta me dizendo, que poderia estar grávida? — Emily demandou.

Empalideceu.

—Não.

Os lábios de Emily se apertaram.

—Por que não acredito em você, me pergunto?

Seus olhos se estreitaram.

—Possivelmente porque não acreditou em nenhuma palavra até agora? — Resmungou. Virando, caminhou para a porta.

Emily arrancou o colar de alhos e o jogou-o na cabeça.

—Se me deixou grávida, idiota, eu mesma... Vou te apunhalar com um estaca no coração!

Desapareceu. O alho se chocou contra a parede e caiu no chão.

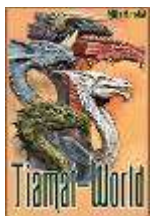
Emily se sentiu vagamente enjoada, mas não estava segura se era pelo alho ou a repentina realização de que tinha estado brincando desprotegida.

Não é que tivesse sido sua ideia!

Está bem. Concedido foi o melhor sexo que já experimentou em sua vida, e se não tivesse sido pelas circunstâncias, estaria mais do que disposta a ter ele como amante, mas havia circunstâncias que o faziam uma má ideia. Além disso, teria tomado precauções se tivesse a oportunidade de escolher.

Sentiu-se um pouco relaxada quando se deu conta, de que provavelmente estava no meio de seu período menos fértil, mas não estava completamente cômoda. Depois de uns momentos, saiu da cama, juntando uma troca de roupa e se dirigiu ao banheiro. Se o alho não o afastaria, de maneira nenhuma ela ia se dormir com esse cheiro.

Enfim, ela deixou bem claro que ele não era bem vindo.



Provavelmente ele não a voltaria a incomodar, com ou sem alho.

Acabava de colocar sua cabeça debaixo do jorro de água do chuveiro quando Nigel apareceu atrás dela, envolvendo seus braços ao redor dela e empurrando-a para seu grande peito.

—Eu sabia que você ia voltar moça. — Murmurou com voz rouca, mordendo um lado de seu pescoço enquanto que suas mãos deslizavam sobre seus seios, tomando-os, massageando-os. Emily pulou quando a agarrou.

A fraqueza surgiu, e depois disso, a qualidade de suas mãos devorou gentilmente seus mamilos, fazendo-os ficar eretos e mandando pulsações de crescente desejo através dela.

—Nigel! — Ofegou em uma voz afogada.

—Sim, querida? — Murmurou, correndo uma mão por seu estomago e segurando seu montículo. Ofegou uma vez mais quando seus dedos se separaram de sua pele, e entraram na sua fenda, esfregando o pequeno vulto de seus clitóris, mandando ondas de prazer sobre ela. Sua mente se derreteu em caos.

—Quem é você...? Você se foi.

—Nunca estou longe de você, amor. Você é minha concubina. Sinto tudo o que sente, sei tudo o que sabe.

O jogo de seus dedos deixou mais difícil reunir seus pensamentos em ordem.

—Sabe? O que você quer dizer com sabe. Você está dizendo que pode ler minha mente?

—Sim.

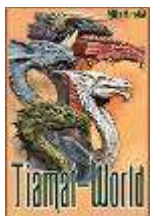
—Não pode!

—Sim, posso... Muitas vezes.

O comentário gerou um fio de inquietação, mas antes que pudesse completamente formar-se em uma específica ameaça, ele tinha tirado sua habilidade de pensar. Quando o empurrou para longe se voltou para olhá-lo, empurrando suas costas contra a parede, nem sequer pensou em protestar. Levantou seus braços e os enroscou em seu pescoço, estreitando seu corpo contra sua forma dura.

O calor surgiu por ela enquanto ele enganchou uma de suas mãos em sua coxa, levantando-a e ajustando seu corpo nela. Ofegou, arqueando seus quadris para encontrá-lo, desfrutando da sensação de sua pele, pressionando, enchendo-a. Tomando um punhado de seu cabelo, inclinou sua cabeça para trás, beijando-a por toda a garganta e finalmente cobrindo sua boca com a dele ao mesmo tempo em que a penetrava, profundamente, seus golpes eram agressivos, possessivos. Uma fria e forte onda de desejo percorreu seu corpo uma vez que o sabor enchia sua boca, enquanto acariciava sua língua ao longo da dele.

Sentindo a proximidade do clímax, apertou seus braços ao redor de seu pescoço, sugando sua língua. Ele fez um grunhido profundo em sua garganta. Um tremor forte passou por ele. Abruptamente, ainda quando sua crise a tomou e começava a gemer como se um tiro de felicidade passasse através dela, ele começou a penetrá-la mais forte e mais rápido, havia desespero em seus movimentos como se seu corpo flutuasse perto da culminação. Gemeu dentro de sua boca, beijando-a com apetite.



Fraca demais, Emily se agarrou a ele, tremendo, pensando enquanto sua mente lentamente voltava a funcionar que outra vez cedeu a ele... Outra vez, sem um gemido de protesto.

Finalmente, soltou-a, permitindo que ficasse de um lado até que seus pés tocaram o piso do banheiro uma vez mais. Seu corpo se sentia como gelatina. Com um esforço, fechou seus joelhos e o empurrou, demandando liberação. Quase a contra gosto, afastou-se dela.

Recusando-se a olhar em seus olhos, moveu-se sob o fluxo do chuveiro, levantando-se e finalmente saiu da ducha.

—Pensei que tinha deixado claro, não estou aqui para sua conveniência!

—Não? — Resmungou, a ira ameaçava sua voz — Acho que é muito conveniente. E muito agradável também.

—Hipnotizou-me... Outra vez. — Murmurou acusadoramente de uma vez que agarrava uma toalha e se esfregava com ela.

—Apagar a memória.

—Como é!

—Não o fiz.

Emily elevou sua cabeça de repente.

—Fez.

Deu de ombros.

—Não tive que fazer, mas se te faz sentir melhor pensar isso...

Emily estreitou seus olhos em suas costas de enquanto ele colocava sua cabeça em baixo da água. Sem sequer pensar nas consequências, se aproximou do chuveiro e apertou o grifo. No momento em que fez, ele deixou escapar um rugido de uma vez que a água caía sobre ele, caía incomodamente quente. Seus olhos se abriram com culpa uma vez que ele saltava fora do fluxo de água e abrindo a cortina, ela correu para seu quarto o mais rápido que pôde.

Não conseguiu. Estava a menos de meio caminho quando Nigel repentinamente apareceu frente ela. Antes que pudesse parar, ele, a agarrou, levantando-a de seus pés e colocando ela em seus ombros.

—Foi um acidente! — Mentiu.

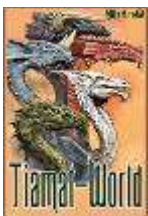
Bateu em uma nádega nua com a palma de sua mão.

—Não estou certo de acreditar nisso, com o olhar que me deu!

—Maldição, Nigel! Desça-me! — Gritou-lhe enquanto a levava pelo corredor para sua habitação.

Fez. A jogou no centro da cama tão forte que ricocheteou quase de pé.

Um suporte da placa de apoio desprendeu da grade da cama e o colchão caiu debaixo dela de uma vez que ela aterrissava de novo. A inclinação do colchão a ajudou a virar para longe dele. Quase consegue sair da cama antes, quando ele se lançou sobre ela, paralisando o outro lado da cama.



Capítulo Quatorze

Lutaram, mas não houve nenhuma concorrência e a luta foi breve. Emily elevou a vista para Nigel, ofegando enquanto ele a segurava em baixo com o peso de seu corpo, suas mãos agarraram firmemente seus pulsos

—Quer me dizer o que foi tudo isso? — Perguntou ligeiramente.

Emily mordeu os lábios.

— Você sabe muito bem o que foi tudo isso!

—Não. Não sei.

Emily jogou uma olhada.

—Não fala serio!

Ele levantou suas sobrancelhas, e finalmente franziu o cenho.

—Discordou com o comentário da conveniência?

Adivinhou.

—Foi um comentário totalmente machista!

—Não posso dizer que estou familiarizado com a palavra.

—Bom. Certamente fica a atitude. — Emily disse com aspereza —É tão... Tão...— As palavras falharam.

—Homem?

Emily o olhou.

—Sim!

Seus lábios tremeram.

—Isso é um alívio, em todo caso.

Emily mordeu os lábios.

—Não era um elogio!

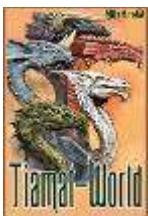
—Não tomei como um, mas não estaria feliz se pensasse de outra maneira, me deixe dizer.

Emily rodou os olhos.

—Olhe! A única razão pela qual estou aqui é porque comprei este lugar. Eu tenho tudo relacionado com ele e não vou. Não sei como você teve a ideia de que sou sua mulher, porque não o sou!

—Eu não gosto de discutir com uma mulher, particularmente porque é quase sempre uma perda de fôlego, mas é minha mulher. Sei que não entende a forma dos vampiros, mas te marquei como minha, moça, e não há volta a atrás. Nunca me desculpo por tomar o que necessito e não vou começar agora. — Sob a cabeça, respirando fundo o aroma de sua pele — Sua vida é uma força poderosa, e preciso me alimentar dela para recuperar minhas forças. Não o posso fazer de outra forma, porque não sei quando vou topar com um velho inimigo e necessito meus poderes. Se quiser habitações próprias, não vou negar isso, mas preferiria que ficasse aqui.

Esfregou a ponta de um seio com o nariz até que se ergueu e depois o arrastou a sua boca.



No momento em que sua boca tocou a pele, o ventre de Emily se contraiu. O calor fluíu ao exterior, enchendo-a de desejo que lutava por ignorar.

Foi uma batalha perdida. Sentiu-se fraca quase imediatamente. Para quando ele liberou seu mamilo e se moveu a seu gêmeo, ela tinha deixado de lutar contra ele e começando a retorcer-se e girar em loucura. Acomodou-se em seus braços, ligeiramente em cima dela, olhando seu rosto ao encará-la. Emily ofegou de prazer, quando sentiu que a possuía, sentiu o tamanho de seu duro membro ao longo de sua passagem.

Moveu-se lentamente, acariciando de sua garganta e acariciando com seu membro duro. O prazer se acelerou a um ritmo mais rápido. Momentos depois, ela se aproximava da culminação. Parecia que a mantinha aí com deliberação, pausando cada vez que ela sentia os primeiros agitos da culminação.

O prazer aumentou, cresceu a um nível insuportável, até que ofegava por ar, gemendo quase sem cessar, movendo-se febrilmente. E ainda assim não a liberava de sua tortura. Finalmente, agarrou-se a seus ombros, ofegando seu nome.

—Sim amor?

—Por favor.

Um arrepio o percorreu. Relaxou até estar completamente contra ela, colocou suas mãos debaixo de seus quadris, os levantando e conduzindo-se dentro deles. O ar deixou seus pulmões em um gemido de êxtase. Os tremores começaram dentro dela ao ritmo dele, calafrios e sensações explodiam no momento eletrizante, sua mente se fracionou em uma explosão perto de ser doloroso.

Varridos de esquecimento correram a seu redor, banhando-a em um quente resplendor de satisfação enquanto ele encontrava o seu. Estava apenas ciente de seus arredores quando ele se aproximou a ela e pôs sua cabeça em seu peito como se fosse um travesseiro, juntando-se em seu sono.

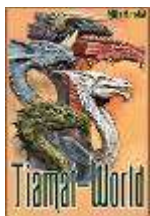
Despertou rígida, dolorida, incomoda. Levantando sua cabeça com um esforço, viu que a cama era um caos. Loucamente inclinada. Vagamente, recordou que os suportes do colchão se escorregado quando Nigel a tinha jogado à cama como uma boneca de trapo. Um braço pesado e uma perna estavam agarrados a ela.

Não havia forma de se livrar sem despertá-lo. Irritada, se mexeu de vagar segurando na cama. Com um resmungo de desgosto, ele se separou dela, deitando sob em seu ventre do outro lado da cama. Sentada, observou-o. Depois de uns momentos, olhou ao redor em confusão, localizando sua toalha e saindo da cama.

A ducha a reanimou o suficiente para permitir a sua memória fluir de novo, mas lhe deram um pouco de consolo e prazer. Ele não tinha tentado negar a acusação de que ela era uma conveniência, nada mais que um corpo útil, do que de alguma forma, ele podia se alimentar para trazer para fora algo que os vampiros necessitavam.

Ela não sabia isso.

Então porque doía tirá-lo ao ar livre, a verdade desagradável?



Ele era um incômodo para ela, um impedimento para reclamar sua propriedade, nada mais. Ainda estava mais inclinada a acreditar que era um lunático que o vampiro que ele dizia ser.

Não era como que lhe importava nada dele, ou sim? Mas então, por que sentia vontade de chorar?

Tragando o nó de tristeza em sua garganta, saiu da ducha, secou-se e se foi a seu quarto para vestir-se. No andar de baixo, não foi recebida só pelos operários, mas também por um homem da companhia elétrica. A realização, de que logo ia ter algo consistente, mas energia confiável que o velho gerador foi suficiente para animar seu espírito e mais tarde, o homem da companhia de telefone veio e finalmente pôde tirar a depressão do canto de sua mente.

No meio do dia, Nigel desceu, consultando algo com Sean brevemente, depois de olhar por vários momentos especulativamente, subiu ao banco do passageiro na caminhonete de Sean, sem dizer uma palavra e se foi. Sean voltou algum tempo depois sozinho.

Emily lutou com a urgência de perguntar a Sean onde tinha ido Nigel. Apesar de sua imensa curiosidade. Ela sabia que os homens pensavam que Nigel era seu marido e não podia dar-se o luxo de mostrar ignorância sobre seu paradeiro.

Supunha-se que deveria sentir o oposto de ofendida. Não apreciava que ele a tomou como sua só porque a reclamou e ela teve dificuldades em mostrar o contrário. Ela bateu o pé para suportar as demandas de todo tipo, mas não pôde evitar o sentimento de não ser importante para o Nigel, apesar de suas afirmações contrárias, quando era óbvio que ele não a considerava importante, para lhe dizer onde ia ou quando retornaria.

Supôs que ele foi ver a legalidade de sua situação, mas nem sequer isso seria o suficiente para perseguir os sentimentos de maus entendimentos. Finalmente esquecendo-se disso, manteve sua depressão de lado com o passar do dia, ocupando-se de ver o progresso dos trabalhadores na renovação de projetos. No entanto, foi pior quando se dirigiu a seu quarto essa tarde.

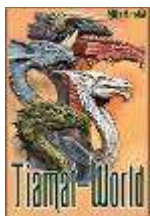
Sem dúvida Nigel havia decidido pegar a cama para repará-la. As moedas de ouro que tinha descoberto no calabouço tinham sido empilhadas cuidadosamente em sua penteadeira.

Capítulo quinze

Emily ficou em branco ao olhar a pilha de ouro, muito impressionada para pensar, muito surpreendida para alimentar as emoções que corriam por seu corpo.

A alegria e o alívio, deveriam ter se destacado. Nenhuma das duas emoções o fez. Em vez disso, uma leve pontada de náusea passou por ela e a depressão que tinha mantido a raia todo o dia, inundou-a.

—Encontrou o ouro quando estava arrumando a cama e me trouxe isso. — Disse em voz



alta, sentindo-o na língua, questionando o alívio que sabia que deveria sentir.

Esse sentimento a evadiu. Em vez disso, a incômoda sensação de ter sido paga pelos serviços emprestados, invadiu sua mente. Apertando seus dentes, caminhou para a mesa e olhou para as moedas.

—São minhas. — Disse em voz mais alta — Ele simplesmente as reconheceu para entregar as moedas a seu legítimo dono, quando as encontrou.

O olhar se fez impreciso. Seu queixo tremia. Soluçando, cruzou o quarto e subiu ao centro da cama, pensando. Depois de uns momentos, deu-se conta de que deliberadamente estava fugindo de qualquer pensamento a respeito de Nigel. Decidiu que era melhor continuar desse modo. Tinha melhores coisas que fazer, e muito mais importantes, que chorar em seu travesseiro como uma adolescente apaixonada.

Nigel foi embora, e deixou o ouro.

Possivelmente retornaria, ou talvez não. Era possível que ele tivesse deixado o ouro como uma forma de dizer que se dava por vencido no assunto do castelo. Isso a deprimiu tanto que teve que lutar com as lágrimas uma vez mais. Quando lutou contra o impulso, tratou de ver pelo lado bom.

Era uma coisa boa. Isso significava que não ia necessitar um advogado para brigar nos tribunais. Significava que não teria que se preocupar em gastar com advogados nem tribunais, quando o que ela precisava era pôr o lugar em ordem.

Significava que já não teria que se preocupar dos cuidados não desejados de Nigel. Então chorou, até que finalmente ficou adormecida. Levanta-se a manhã seguinte como se tivesse sido destroçada. Em algum lugar das rondas, começou a sentir pena por si mesma, no entanto, se recuperou e decidiu o que fazer.

Não era seguro manter as moedas no castelo. Era possível que as roubassem, ou pior. Felizmente, adormeceu um pouco mais cedo que o habitual e como consequência acordou um pouco mais cedo. Até o momento em que os trabalhadores chegaram, ela já havia se arrumado para colocar as moedas no porta-malas do carro.

—Então, você também vai a Londres senhora?

Emily se voltou e olhou a Sean com surpresa, tratando de pensar como poderia responder à pergunta sem mostrar o fato de que este era o primeiro indício do paradeiro de onde tinha ido Nigel. Uma cara de poker não era algo natural para ela, no entanto, levou muito tempo em responder. Sean avermelhou.

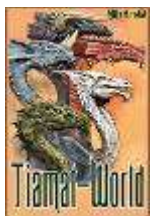
—Só estava pensando, que se você também se fosse a Londres para estar com o Mr. MacKisscack, talvez você não nos ocupasse por uns dias.

Emily sentiu o aumento de cor em suas bochechas.

—Não. A menos que necessite alguns dias livres?

—Sou seu funcionário. Não posso pagar aos credores por estar sentado todo o dia. Emily forçou um sorriso.

—Muito certo. Entretanto espero retornar, mais tarde. Possivelmente passe a noite na



cidade, no máximo, retornarei amanhã e prefiro que fiquem agora que as coisas começaram a melhorar.

Não planejou dirigir todo o caminho para Londres, mas uma vez que Sean sugeriu, decidiu que era a melhor ideia. Além disso, uma cidade internacional a daria mais possibilidades de vender as moedas.

Era horrível dirigir para Londres. Tinha pensado que se acostumou a dirigir ao outro lado do caminho, mas tinha dirigido anos e anos no EUA, e era difícil acostumar a dirigir ao contrário.

Além disso, era uma cidade estranha, e dirigir em uma cidade que é desconhecida era desconcertante.

Tomou mais tempo do que foi esperado fazer a viagem, e estava exausta para quando chegou.

Todos os bancos estavam fechados.

Como não havia nada mais que fazer, Emily localizou um hotel onde dormir. O carregador a olhou com estranheza quando levantou suas malas, mas ignorou o curioso olhar, abriram caminho a sua habitação.

Não pôde evitar perguntar-se, se de verdade Nigel tinha vindo a Londres e de ser aqui, onde se estava hospedando, mas suprimiu o desejo de procurá-lo, passando uma tarde tranquila em seu quarto. À manhã seguinte, Emily despertou cedo e mandou descer suas malas de novo, dirigiu ao banco que tinha escolhido alugado um cofre de segurança o suficientemente grande para colocar as moedas. Sentiu-se melhor uma vez que as guardou, ao menos no sentido de que o medo de ser roubadas desapareceu. Ficando com uma das moedas, saiu do banco e passou as seguintes horas procurando nas lojas por um possível comprador.

Era quase meio-dia para o tempo em que conseguiu localizar a última loja em sua lista e estava começando a sentir a pressão do tempo. Por conseguinte se chocou com um homem na loja. A segurou quando se recuperou.

—Perdão! Sinto-o muito! Estava com pressa e não olhei por onde ia. — Emily desculpou-se, olhando para cima ao homem que ligeiramente sustentava seus ombros e depois se congelou de surpresa.

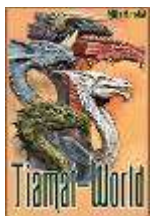
—Está bem.

O sotaque era britânico e ainda muito semelhante ao sotaque sulino que ela conhecia. No entanto, tão agradável como foi, o sotaque não foi o que chamou sua atenção. Era alto, quase como Nigel ou possivelmente um pouco mais alto. Era difícil dizer, sua estrutura era mais leve. Seu rosto era atrativo no sentido masculino, todos os planos duros e ângulos. Seus olhos, uma sobra de azul pálido, um arrepio percorreu as suas costas e foi isso o que a congelou nesse lugar.

Foi um tempo depois, que se deu conta de que ele estava sorrindo.... E a tinha soltado. Para sua surpresa, ele se aproximou a ela, farejando, como inalando o aroma de uma flor. Algo brilhou em seus olhos, quase com satisfação.

—Seu perfume é quase tão atrativo como seu adorável rosto e sotaque.

Emily sentiu o rubor subir, sobre tudo porque o único perfume que levava era o aroma da



barra de sabão com o que se banhou.

—Obrigado. Desculpe quase o atropelo.

Quase a contra gosto, tirou suas mãos, para o alívio de Emily.

—Temo que não possa estar de acordo. Simón... Umphreys.

Emily piscou. Tomou um momento dar-se conta de que se havia introduzido. Olhou ao redor um pouco, incomoda, perguntando-se onde estava o dono da loja.

—Emily Hendrick. — Disse finalmente estendendo sua mão.

—Turisteando?

—Como?

Levanto suas sobrancelhas.

—Está de visita?

—OH. De fato me mudei. Comprei um lugar...Uh...Ao norte.

—No que posso te ajudar hoje?

—Desculpe? — Emily perguntou surpreendida.

Levanto suas sobrancelhas e deu um passo para trás, gesticulando amplamente ao redor da loja.

—OH. É... Uh... O proprietário?

Sorriu levemente, quase a ponto de encolher-se de ombros.

—Quando uma coleção de antiguidades torna-se quase uma necessidade o melhor seria comprar um lugar maior ou pôr uma loja.

Emily riu, mas a história pareceu um pouco exagerada. Ele não parecia o tipo de ter uma tendência de colecionador. Não tinha nenhum problema em vê-lo como um, mas algo não parecia certo com esse homem em vê-lo como um comerciante. Internamente, deu de ombros.

—De fato, estava procurando vender algo. Tenho uma pequena coleção de velhas moedas.

Ficou olhando-a uns momentos.

—Posso vê-la?

—É obvio. — Sentindo-se incomoda pelo olhar do homem, Emily procurou em sua bolsa e finalmente tirou a moeda. Pegando-a de sua mão, se moveu atrás do balcão, procurando algo por um tempo e finalmente pegou uma lupa e estudou a moeda. Incomoda por alguma razão, Emily vagou pela loja, tentando fingir interesse nas coisas da loja que não sentia.

—O que é isto? — perguntou finalmente, depois de olhar uma estranha coisa de pele e metal por uns minutos.

Simón olhou para cima, levantando sua cabeça para ver que estava estudando ela.

Sorriu.

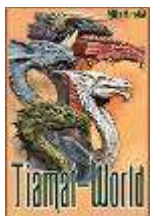
—É um cinturão de castidade.

Emily avermelhou por completo.

—Está brincando, certo?

—Desculpa?

—Uma brincadeira? — Sorriu — É sério. Vem com um pouco de história.



—Certamente que o faz. — Murmurou Emily.

Sorriu a isso, mas o próprio senso de humor de Emily desapareceu ao olhar à coisa. Uma ideia estava se formando na cabeça. Uma absoluta escandalosa ideia.

—Quanto custa?

—Desculpe?

—O cinturão de castidade.

A estudou por um momento e finalmente deu um preço que soava muito barato, considerando todas as coisas. Para seu alívio, ele não perguntou por que estava interessada nisso.

—Tem a chave?

—Está junto ao cinto.

—Vou levá-lo. — Emily disse decididamente.

Ele a olhou com curiosidade por um tempo, mas finalmente deixou a moeda de lado e se moveu ao redor do balcão. Quando o embrulhou e pegou o dinheiro, retornou a examinar a moeda.

—Está em uma boa condição. — comentou depois de um momento.

Emily não disse nada. A moeda estava em um perfeito estado, parecia que nunca esteve em circulação. Era possível que algumas das moedas tivessem sofrido um arranhão na cama de Nigel, mas certamente ela não tinha notado nada mau com as moedas. O mais provável, pensou, era que ele estava tratando de baixar o preço.

—Você diz que tem uma coleção? Destas? De várias moedas?

—Só estas.

Assentiu, soltou a moeda no balcão e começou a procurar nos livros.

Emily o olhou furtivamente ao longo do tempo. Começou a ter o sentimento de que ele não estava procurando cuidadosamente o valor da moeda a não ser perdendo o tempo. Não sabia por que pensava isso. Ele não parecia nervoso. De fato ele não parecia nem sequer emocionado com a moeda.

—Muito valiosa. Um pouco por cima de meu toque, de fato. Considerou as vender em um leilão?

Emily olhou para ele desconfiada.

—Na verdade não. A renda é muito imprevisível não é assim?

Deu de ombros.

—Pode ser. Suponho que depende da casa de leilão, e então é claro, o preço que defina para a partida. Pode conseguir muito mais, do que obtém em uma loja. Os leilões atraem os colecionadores.

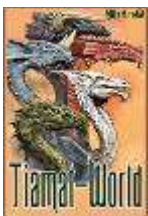
Emily se tinha movido para o balcão quando ele começou a falar.

Sorrindo, estendeu a mão para a moeda.

—Pensarei um pouco. Não tenho muita pressa.

A estudou com atenção por uns momentos colocando a moeda em sua mão.

—Quer almoçar comigo?



A surpresa deixou a Emily sem fala por uns segundos.

—Eu...Uh...De fato, devo retornar... Mas obrigado pela oferta.

Ela sorriu largamente.

—Você não pode simplesmente sair correndo, Emily Hendrick. Como vou conhecer você?

Emily corou, sentindo-se quebrada. Ele era um homem atraente, e seu interesse era adulator, particularmente depois do jeito em que Nigel a havia tratado. Não soube por que se sentiu tão inquieta ao aceitar.

—Há um restaurante na esquina com um jantar ao ar livre.

O alívio alagou a Emily. Se comessem no exterior, não haveria nenhum dano em ir com ele.

—Acho que não preciso ir agora então.

Capítulo dezesseis

Simón Umphreys era encantador. Para o tempo que terminaram sua refeição, Emily se perguntava porque havia se sentido incomoda com ele.

—... Acho que provavelmente é a história mais chata que escutou, mas assim foi como cheguei a ser o dono da pequena loja na esquina.

Emily piscou, sentindo-se como se acabasse de despertar do atordoamento. A cor foi às bochechas quando se deu conta de que não recordava nem a metade da história “chata” que aparentemente ele tinha contado. Ficou o olhando? Perguntou-se. Olhando-o como uma adolescente impressionada?

Franziu a testa, pensando melhor, mas não sabia porque o faria. Ele era bonito, e seu sotaque a fascinava tanto como a ressonância de sua voz, mas não se deu conta de estar simplesmente “fascinada”. Sentia-se como se acabasse de acordar. Com um esforço, sorriu educadamente.

—Acredito que não foi absolutamente chata.

—Então... O que trouxe você para a Inglaterra... Além de vender essas moedas?

Não queria dizer a ele sobre o castelo. Não sabia por que não queria, mas algo a reteve. Em vez disso, deu de ombros.

—Acho que eu só queria uma mudança de cenário.

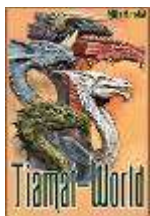
Suas sobrancelhas se elevaram questionando-a.

—Certamente, não teria que viajar ao redor do mundo para encontrar isso? Os EUA é um lugar enorme, segundo minha geografia.

Precisou de um grande esforço para sorrir desta vez.

—Sim é. Considerei me mudar a outro estado, mas quando fui ao corretor de imóveis, aconteceu que vi este folheto de... Um lugar aqui e me apaixonei por ele.

Seu olhar a avaliou.



—Não foi por um desses maridos ciumentos e obsessivos dos que se costuma ouvir, certo?

O comentário irritou Emily. Não estava segura se levou para o lado certo ou não, mas soou como a um insulto.

—Os EUA não têm mercado para idiotas. Pelo que posso ver todos têm sua parte... Mas não

— Respondeu com aspereza, e olhou a seu relógio. — Eu tenho que ir.

A irritação brilhou em seus olhos brevemente.

—Mas não antes me dar algo para poder entrar em contato com você, espero.

Emily enviou um vago sorriso em sua direção e se concentrou em juntar suas coisas.

—Pensou sobre o leilão? Se preferir, posso dar umas ofertas por você... Encontrar o melhor lugar para negociar.

Emily o olhou hesitante, mas a verdade era que realmente precisava converter as moedas e colocar dinheiro em sua conta.

—Isso é muito amável, mas não quero abusar de sua boa disposição.

—Para nada. Estaria encantado. A verdade é, que acredito que conheço alguém, mas preciso revisar primeiro antes de ir mais à frente com isto. Posso chamar você quando souber algo certo.

—Uh... Não tenho telefone ainda.

—Eu vou te mandar uma carta então.

Não o pôde evitar. Ruborizo-se até o cabelo.

—Na verdade, não me lembro do meu novo endereço.

Sorriu.

—Isso me pôs em meu lugar.

—Não, de verdade que não! Pode me mandar um e-mail. — Adicionou tentativamente.

Franziu o cenho.

—Acreditei que disse que não tem um telefone.

—Não o tenho... Ainda. Mas o terei nos próximos dias. De qualquer forma, posso revisar meu e-mail de qualquer telefone.

Pegou dois cartões de apresentação, enquanto Emily procurava em sua bolsa algo com que escrever.

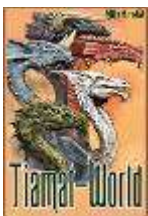
—Use meu cartão. E leve o outro contigo. Contém todas minhas informações aí.

Emily tinha misturado os sentimentos a respeito de todo o encontro. Estava estranhamente atraída pelo homem, e ainda assim, ao mesmo tempo, ele a fazia sentir-se incomoda. Não pôde decidir porque era isso. Tentou embora poderia e fez, recordar uma e outra vez a conversa que tinham tido, seus expressões, seus gestos, não pôde encontrar nada no que ele disse, ou algo em suas maneiras que a advertissem.

Era indiscutível que havia alguma coisa. No entanto finalmente decidiu que estava sofrendo de paranoia ou de culpa.

Claro, não tinha nenhum motivo para sentir-se culpada. Não tinha uma relação com Nigel.

Eram amantes, simples e liso, e nunca aceitou muito isso. Além disso, ele deixou muito claro, independentemente de sua atitude agradável e desagradável de chamar o pão de pão, que era



apenas sexo. Não tinham compartilhado nada mais, nada. Ele vê seu negócio como próprio, e não mostrava ter interesse algum nela, ou quando ela estava à mão para “alimentar-se” de sua força de vida.

Olhou o pacote no banco traseiro do carro e sorriu.

—A surpresa espera por você!

Nigel não estava em casa. Emily não soube se a descoberta a irritou ou a deprimiu ainda mais. Convenceu a si mesma que ele iria voltar quando ela voltasse e que ele estaria muito irritado pelo fato de que ela saiu sem dizer nada.

Em vez disso, parecia como se ela fosse de esperar sentada como uma obediente escrava, esperando sua volta. Ela estava calma depois de dar umas voltas pelo castelo para ver que fizeram em sua ausência.

Havia luz! Tinham telefone! Inclusive seu novo fogão e refrigerador foram entregues e instalados.

Não tinha a ninguém a quem chamar, é obvio. Brincou com a ideia de chamar o Simón e dar seu telefone mas descartou depois de um momento. Simplesmente não estava cômoda com a ideia de que ele soubesse onde se encontrava quando ela sabia tão pouco dele. Supostamente, tinha-lhe dado um bom histórico de si mesmo quando comeram, mas não pôde lembrar muito do que ele disse. De fato embora o tivesse feito isso não significaria nada, qualquer um poderia mentir.

Finalmente depois de uma refeição solitária, pegou seu laptop e a conectou à linha telefônica. Sua caixa de e-mail estava cheia, não muito surpreendente. Não tinha revisado em semanas. Depois de apagar o lixo, descobriu um par de dúzias de mensagens dos amigos... E três de Simón.

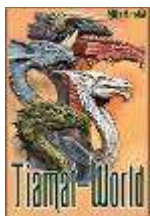
Um pouco de emoção, uma parte de emoção e algum desconforto passaram por ela quando viu os e-mails com seu nome. Com tudo isso, as mensagens não tinham sido nada trabalhosas. Depois de responder o último, onde perguntou se fez uma boa viagem de volta, começou a ler e responder aos amigos de casa.

Uma nova mensagem de Simón apareceu quando ela ainda estava em linha. Emily tinha o sentimento de que simplesmente devia ignorá-lo, mas não pôde. Finalmente, inclinou-se pela urgência de conversar com ele e se mudaram a uma sala de chat.

O anonimato a fez sentir segura, apagou seu sentido de desconforto e se encontrou paquerando com ele quando o tom das mensagens mudou de negócios a paquera.

Capítulo Dezessete

Emily despertou três noites depois para encontrar Nigel ao lado de sua cama, olhando-a.



Havia algo em seu olhar que a penetrava profundamente, uma necessidade além da sexual. Instintivamente, Emily levantou os braços, o acolhendo.

Alívio passou por seu gesto. Sem dizer uma palavra, nu, subiu à cama com ela e a pôs sobre seus braços, beijando-a com a fome de um homem faminto. Acariciando suas costas dura e ombros, acariciando seu cabelo sedoso, devolveu-lhe o beijo com um ardor que o igualava ou superava, dando-se conta, com seu toque o muito que sentiu sua falta.

Depois de uns momentos, arrastou sua boca da dela e se concentrou em seu corpo, passando suas mãos sobre um ombro indo para baixo, a sua coxa e logo movendo suas mãos para cima outra vez enquanto dava beijos ao longo de sua garganta, sobre seu seio e ventre, como impaciente por tocar e saborear cada polegada dela. Sua própria necessidade estava fora controle e gemeu e se retorceu contra ele, puxando-o, incitando a reclamá-la em sua totalidade.

—O que é isto? — Nigel perguntou abruptamente, rompendo com a neblina de sua paixão viciante.

—O que? — Emily perguntou vagamente.

Tocou o cinto.

—Isto.

Repentinamente como se a tivessem jogado água fria, Emily recordou o maldito cinto de castidade.

—Uh... — Disse, tentando ganhar tempo.

Nigel se moveu da cama e acendeu a luz, olhando à coisa ofensiva.

—Parece um cinto de castidade.

—Parece? — Disse, ainda sentindo-se um pouco desorientada por ter sido tirada da onda de prazer para a desagradável realidade—. Uh, por que é isso.

Nigel pôs suas mãos em seu quadril.

—Tire-o.

Emily olhou para ele com ressentimento, dividida entre o desejo, que ele havia despertado nela, e a urgência que a levava para colocá-lo no lugar por um lado, a total determinação de negar-se a ele, e negar a paixão que tinha despertado nela tão facilmente.

—Eu não posso. Está fechado. Preciso da chave. — A olhou— Está armário da porta. — Disse com certo receio.

Recuperando-a, ficou de joelhos no colchão e se inclinou para colocar a chave no cadeado. Depois de dar voltas para em frente e para trás por um momento, retirou a chave de novo.

—Está é a chave errada. — Disse acusadoramente.

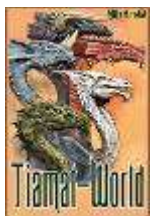
Emily sentiu o queixo cair.

—Não pode ser a chave equivocada! É a única chave!

Ele a olhou com desconfiança por uns momentos.

—Não funciona. — Disse sem rodeios.

—Me dê isso gritou Emily, tirando a chave de sua mão e empurrando-a no cadeado ela mesma— A Merda! Deve estar oxidada...Passei azeite na maldita coisa!



—Não está oxidada. Não é a maldita chave. De todas as formas por que inferno você colocou isso?

Emily o olhou, dividida entre a indignação de que perguntasse isso, frustrada pela paixão, e a profunda ansiedade de que não ia poder tirar a coisa, agora que a tinha posto.

—Nós podemos discutir isso depois que eu remover essa merda?

—E o que sugere, vendo que você não testou a chave antes de pôr o cinto?

—OH! Então agora é minha culpa que o homem que me vendeu isso me desse a merda da chave errada?

—Não. É sua culpa ter posto isso em primeiro lugar! — Gritou— E a culpa é sua por não ter pensado em revisar a chave antes de pôr isso.

—Emily o olhou por uns momentos e finalmente saiu da cama.

—Isso não ajuda a tirar a coisa. — Disse com frieza, caminhando para a porta e batendo-a.

Seguiu-a pelo corredor, para as escadas e dentro da cozinha, olhando-a enquanto ela procurava ao redor nos gabinetes por algo com que abrir a coisa. Quando isso não funcionou, ela começou a tirar as facas, procurando uma com uma lâmina de serra.

—Por que você pôs isso em primeiro lugar, moça?

Emily o olhou.

—Se você pensasse um pouco, eu aposto que você iria descobrir. — Disse asperamente.

—Para me manter longe de seu pote de mel? — Aventurou-se.

Apesar de sua irritação, sentiu uma urgência de sorrir. Com um esforço, a sufocou. Ele tomou seu silêncio como um sim.

—Você me deu as boas vindas. — Disse timidamente—Não sonhei isso?

Emily suspirou.

—Estava meio adormecida maldição! — Reflito sobre isso, enquanto lutava para colocar a faca que tinha escolhido. —É complicado.

Gentilmente, retirou a faca de sua mão, colocou sobre o móvel e se ajoelhou em frente dela. Depois de estudar o cinto um momento se inclinou para frente e soprou na fechadura. Emily escutou um ruído metálico e o cadeado se abriu. Ficou vendo sem compreender por um tempo.

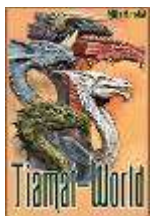
—Como fez isso? — exigiu com assombro.

—Sou um vampiro, moça. Apreendi uma coisa ou duas nos últimos duzentos anos.

De pé, a segurou pelos ombros, a olhou por uns instantes e finalmente se inclinou e deu um beijo na frente. Quando se afastou dela, ele simplesmente desapareceu.

Nada, Emily refletiu triste ao frear seu entusiasmo pela vida em geral, ao dar-se conta que, no momento em que pôde afastar o homem, que realmente não o queria afastar.

O cinto de castidade parecia que tinha funcionado à perfeição, mas não pôde colher nenhuma sensação de triunfo ou êxito. Quando Nigel se foi da cozinha, primeiro tinha estado surpreendida e depois zangada. Não era como se tivesse tentado pendurá-lo e depois deixá-lo suspenso. Não sabia se estava em seu quarto ou não, mas olhou para a porta fechada de enquanto



ia a seu quarto e bateu a porta.

Tinha o estado evitando por vários dias antes de perceber que ele mal parecia notar. De fato, estava apenas no castelo mais para dormir, e realmente estava começando a incomodar muito, pensar em que podia estar fazendo. Tinha medo, sabia, mas não queria pensar muito nisso.

Quando não pôde suportar mais e finalmente percebeu que ele não ia chegar nela. Juntou toda sua valentia e ofereceu a ele um ramo de oliveira, como uma bandeira de paz.

—Tenho que devolver o carro. Já proroguei o prazo duas vezes. Pensei em procurar um carro enquanto estiver na cidade. Se quiser, posso te dar aulas de direção.

Nigel estava concentrado em seu próprio estúdio, levantou o olhar ausente do livro que estava lendo.

—Sinto muito. Não escutei, o que você disse?

Tinha estado tão envolvido no que estava lendo, e percebeu que não tinha escutado nada do que ela disse. De certa forma, não pôde reunir coragem outra vez, para tentar de novo.

—Nada. Não importa.

Provavelmente foi o melhor, ela disse a si mesma enquanto arrumava sua bolsa de viagem e se dirigia ao carro. Disse ao Simón que o veria para discutir sobre as moedas.

Capítulo Dezoito

Era tentador comprar um novo carro, mas à exceção da herança de seus pais, o dinheiro nunca chegou a ela fácil e Emily percebeu que não ia se sentir confortável com a ideia de comprar um carro, embora tivesse os meios para comprá-lo sem desembolsar o dinheiro que esperava ganhar com a venda das moedas.

Uma vez mais, não foram vendidas, e não podiam vender os ovos antes de nascessem. Encontrou finalmente um modelo velho, mas em excelentes condições, dirigiu-se ao hotel onde ficou da última vez e se registrou.

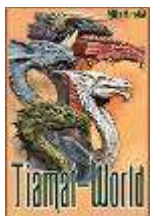
Simón, descobriu que ele deixou um recado sobre balcão.

Uma vaga corrente de desconforto a percorreu. Não podia recordar se disse a ele onde se hospedou antes, ou que tinha intenções de ficar no mesmo hotel. Imaginou que o fez. De outra forma... Como ele iria saber?

Decidiu que somente estava sendo tola. Uma sensação de culpa a alagou. Racionalmente, ela sabia que não tinha motivos para sentir-se assim. Em primeiro lugar, não tinha interesses românticos, ou sexuais com o Simón. Só estava aqui por razões de negócios.

Em segundo lugar, não podia sentir-se culpada de traição, porque não estava envolvida com o Nigel, pelo menos já mais. Mas ainda sentia como se estivesse fazendo algo errado. Não pôde sacudir o sentimento e se deu conta de que era porque, apesar de tudo, estava unida ao Nigel.

Amava-o.



Como pôde ter sido tão teimosa e mentir para si mesma, por tanto tempo. E por que se deu conta agora, era provavelmente muito tarde para fazer algo a respeito. Sentou-se em seu quarto por um momento, olhando a parede e tratando de decidir se saía do hotel e retornava para casa imediatamente, ou chamava o Simón como tinha ficado e seguia com o assunto das moedas.

Não sabia o que fazer.

Se aceitasse que tudo o que Nigel disse fosse verdade, e no fundo de seu coração ela acreditava, então também tinha que aceitar que o castelo e tudo o resto por direito pertencia a ele. Então não poderia vender as moedas. Exceto porque ele deu as moedas para ela.

A pergunta era por quê?

Nunca disse sobre isso e ela tinha estado muito irritada para perguntar a ele. A verdade era que havia feito um grande esforço para manter esse incidente fora de sua mente. Não podia vender as moedas, finalmente decidiu. As devolveria a Nigel e perguntaria o porquê ele as deu. Precisava saber.

No entanto, não podia voltar ao castelo sem dizer nada. Fez um acordo com o Simón a respeito da venda, e não seria correto deixá-lo plantado, quando ele se tomou todas as complicações tentando chegar a um acordo para ela.

Movendo-se para a cama, pegou o cartão do Simón de sua bolsa e marcou seu número. Respondeu no quarto toque.

—Simón?

—Olá, Emily. Já chegou?

Esteve muito tentada a mentir e dizer que não estava na cidade.

—Faz pouco tempo. Ouça... Desculpe-me, mas não posso vender as moedas. Sei que passou por muitos problemas para arrumar as coisas e sentiria-me feliz por pagar seus serviços, mas... Não as posso vender.

Ficou calado por um momento.

—Problemas?

Emily mordeu seu lábio.

—É um pouco complicado.

—Por que não discutimos isso no jantar? Você já comeu?

Pensou que isso era uma má, má ideia.

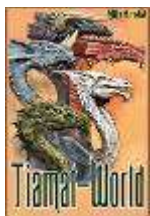
—Não. Quero dizer, não jantei, mas estou muito cansada, já que eu dirigi todo o dia.

—Se não estiver cômoda conversando sobre negócios, não o faremos, mas eu gostaria de ver você de qualquer jeito.

Esse era exatamente o problema. Tinha o pressentimento de que ele queria um relacionamento pessoal e ela não podia fazer isso. Por outra parte, tinha estado paquerando com ele por internet. Ela o animou. Era tão tentador tomar o caminho covarde e rejeitá-lo aí no telefone onde não poderia ver seus olhos, isso não estava certo.

—Onde?

—Importaria-se em me buscar? Ou você prefere me encontrar em algum lugar?



Não demorou muito em decidir isso. Por muito preferia a segunda opção, porque não podia pensar em algo mais desconfortável que fazer a viagem de volta ao hotel depois de rejeitá-lo.

—Eu vou te encontrar.

Acertaram a hora, e depois deu o endereço do hotel, já que a ela não estava familiarizada em Londres. Seu estomago deu ferroadas com os nervos ao minuto que desligou e esteve tentada a ligar para ele e cancelar tudo.

—Covarde!

Quis ligar para o Nigel, mas lutou com a urgência. O que poderia dizer?

Quando olhou a hora, descobriu que ia chegar tarde ao encontro com Simón, ao menos que se apressasse. Depois de um banho rápido, vestiu-se e deixou o hotel, dirigindo segundo as instruções que ele deu.

Começou a suspeitar que estava caminhando para uma armadilha antes que estacionasse em frente de uma grande casa na zona residencial. Simón não deu o endereço de um restaurante! Havia-lhe dito como chegar a sua casa!

Emily soube que tinha que ir embora, retornar ao hotel e chamar o Simón. Se estacionasse e fosse para a porta, ele ia assumir que aceitou seu convite de sedução.

Depois de refletir, rejeitá-lo por telefone parecia à melhor opção.

No entanto, enquanto olhava a mansão, encontrou-se parando o carro e desligando o motor. Simón estava parado ao lado de seu carro quando chegou. Agarrando sua mão, a saudação ao estilo antigo.

—Eu estive esperando você.

Enquanto olhava para a mansão pensou em como havia estacionado o carro e desligado o motor sendo que havia decidido não fazer isso.

—Não sei... O que estou fazendo aqui.

Elevou um braço para seus ombros, levando-a para a porta principal.

—Precisamos de um pouco de privacidade para o que tenho em mente.

O alarme a sacudi mandando calafrios às costas de Emily, mas descobriu que não podia empurrá-lo nem sequer protestar uma vez que ele a levava para dentro e fechava a porta atrás dele.

—O que está acontecendo?

Sorriu.

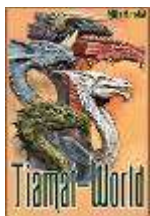
—Nada ainda. Teremos que esperar até que Nigel chegue.

Emily franziu a testa, mas descobriu que seus pensamentos eram cada vez mais e mais deslocados.

—Ele virá?

—Espero que sim — Simón respondeu pensativamente — Tenho a sua mulher.

Capítulo dezenove



Emily se encontrou na cama, sem roupa. Não parecia poder se mover.

Lutando, finalmente conseguiu mover a cabeça o suficiente para ver seus pulsos, mas, para sua preocupação, descobriu que não estava amarrada de qualquer forma que ela pudesse ver. O rosto do Simón nadou para seu olhar.

—Não posso me mover. — Sussurro fracamente.

Ele levantou suas sobrancelhas.

—Não esperava que fosse capaz, Ou sim?

O comentário a confundiu.

—Drogou-me?

Sorriu pelo comentário.

—Não tenho necessidade de tais coisas.

—É um vampiro.

—Muito bem, mas agora eu penso que foi pouco esperta no momento em que nos conhecemos. Mas como arrumou isso para ter o ouro do Nigel?

Tão difícil como foi colocar seus pensamentos em ordem, Emily conseguiu ver que Simón estava atrás de Nigel e ele pensou que podia usar ela para chegar a ele.

—Que Nigel?

Esboçou um sorriso.

—Boa tentativa. — Inclinou-se para ela — Mas o cheirei em você no momento que caminhou por minha porta. Sabia que ele havia te reclamado como sua mulher. — Colocando-se no extremo do colchão, riscou seu dedo por seu corpo desde sua garganta até sua boca — Encantador. Sempre admirei o gosto de Nigel com as mulheres. Talvez te segure comigo quando acabar com o Nigel. O que você acha disso?

—Não.

Sorriu, mostrando suas presas pela primeira vez, e Emily sentiu outro arrepio de medo passar por ela.

—Sempre gostei de desafios. As mulheres dóceis podem ser muito aborrecidas.

—Ele não virá.

—Penso que virá.

—Por que está fazendo isto?

—É engraçado você perguntar — Disse Simón, levantando-se e caminhando pela habitação

— Vingança... Por uma mulher. Isso dói em você?

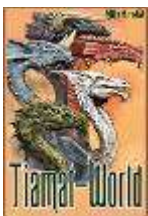
Sim doía, mas não ia admitir.

—Uma mortal, ou vampiro?

Inclinou a cabeça, estudando-a.

—Como você, era parte de ambas.

A surpresa passou por Emily.



—Eu sou mortal.

—Mas o sangue de vampiro corre por suas veias, também. Uma pequena porção, mas está aí. Suspeito que ele o sentiu, talvez não. Talvez não se dê conta de porque te encontrou tão irresistível, mas as pessoas sempre são atraídas aos de sua mesma espécie.

—Isso é uma loucura. Eu saberia se fosse um vampiro!

Sorriu.

—Como? Por favor, me diga.

Emily o olhou com confusão.

—Saberia.

Sacudiu sua cabeça.

—Os de sangue azul, como eu e Nigel... Sabemos, porque conhecemos nossas raízes. Você não saberia ao menos de que te dissessem, além de saber que teve um ancestral que fosse de qualquer outra espécie.

Você não apenas “soube”

—Então como sabe?

—Porque tem o “modo”. Os mortais não o têm.

Emily franziu a testa em confusão.

O modo?

—Pode resistir à tentação. Os mortais não podem. Se fosse totalmente mortal, não estaria fazendo tantas perguntas. Estaria deitada como um bom cordeirinho, esperando seu destino.

O comentário deu esperança a Emily. Recordou que Nigel havia encontrado nela “um pouco de resistência”. Ele pensava que era porque estava fraca por ter dormido tanto, mas talvez Simón estivesse certo. E, se isso fosse verdade? Talvez pudesse liberar-se?

—Não pode. Não tem a força.

—Poder o que? — Emily perguntou com precaução.

Esboçou um sorriso.

—Não guarda seus pensamentos tão bem, tampouco.

—Talvez deveria me deixar ir. Nigel não virá. Não sou sua mulher.

Inclinou sua cabeça, estudando-a. Finalmente, ele atravessou o quarto e parou a seu lado novamente, acariciando seu rosto. Instantaneamente, Emily sentiu como se fosse dormir, sentiu o mesmo desconforto de ir à deriva e perder consciência ao seu redor.

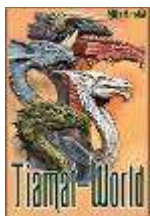
Encontrou-se em sua própria cama, olhando a Nigel. Estava-a estudando, sua expressão protegida, mas cheia de necessidade. Uma sensação de bem-vinda passou por ela, esquentando-a. Seu corpo passou pelo desejo e levantou seus braços para ele.

Vagamente, percebeu que estava sonhando com seu último encontro.

Sentiu um desnecessário alívio quando recordou como terrivelmente mal que tudo acabou.

—Não quis fazer isso, Nigel. Por favor. Não se zangue comigo. Eu te amo.

Para seu alívio, ele parecia que aceitava suas desculpas, subindo à cama com ela e apertando-a em seus braços, beijando-a como não precisasse de mais nada além do ar. O desejo,



cresceu, explodindo dentro dela enquanto a beijava, enchendo-a com seu calor, com sua essência.

Repentinamente, o beijo mudou completamente e se deu conta de que não era Nigel quem a estava beijando. Lutou, tratando de empurrá-lo, mas se deu conta de que era inútil. Não podia lutar com ele.

—Nigel — Sussurrou com desespero, quando se sentia cair como escrava de Simón.

Despertou com total consciência quase tão abruptamente como tinha ficado adormecida e olhou para cima, ao Simón com surpresa. Um sorriso satisfeito cruzou seus lábios.

—Acredito que agora ele... Virá.

O horror e a confusão a encheu.

—O que fez?

Sorriu.

—Eu? Nada mais que convocar suas lembranças... Essas que você tem com o Nigel.

—Era uma lembrança? Não um sonho?

—Uma lembrança que compartilha com o Nigel. — Enfatizou.

—Você me fez ver isso! — Disse acusadoramente — Me fez chamá-lo!

Deu de ombros.

—Esse é o ponto. Não me interprete mal, eu acho você muito atraente, mas estou mais interessado em vingança no momento. Mais tarde, possivelmente...

—Nunca! — Emily ofegou — Não posso imaginar como pode ser tão presunçoso para pensar que eu consideraria deixar Nigel por você, mas estas equivocado.

Deu de ombros.

—Sua última amante, fez.

—Bom, então ela era uma idiota.

A raiva atravessou seu rosto pela primeira vez.

—Se Evangeline seguisse aqui, talvez poderia explicar a você a atração, mas como Nigel tirou a sua eternidade, agora ela não pode falar por ela mesma. Morreu. Faz muitos anos.

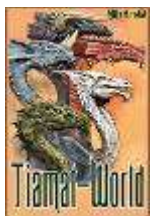
—Eu não tirei nada — Rosnou Nigel, aparecendo de repente na porta do quarto.

Com um assobio de rosnado, Simón virou, mudando inclusive quando se transformava em uma bola de fumaça. Reapareceu diretamente em frente de Nigel, agarrando-o pelo pescoço e jogando-o através do quarto como se não fosse mais que um menino. Emily gritou ao ver o corpo voar pelo ar e se chocar contra a parede tão forte que fez tremer a casa.

Sem olhar em sua direção, levantou-se em alto e se lançou para Simón, chocaram-se no ar, lutaram e se separaram. Emily fechou o mais que pôde seus olhos, incapaz de mover-se, incapaz de ver. Entretanto, não podia tampar seus ouvidos aos sons da batalha, e finalmente se deu conta de que era mais aterrador só escutar e não ver a batalha ao redor dela.

Em poucos momentos, os dois tinham destruído a habitação e quebrado quase todos os móveis. A cama em que ela estava como escrava era como o olho do furacão, o único lugar de calma no mar da briga.

Estavam surpreendentemente próximos, considerando que Nigel era um homem mais velho



psicologicamente. Infelizmente, Simón parecia ter uma vantagem na magia. Lentamente, enquanto a batalha se desenrolava, o adormecimento que Simón pôs sobre ela começou a dissolver-se e percebeu que ele estava se enfraquecendo, embora não mostrava sinal disso.

Com um esforço tremendo, se livrou dele, levantou e agarrou a colcha para cobrir-se com ela.

—Parem! — Gritou — Por favor, parem! Ela está morta. Evangeline está morta! Não podem trazê-la de volta, não importa o que façam o um ao outro!

O grito distraiu a ambos os homens. Era toda a distração que Nigel necessitava para ganhar a partida. Capturou Simón pela garganta, levando-o a parede. Tirando dele o fôlego, tomou a mão de Simón e a pôs em sua testa.

—Você vê, maldito! Tenta perdoar a sua vida! — Rosnou.

Um olhar distante apareceu nos olhos de Simón enquanto sua mão ficava em Nigel. Entretanto depois de um momento, seu olhar mudou a confusão e finalmente a dor. Abruptamente, desapareceu em uma nuvem de fumaça.

Tremendo, Nigel virou, reclinando-se contra a parede enquanto lutava por recuperar o fôlego. Emily estava quase assustada da expressão de seu rosto.

—O que aconteceu?

—Mostrei a verdade. — Nigel disse com dureza.

Capítulo vinte

Nigel não parecia estar de humor para falar e Emily descobriu que tinha muita relutância a em perguntar. Talvez não gostasse das respostas tanto como Simón havia dito.

Vestia-se em silêncio, muito difícil até para atrever-se a olhar para Nigel.

O amanhecer estava por chegar, quando se foram da casa de Simón e se dirigiram de volta ao hotel para recolher seus pertences. Confundiu a Emily. Não se tinha dado conta de que tinha passado o tempo.

Como tinha podido perder toda a noite? Simón a tinha cativado. Perguntou-se que mais teria feito.

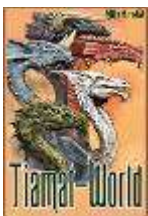
Ele disse que mostrou suas lembranças de Nigel. A parte onde Simón havia feito amor também tinha sido uma lembrança? Como podia ser se ela não recordava que tivesse acontecido... Exceto em um sonho?

O silêncio começou a ser intolerável depois de um tempo e Emily procurou em sua mente por algo que fosse seguro de falar.

—Arrumou seus negócios na cidade? — Perguntou depois de vê-lo várias vezes.

—E você?

O sangue subiu às bochechas. Entretanto, a raiva guerreou com os remorsos dentro dela.



Nigel sabia muito bem que Simón era capaz de hipnotizá-la e que não necessariamente ela tinha ido de boa vontade.

Supôs que o fez, mas não no sentido que Nigel pensava.

—Por que você foi para ele?

Emily procurou em sua mente por uma explicação.

—Não o fiz... Exatamente.

Ele a olhou de tal forma que fez que seu sangue gelar.

—Ele não levou você do castelo MacKissack.

Emily franziu os lábios com raiva.

—Como você quer. — Disse com força.

Ela pôde escutá-lo chiar os dentes.

—Você pode fazer isso ir mais rápido? — Demandou.

A urgência de romper em lágrimas encheu Emily. Não podia esperar para desfazer-se dela! Empurrou as lágrimas para trás com um grande esforço.

—Se não for o suficiente rápido para você, maldição, então faz um de seus malditos truques de desaparecimento! — Para seu espanto, ele o fez.

Não queria falar com ele, de qualquer maneira. Se alguém tinha que estar chateado, ela tinha todo o direito!

Ambos a tinham usado. Eles lutaram por outra mulher, justo na frente dela. Como o desgraçado se atrevia a tratá-la como se ela o houvesse enganado, quando ele foi à casa do Simón para brigar por essa maldita Evangeline.

No momento em que chegou ao castelo, Emily conseguiu trabalhar em uma raiva maciça. Não foi fácil carregar as malas cheias de moedas, mas fez seu melhor esforço. Nigel estava andando pelo corredor quando ela entrou.

Jogando a mala para ele. Infelizmente, era muito pesado para realmente jogá-la. A mala caiu no chão a seus pés e abriu, jogando as moedas em todas as direções. Depois de olhá-lo, Emily cruzou o corredor e foi às escadas.

Nigel apareceu em seu quarto enquanto ela caminhava de um lugar a outro, furiosa empacotando suas malas. Cruzando os braços sobre seu peito, inclinou-se contra a porta.

—Onde você está indo dessa vez? — Resmungou.

—Para casa! — Murmurou ela.

—Esta em casa!

Apesar de seus esforços, o queixo de Emily tremeu.

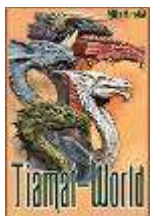
—Não, não estou! Georgia é minha casa e este é o lugar onde vou!

—Por quê? — Nigel perguntou em voz baixa.

—Por que!... — Emily se lamentou, abandonando o esforço de manter suas emoções sob controle.

Empurrando a porta para fora, Nigel cruzou o quarto e agarrou seus ombros.

—Essa não é uma razão, moça.



— Por que... Te odeio! — Emily o gritou furiosamente, tratando de afastá-lo.

—De verdade?

—Não! — Gemeu.

Ele sorriu, para sua surpresa, envolvendo seus braços em volta dela e puxando-a para ele.

—Eu fico feliz em ouvir isso, Emily Hendrick, porque eu te amo, tanto que a vezes sinto que não posso respirar.

As palavras se apoderaram dela, tirando o ar de seus pulmões.

—De verdade? — Disse sem fôlego pela surpresa.

—Sim, eu te amo.

Emily rompeu a chorar, afundando seu rosto em seu peito.

—Eu pensei que amasse Evangeline.

—Houve um tempo, faz muito tempo, em que pensei que o fazia. Quando me deixou pelo Simón, estive furioso. Levou um tempo me dar conta que era tudo o que havia. Estava zangado porque ela havia me deixado. Se realmente a tivesse amado, também estaria ferido. Quando ela deixou Simón e me perguntou se eu queria ter ela de volta, soube que não tinha ferido nada mais que meu orgulho, não meu coração.

Absorvendo as lágrimas, Emily se afastou dele.

—De verdade?

—Sim, é a verdade.

Franziu a testa.

—Então, por que lutou com o Simón?

Deu-lhe uma olhada.

—Ele tinha você, moça. Você não pensou que foi por outra coisa?

Não estava de tudo convencida, mas ele estava dizendo todas as palavras corretas e desesperadamente quis que tudo fosse verdade. Suspirando, se inclinou contra ele.

—Eu senti tantas saudades de você. Sinto muito por... Tudo. Só queria... Não sei o que queria.

Nigel lhe deu um apertão carinhoso.

—Eu não gosto dos homens de hoje, posso aprender as coisas que tenha perdido, mas nunca serei como os homens aos que esta acostumada, Emily. Nasci faz muito tempo e vivi em tempos diferentes a este, e além disso, sou um vampiro. Eu sei que você pensou que eu não levei em conta... Bem você estava certa. Estou tão acostumado a tomar o que desejo, e eu te disse. Não acredito que esta em mim mudar o meu jeito, amor.

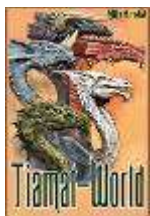
Emily negou com a cabeça.

—Eu te amo, Nigel. Apaixone-me por você exatamente como é. Não quero que mude.

—Não? — Perguntou, empurrando-a um pouco para olhá-la.

—Bom... Talvez um par de coisas, pequenos ajustes. — Disse Emily, sorrindo enquanto colocava seus braços ao redor de seu pescoço e levantava sua cabeça para acariciar seu pescoço.

Ele emitiu um som que foi metade rosnado e metade risada. Seus braços se apertaram ao



redor dela. No momento seguinte se inclinou e tomou em seus braços, carregando-a para a cama e jogando-se junto a ela. Emily ofegou quando aterrissaram, esperando escutar as lascas de madeira, mas os lábios de Nigel tiraram todos os pensamentos de sua mente de uma vez que explorava cada centímetro de seu corpo que estava exposto. Quando acabou de explorar todo o território, retirou a roupa e se reencontrou com ela.

Emily sentiu disparar no primeiro toque de seus lábios. Sua diversão desapareceu, sendo substituída por uma necessidade desesperada. Sua necessidade o encheu e começaram a lutar para tirar a roupa que ficava até ficarem completamente nus, cada centímetro de seu corpo tocando-se, derretendo-se cada um enquanto se beijavam e acariciavam até chegar ao máximo de sua paixão.

E quando seus corpos se uniram, Emily percebeu porque o seu toque tinha convertido seu sangue em fogo líquido desde a primeira vez que fizeram o amor. Estavam feitos o um para o outro.

Depois, quando sua felicidade mudou a um calor agradável, ela apoiou sua bochecha contra seu peito, acariciando-o enquanto escutava o batimento de seu coração a um ritmo acelerado.

—Por que me deu o ouro? — Perguntou depois de um momento.

—Era seu.

Um sensação de paz se colocou sobre Emily. Relaxou, aliviada. Quase estava adormecida quando se lembrou de algo mais.

—O que você quis dizer quando disse que não podia estar grávida?

Nigel ficou tenso.

—É o preço de uma vida longa, amor. É uma coisa rara para um vampiro poder procriar outro vampiro. Algo que não posso fazer.

—OH. — Emily disse.

—Não está chateada?

—Não.

Seus braços se apertaram ao redor dele.

—Eu estava com medo que você ficasse quando se inteirasse que não poderia te dar um filho.

—Para ser sincera, a verdade é que nunca pensei em ter um. Eu acho que é porque nunca amei alguém na verdade. Agora é diferente.

—De verdade?

—Mmm.

—Então, está bem com isso?

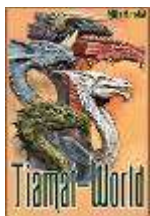
—Mmmhmm. Porque eu estou.

—Esta?

—Grávida.

Nigel se sentou abruptamente.

—Esta o que?



Emily começou a rir.

Nigel a olhou.

—Tem um torcido senso de humor, Emily Hendrick!

—Eu não estava rindo porque era uma brincadeira. Estava rindo pela expressão em seu rosto.

A olhou por um longo momento e ao final franziu a testa

—Você esta com uma criança, ou não?

—Com.

—Tem certeza disso?

—Sim.

—Não pode ser meu. — Disse ele com voz estrangulada.

Emily se sentou e bateu no seu queixo.

—De quem mais séria! — Exigiu indignada — Não estive tendo sexo com ninguém mais, maldição!

—Fazendo amor — Corrigiu-a — Está certa, então?

—Eu disse que estava não? — Explodiu.

Um sorriso curvou seus lábios.

—E é meu. — Deu-lhe uma olhada — Não me olhe dessa forma, moça. É só que me custa acreditar. Não estava acusando você de nada.

Um pouco mais calma, recostou-se de novo.

—Acredita que será menino ou menina? — Perguntou depois de um momento.

—Um dos dois.

—É sério.

—Eu também.

Guardou silêncio e depois de um momento Emily começou a sair de novo.

—Arrumou seus assuntos na cidade?

—Uhn, — Resmungou ausente.

—Sim.

—Satisfatoriamente?

—Sim. Tive que hipnotizar ao maldito gerente a cargo de minha conta no banco, mas fez muito bem com ela ao longo dos anos.

—Conta bancária? Como assim? — Emily perguntou com curiosidade.

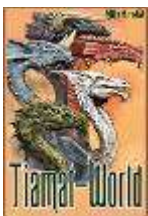
—Não posso recordar a palavra que o homem usou. Suspeito que inventou, porque nunca tinha escutado o número antes, mas tudo parece está em ordem.

Emily se sentou de novo.

—Se você tivesse tido uma conta bancaria por todo esse tempo, deve estar com milhões. — Ofegou.

—Não. Essa não foi à palavra.

—Trilhões? — Emily ofegou com incredulidade.



—Sim. Foi essa. Penso que isso nos cobrirá muito bem por alguns anos.

Epilogo

Emily pulou quando sentiu o contato de Nigel, e depois sorriu enquanto seus braços se deslizavam ao redor de sua cintura, acariciando o vulto de seu ventre.

—Ainda tenho problemas para acreditar que vamos ter um filho. — Disse em voz baixa.

—Você sentiu seu chute. — Recordou-lhe — Ele está definitivamente aí... E crescendo.

—Então, será um menino?

—Realmente quer saber? Já tenho o resultado do exame.

—Não. Quero que seja surpresa.

Levanto uma mão para seu rosto.

—Estou tão feliz de que me dê um filho.

—É você a quem está me dando isso, Emily... Algo que nunca esperei ter. Eu te amo.

—Também te amo.

—Tenho algo que quero te dar.

—O que?

—A eternidade.

Emily sentiu os batimentos irregulares de seu coração. Era algo que nunca tinha considerado antes, mas sabia sem sombra de dúvida que ela queria estar para sempre com Nigel. Arrastando um fôlego, inclinou sua cabeça, oferecendo seu pescoço.

Sentiu sua respiração quente enquanto deixava cair seus lábios em sua garganta, colocando um beijo no pulso de sua jugular. Esperando sentir uma mordida, a surpresa a encheu quando levantou a cabeça uma vez mais e ele colocou algo metálico e frio em seu pescoço.

Olhando para baixo, viu um brilho azul.

—O que é isto? — Ofegou.

—Um diamante azul.

Emily sentiu uma faísca de inquietação.

—Não se supõe que são de má sorte?

Sorriu ligeiramente, inclinando-se para beijar seu pescoço uma vez mais.

—Não para os do clã dos vampiros, carinho.

Engoliu com dificuldade.

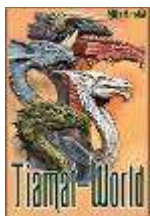
—Mas, eu não o sou.

—É claro que você é moça ou então, você não teria resistido tanto.

Emily pensou nisso em silêncio.

—É um símbolo então? Como ter o sangue de vampiro?

—De certa forma. Mas mais que isso. Enquanto o use, o tempo não terá poder sobre você.



Emily não estava segura de acreditar nisso. Estudou a preciosa pedra por uns momentos e finalmente levando a palma de sua mão.

—Tem algum nome?

—Sim. Eternidade.

FIM



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>